TEXTO DE APOIO PARA OS ALUNOS

11ª Classe – 2º Ciclo

LÍNGUA PORTUGUESA

Ministério da Educação
Cultura e Formação

CAMÕES INSTITUTO DA COOPERAÇÃO E DA LINGUA
MINISTÉRIO DOS NEGÓCIOS ESTRANGEIROS
PORTUGAL

IMVF
Instituto Marquês de Valle Flôr
ONGD

escola+
Educação para Todos

Índice

UNIDADE DE ENSINO-APRENDIZAGEM 8: TEXTOS DE CARÁCTER TRANSACCIONAL E EDUCATIVO **4**

Comunicado 4

Actos ilocutórios 5

Reclamação 7

Protesto 13

Coerência e coesão 16

Preparar testes e exames 18

UNIDADE DE ENSINO-APRENDIZAGEM 9: TEXTOS DOS MEDIA **21**

Textos de Opinião /Apreciação Crítica 21

Anúncio Publicitário 22

UNIDADE DE ENSINO-APRENDIZAGEM 10: TEXTOS EXPOSITIVO-ARGUMENTATIVOS 28

Texto Expositivo 28

Texto Argumentativo 29

Texto Expositivo-Argumentativo 30

Sermão de Santo António aos Peixes de Pe. António Vieira 37

Sobre o *Sermão de Santo António aos Peixes* 49

UNIDADE DE ENSINO-APRENDIZAGEM 11: TEXTOS DE TEATRO 52

Texto Dramático 52

Género Literário – Tragédia 53

Tchiloli ou a Tragédia do Marquês de Mântua e do Imperador Carloto Magno 54

Análise da Tragédia *Tchiloli* 57

UNIDADE DE ENSINO-APRENDIZAGEM 12:TEXTOS NARRATIVOS 68

Vida e obra de Baltasar Lopes 68

Chiquinho – Romance de Iniciação 68

Chiquinho – Análise da obra: "Infância" 69

Chiquinho – Análise da obra: "S. Vicente" 74

Chiquinho – Análise da obra: "As-águas" 77

Chiquinho – Em Síntese 82

UNIDADE DE ENSINO-APRENDIZAGEM 13: TEXTOS LÍRICOS 83

Figuras de estilo 83

Literatura Africana em Língua Portuguesa 85

Origens 85

Literatura Colonial 86

Literatura Africana de Expressão Portuguesa 86

Desenvolvimento da Poesia Africana 86

O Movimento da Negritude 87

Comentário de Texto 88

São Tomé – Francisco José Tenreiro, Caetano C. Alegre, Alda do Espírito Santo e Marcelo da Veiga 89

Angola – Agostinho Neto e Luandino Vieira 98

Cabo Verde – Jorge Barbosa 102

Guiné Bissau – Vasco Cabral e Amílcar Cabral 104

Moçambique – Noémia de Sousa..... 106

Bibliografia 108

UNIDADE DE ENSINO-APRENDIZAGEM 8: TEXTOS DE CARÁCTER TRANSACCIONAL E EDUCATIVO

- **COMUNICADO**

Textos do domínio transaccional são aqueles que têm como objectivo satisfazer algumas necessidades de comunicação burocrática e administrativa e que se utilizam principalmente em serviço.

(Do Programa)

O comunicado, à semelhança dos vocábulos relacionados (comunicar, comunicação, comunidade), remete para a função referencial, aquela que, primordialmente, visa tornar comum um conjunto de informações.

Normalmente, o comunicado é emitido em nome de uma entidade colectiva oficial ou, então, de um indivíduo que ocupa um cargo proeminente, envolvido em questões de interesse público. Ao nível da recepção, esta é normalmente assumida por um grupo com preocupações ou interesses afins ao emissor ou à mensagem emitida.

Entre o relevo da informação emitida e o destaque conferido ao conjunto de receptores que se quer ver informado, o meio privilegiado para a difusão do comunicado identifica-se, principalmente, com o da comunicação social.

ESTRUTURA	**CARACTERÍSTICAS DO DISCURSO**
TÍTULO	• Cativante • Inédito • Verdadeiro • Objectivo • Denotativo • Frases nominais
1º PARÁGRAFO — **Introdução/ *lead***	• Alguns apresentam introdução de acordo com a estrutura do texto narrativo. • Outros têm, logo no início, um parágrafo-síntese da matéria que o resto do texto desenvolve (data, hora, local, entidades predominantemente envolvidas.
RESTANTES PARÁGRAFOS	• Curtos • Linguagem simples, clara • Informações ordenadas das mais importantes para as mais simples

Comunicado

Dia Mundial da Saúde

7 de Abril de 2002

Hoje comemora-se o Dia Mundial da Saúde. O MPT (Movimento do Partido da Terra) propõe **três medidas simples e eficazes** para que os portugueses gozem de melhor saúde e vivamos melhor, diminuindo as despesas com a saúde.

1. Introdução do **sal natural, não refinado e rico em magnésio** na alimentação, incluindo em todos os serviços públicos como cantinas escolares e hospitais. Já há mais de 70 anos que são conhecidas as propriedades imunológicas do magnésio contribuindo para suster o avanço do cancro e outras enfermidades.

2. Preservação das **águas subterrâneas** impedindo a sua contaminação com **nitratos, fosfatos e metais pesados.** Para isso é imperioso impedir a utilização de adubos químicos de síntese em todas as zonas de infiltração e alimentação das fontes e nascentes bem como uma correcta ordenação das zonas industriais e um correcto tratamento para os resíduos.

3. Promoção da **medicina preventiva** e regulamentação das medicinas alternativas enquadrando-as no Serviço Nacional de Saúde, dando a **livre escolha** às pessoas. Além de diminuir a pressão sobre os hospitais e permitir uma melhor utilização dos recursos humanos e materiais existentes, traz uma significativa redução de custos.

(notícia na internet)

COMPREENSÃO

Após a leitura atenta do comunicado, responde às questões seguintes:

1. Refere a sua temática.
2. Explica de que modo os pontos 1, 2 e 3 do texto esclarecem os objectivos enunciados no primeiro parágrafo.
3. Consideras que a informação do comunicado é de interesse geral ou particular? Porquê?
4. Estabelece uma relação entre o emissor e o assunto tratado.
5. Identifica a estrutura do comunicado.
6. Analisa a linguagem do texto tendo em conta a objectividade/subjectividade do vocabulário utilizado e o registo de língua predominante.

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

1. Elabora um comunicado dirigido à tua Escola, informando-a de que a tua turma vai organizar um concerto de música (identifica o tipo / grupo / artista) para angariar fundos para uma causa ambiental (define qual).

- **ACTOS ILOCUTÓRIOS**

Um acto ilocutório é um tipo de acção que se pretende realizar com um determinado enunciado.

Tipo	Objectivo ilocutório	Exemplos
Actos ilocutórios Assertivos	Relacionar o locutor com a verdade daquilo que ele próprio expressa no seu enunciado.	O meu carro é amarelo.
Actos ilocutórios directivos	Levar o alocutário a realizar a acção (verbal ou não verbal) que o locutor expressa no seu enunciado.	Passa-me esse livro!
Actos ilocutórios compromissivos	Comprometer o locutor com a realização da acção (futura) expressa no seu enunciado.	Trago-te o livro amanhã.
Actos ilocutórios expressivos	Exprimir o estado psicológico do locutor acerca da realidade expressa no seu enunciado.	Parabéns pelo prémio!
Actos ilocutórios	Trazer uma nova realidade a existência;	

declarativos	alterar a realidade das coisas, por meio da realização do acto.	Declaro-vos marido e mulher.
Actos ilocutórios declarativos assertivos	Trazer uma nova realidade à existência; alterar a realidade das coisas, por meio da realização do acto, mas relacionando o locutor com a verdade daquilo que ele próprio expressa no seu enunciado.	Declaro o réu culpado.

Acto ilocutório - tipo de acção que se pretende realizar com um determinado enunciado.
Acto locutório - a emissão de palavras em si mesma considerada.
Acto perlocutório - o efeito produzido pelo que dizemos.

---

1. Lê o texto que se segue.

COMUNICADO DE IMPRENSA
Tardes de Matemática
"São quadrados, são perfeitos:
São feitos de outros quadrados"

Será possível cortar um quadrado em quatro partes e delas fazer um triângulo? E cobrir um tabuleiro de xadrez de 8x8 com peças de dominó equivalentes a dois quadrados do tabuleiro? Estes são alguns dos exemplos que serão discutidos na próxima Tarde de Matemática de Vila Nova de Gaia, que terá lugar na Fnac do Gaia Shopping, no Sábado, 24 de Fevereiro às 15h30.

Nesta sessão, o matemático António Guedes de Oliveira falará sobre os "puzzles" geométricos e outras formas da chamada "Matemática Recreativa". Discutirá as propriedades dos quadrados e a sua relação com os outros sólidos geométricos. Guedes de Oliveira é Professor Catedrático do Departamento de Matemática Pura da Faculdade de Ciências da Universidade do Porto.

A palestra terá a duração de uma hora, seguida de uma conversa com o público. As Tardes de Matemática ocorrem desde 2001 em Lisboa, desde 2005 na região Porto e desde 2006 na Madeira. São uma iniciativa da Sociedade Portuguesa de Matemática (SPM), em conjunto com o Pavilhão do Conhecimento – Ciência Viva, e contam com o apoio do Centro de Matemática da Universidade do Porto e da Fnac.

Para mais informações, é favor contactar:
Gabinete de Imprensa da SPM: Renata Ramalho, 217 951 219 / 960 131 220, imprensa@spm.pt

Alguns sítios:
Tardes de Matemática: http://www.spm.pt/noticias/tardesmatematica2007.phtml
Resumo da Tarde de Matemática "Criptografia: das Histórias de Espiões ao Mundo da Internet": http://www.spm.pt/noticias/resumostardes2007/criptografia.html

in http://www.spm.pt/(adaptado)

COMPREENSÃO

Depois de teres lido com atenção, responde às seguintes questões:

1. Identifica o emissor e os destinatários desta comunicação.
2. Indica a informação que se pretende dar a conhecer.
3. Distingue a informação nuclear da que, para o efeito imediato pretendido, pode ser considerada acessória.
4. Clarifica o objectivo das duas interrogações com que o texto começa.

5. Consideras o título deste comunicado apelativo? Porquê?
6. Analisa a linguagem do texto tendo em conta a objectividade/subjectividade do vocabulário utilizado e o registo de língua predominante.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Apresenta três sinónimos para o verbo «reclamar» e elabora três frases correctas com os mesmos.

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

1. Redige uma carta de reclamação em que o assunto seja o seguinte: «Devolução de artigo com defeito e reembolso da quantia paga».
   Não te esqueças de respeitar as características formais deste tipo de documento.

- **RECLAMAÇÃO**

A reclamação consiste na exposição de uma queixa, exigência, recurso ou reivindicação normalmente decorrente de erro ou negligência causadora de insatisfação.

Informalmente, as reclamações são formuladas por via oral, apontando-se, no mínimo, o motivo da queixa.

Formalmente, é-o por via escrita, indicando-se os seguintes dados:

- identificação do reclamante;
- objecto da reclamação (explicação sobre o motivo a reclamar, indicação de provas e respectiva fundamentação de direitos);
- objectivo da reclamação (indicação da solução esperada).

Trata-se de:

- uma reivindicação de um direito.

- um requerimento dirigido à autoridade reivindicando a reparação de algo tido como injusto por aquele que protesta.

Dicionário Houssais da Língua Portuguesa, Tomo V, Círculo de Leitores

Reclamação	Directa – feita pelo próprio Indirecta – feita por terceiros	▪ oral ▪ escrita

Para reclamar convém possuir	▪ documentos comprovativos da violação do direito
	▪ testemunhos
	▪ base legal

Características do discurso	▪ Expositivo-argumentativo
	▪ Referências cronológicas
	▪ Linguagem objectiva, concisa e clara

****

RECLAMAÇÕES

Automóvel roubado em oficina

«Deixei o meu automóvel numa oficina para reparação. Dado o atraso na entrega do automóvel, falei com o responsável pela oficina, que confessou ter sido assaltado três dias antes e que tinham levado o meu automóvel. Perguntei como resolveríamos o problema, ao que ele apontou para um aviso onde se lia que não se responsabilizavam por furtos e roubos de automóveis na oficina. Disse-me, ainda, que também não tinha seguro e que, uma vez que o automóvel já estava pronto quando ocorreu o furto, eu teria que pagar a reparação. Será que tenho que suportar o prejuízo de ficar sem o meu automóvel e, ainda por cima, pagar por um serviço que nem sequer sei se chegou a ser prestado?»

13-08-02

****

Livro de reclamações

«Almocei com um amigo num restaurante no Centro Comercial da Portela, em Lisboa. Depois do pedido, aguardámos mais de duas horas para que o almoço fosse servido. Verificámos que as sopas estavam com um sabor estranho e os pratos muito mal servidos. No final, dado o mau serviço de cozinha e de atendimento, decidimos pedir o livro de reclamações. O gerente pediu-nos desculpa pelo sucedido, mas, quanto ao livro de reclamações, nada poderia fazer porque não o tinha. É obrigatório o livro de reclamações neste tipo de estabelecimentos?»

3-10-02

http://www.deco.proteste.pt/Deco/deco_caos_vividos_detail.asp?offset=5&nodeid=96941

****

Reclamação do mês

Direito à cópia privada

«Tenho comprado CDs musicais que depois não consigo ouvir no meu computador ou até na própria aparelhagem. Quando reclamo na loja onde os compro, trocam-nos por outros, justificando o problema com os mecanismos anti-cópia que as editoras implementaram no mercado. Será que não tenho o direito de utilizar plenamente um bem que adquiri e cujo preço paguei sem questionar? Se não tivesse aparelhagem Hi--Fi estaria proibido de ouvir CDs no meu computador ou no meu portátil?»

Têm-se tornado recorrentes as reclamações de consumidores que pagam um produto que depois não podem utilizar plenamente, neste caso, por alguns CDs audio estarem «protegidos» por sistemas anti-cópia, o que, na prática, se traduz na impossibilidade de serem ouvidos em determinadas aparelhagens Hi-Fi, computadores e outros aparelhos leitores, bem como é impossibilitada a realização de qualquer cópia privada.

Em relação a esta questão, a DECO já tornou pública a sua posição, através de comunicado de imprensa, pelo qual então se opôs a esta clara violação dos direitos dos consumidores.

A inserção destes dispositivos tecnológicos de protecção anti-cópia, pelas editoras, tem o fim confesso de proteger os direitos de autor da obra, sendo em sua defesa alegado que a tecnologia digital propiciou uma forma de pirataria informática quase perfeita.

Porém, esse argumento, para além de falacioso, é ilegítimo e mesmo abusivo, porquanto a salvaguarda dos direitos de autor ou dos detentores de tais direitos, já se encontra plenamente realizada no valor cobrado como preço ao consumidor.

A verdade é que qualquer CD nestas condições não satisfaz minimamente o fim para que foi adquirido, existindo uma patente desconformidade entre o bem e o contrato de compra e venda, ao privar o seu comprador do direito de o ouvir onde bem entender.

Como se tal não bastasse, o direito legalmente consagrado da cópia privada é também ostensivamente violado, desde que a reprodução (cópia) não cause injustificado prejuízo aos interesses do autor, saindo defraudadas as legítimas expectativas do consumidor.

Será certamente por esta razão que os estabelecimentos comerciais da especialidade não criam geralmente problemas aos consumidores quando estes reclamam e solicitam a troca do CD, por saberem, muito bem, que tais artigos terão legalmente de ser substituídos por outros nas devidas condições (sem tal dispositivo), ou mesmo ser devolvido o preço pago pelo consumidor.

http://www.deco.proteste.pt/Deco/deco__casos_vividos_detail.asp?nodeid= 13024

Nota informativa: **DECO**

Desde o seu nascimento, a DECO tem como objectivo, informar, defender e representar os consumidores portugueses. Sendo Parceiro Social e membro por direito das mais importantes organizações de defesa do consumidor internacionais, a DECO tem trabalhado em estreita colaboração com estas organizações para, desta forma, dispor de uma maior força para a defesa do consumidor. A DECO é uma associação sem fins lucrativos com o estatuto de utilidade pública, e que vive exclusivamente das quotas dos seus associados. http://www.deco.proteste.pt

COMPREENSÃO

1. A parte do texto em itálico do texto "Reclamação do mês" é uma reclamação (protesto contra algo que se considera injusto) feita à DECO (defesa do Consumidor).
  1.1. Identifica o assunto da reclamação.
2. Lê a resposta da Deco.
  2.1 Qual a posição assumida por este organismo?
  2.2 Refere o argumento utilizado pelas editoras.
  2.3 A Deco afirma que este argumento «é falacioso».
    2.3.1 Explicita o significado de «falacioso».
    2.3.2 Justifica esta afirmação.
3. Regista a conclusão a que a Deco chega no que diz respeito à não objecção às trocas dos CDs nos estabelecimentos comerciais.

EXPRESSÃO ORAL

1. Já alguma vez te sentiste enganado na compra de um produto? Conta a tua experiência à turma bem como a(s) medida(s) que tomaste.

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

1. Redige uma carta de reclamação sobre a situação que narraste na aula.

A. Considera cada um dos cenários de reclamação propostos.

CENÁRIO I

A: Não há condições! Que falta de respeito!
B: Não é justo que pague bilhete e não tenha direito a sossego.
C: Importam-se de me deixar assistir à representação? Grato.
D: Não há maneira de se calarem. Se tivessem ficado em casa!

CENÁRIO II

A: Já cá estou há muito tempo e também tive de esperar.
B: Grande lata! Vá para a fila.
C: Sempre a passarem-me à frente.
D: Não posso estar de acordo que atenda agora esse senhor. Cheguei primeiro.

1. Analisa cada um dos cenários, de acordo com os seguintes parâmetros:
- **1.1.** contexto sugerido em cada situação (local e condições);
- **1.2.** características do reclamante;
- **1.3.** vantagens/desvantagens de cada uma das formulações da reclamação.

B. Toda a reclamação, para surtir os efeitos desejados, deve ser caracterizada pela consciencialização e correcção do acto.

1. Planifica em trabalho de grupo, uma dramatização exemplificativa de um acto de reclamação, seguindo os requisitos abaixo descritos:

	Reclamação
Intervenientes	
Local	
Objecto	
Objectivo	
Argumentos	
Situação final	

2. Dramatiza essa situação e apresente-a oralmente aos colegas da turma.

3. Avalia o resultado da dramatização, aplicando os seguintes critérios:

	Situação 1	**Situação 2**
Correcção nas atitudes		
Correcção na linguagem		
Expressividade nos actos de linguagem		
Validade de argumentação		
Opinião relativamente ao fecho da situação		

1. Inspira-te na notícia apresentada:

Concerto "rock" ensurdece espectador

Ouvir um concerto "rock" pode ser suficiente para levar alguém à surdez. Foi isso que aconteceu em 1993, durante um espectáculo dos U2, na cidade francesa de Marselha. Um espectador, com 34 anos, contornou as barreiras para se aproximar mais da coluna. Resultado: perdeu 75 por cento da capacidade auditiva no ouvido esquerdo e 49 no direito, o que o torna legalmente surdo. Numa decisão inédita, o tribunal de Marselha decidiu condenar o produtor responsável pela organização do concerto a pagar uma indemnização de quase trinta mil euros (cerca de seis mil contos) ao espectador. Também os músicos sofrem com os elevados níveis sonoros a que estão sujeitos. Artistas como Jeff Beck e Pete Towshend já assumiram publicamente a sua batalha contra a tinite perpétua, que resulta num zumbido permanente nos ouvidos.

A tinite ou zumbido é uma sensação de ruído no ouvido, na ausência de qualquer sonoridade exterior, que está normalmente associada a perdas auditivas. O principal sintoma é a presença de ruídos vibrantes, de sons sussurrantes ou parecidos com assobios, e que apenas quem sofre da doença ouve. Eles podem ser esporádicos por vezes sincronizados com a actividade cardíaca, ou contínuos, variando geralmente em intensidade e notando-se sobretudo quando a intensidade de som no ambiente é pequena. Não se conhece com exactidão a causa da tenite, mas trata-se de um sintoma comum em muitos problemas auditivos resultantes da exposição prolongada a ruídos de intensidade elevada. A perda de audição pode ser temporária, algo que um período de repouso e silêncio pode corrigir. Contudo, uma exposição regular e prolongada a intensidades de som acima das recomendadas pode causar um desvio permanente dos limiares de audição, algo que não é medicamente recuperável.

in *Público*, 4 de Agosto de 2003, pág. 23

2. Escreve uma carta de reclamação (150-200 palavras) que obedeça às condições e à estrutura abaixo indicadas:
- assume a identidade do espectador referido;
- dirige a reclamação ao produtor do concerto;
- reclama em função dos dados informativos de que dispõe na notícia;
- indica o objectivo final da reclamação.

NOTA: Ao redigir a carta, aproxima-te do modelo gráfico esquematizado que se segue. A reclamação assume, com frequência, a forma de carta.

XXXXXXXX	- Local e data
XXXXXXXX	- Vocativo
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX	- Exposição do assunto e dos argumentos referentes à reclamação - pedido de reparação ou compensação
XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX XXXXXXXXXXXXXXXXXXXX	- Fórmula de despedida - Assinatura

1. Ao verbo "reclamar" podem associar-se alguns outros que também significam a reacção de alguém face a uma situação indesejada.

1.1. Selecciona formas verbais adequadas aos espaços das frases, evitando a repetição de verbos e respeitando o valor significativo da reclamação:

a. Como não foi cumprida a hora combinada, houve quem _____ da demora.
b. Os hóspedes não ficaram satisfeitos, mas não _____ contra o serviço prestado no hotel.
c. Deslealdade e vilania _____ fortes castigos.
d. Os acusados _____ piedade a quem os ia julgar.
e. O condenado decidiu _____ da decisão jurídica adoptada.

2. Assinala, com um X, as frases cujos verbos sublinhados são representativos do significado associado ao acto de reclamar.
a. Recorreu aos amigos mas não conseguiu o que pretendia. ___
b. Os alunos queixam-se de não terem tempo para estudar. ___
c. Alguma indumentária feminina exige um sapato mais elegante. ___
d. Os corpos abrasados pelo calor pedem líquidos gelados. ___
e. Nos casamentos, os noivos protestam respeito mútuo. ___
f. Ele arroga-se dono da empresa, mas só detém 10% das acções. ___

3. Considera, novamente, o verbo "reclamar".
3.1. Constrói frases que obedeçam à utilização das regências preposicionais solicitadas.
a. reclamar a **b.** reclamar por **c.** reclamar contra **d.** reclamar de

4. Atenta no exemplo dado:

Pedindo auxílio, a tarefa ficou mais facilitada.
Como se pediu auxílio, a tarefa ficou mais facilitada. (VALOR CAUSAL)
Assim que se pediu auxílio, a tarefa ficou mais facilitada. (VALOR TEMPORAL)

a. Os utentes reclamam, exigindo compensação pelos danos causados.
b. Não tendo dinheiro suficiente para a despesa, protestaram pela quantidade de reparações feitas.
c. Chegando a autoridade, queixam-se do incidente provocado.
d. Intercedendo pelo amigo, identificaram o responsável pelo episódio desagradável.
e. Cumprindo os regulamentos, não há lugar para reclamações.
f. Incluindo os bons resultados do ano passado, a crise é inevitável.
g. Reclamei, revelando atitudes correctas.

4.1. Faz o mesmo com as orações sublinhadas, substituindo-as por expressões iniciadas com os articuladores adequados.
4.2. Identifica o valor lógico que a oração sublinhada assume nas frases indicadas.

5. Atenta na seguinte carta de reclamação. Completa-a, riscando as hipóteses incorrectas fornecidas, entre parêntesis, ao longo do texto.

Ricardo Oliveira
Rua Sport Clube Vianense, nº45
4900 Viana do Castelo

BuyCar, Lda
Avenida 19 de Maio, nº25
4900 Viana do Castelo

ASSUNTO: Compra de veículo com deficiências

Exmos. Senhores,

(*À / Há*) data de 12 de Novembro de 2003, (*adquiri / adquirimos*) no vosso estabelecimento comercial, (*intitulado / denominado*) BuyCar e localizado na Avenida 1º de Maio, número 25, um automóvel de marca Mobile Fast, conforme factura número 123451/03, de que junto (*fotocópia / fotocopia*).

(*Portanto / Todavia*), dois meses após a compra, verifiquei que o carro não (*estava /está*) a funcionar nas devidas condições, pois o sistema de travões não se (*revelava /rebelava*) eficaz nem a direcção se (*encontra / encontrava*) afinada.

(*Deste modo / Não obstante*), venho, pela presente:

a) denunciar os defeitos mencionados, solicitando que V. Exas. se (*dignem / dignam*) mandar repará-los no prazo de dez dias, (*dado que / dado*) ainda mantenho o interesse na aquisição feita; ou

b) (*impelir / solicitar*) a V. Exas. a troca do veículo por um outro de que disponham no vosso stand; ou

c) rescindir, em última hipótese, o contrato celebrado com V. Exas.

Mais informo que (*procederei / precederei*) à devolução da viatura, mediante a restituição do montante pago.

(*Enquanto / Entretanto*), aguardarei, durante o prazo (*infra / supra*) mencionado, uma resposta de V. Exas., após que, de imediato, farei uso dos mecanismos legais disponíveis para o efeito.

Sem mais de momento e com os melhores (*cumprimentos / comprimentos*), subscrevo-me

Atenciosamente

Viana do Castelo, 15 de Janeiro de 2004

Ricardo Oliveira

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

Adopta o modelo anteriormente trabalhado.

1. Produz um registo semelhante e coerente com os seguintes objectos de reclamação:
a) uma colecção de livros; **b)** um computador; **c)** um telemóvel; **d)** um jogo.

- **PROTESTO**

Protestar vem do Latim «*protestare*», que significa afirmar solenemente ou declarar publicamente um facto.

O protesto é uma manifestação individual ou colectiva de discordância, em que alguém contesta algo.

À semelhança da reclamação, pode ser efectuado oralmente ou por escrito. De entre as várias formas de protesto, salientam-se as greves, os cartazes e as declarações de protesto (escrito formal do qual se reclama contra algo ou alguém).

Em geral, os termos protesto e reclamação são sinónimos embora em aplicações específicas possam ter entendimentos parcialmente diferentes que resultam da própria etimologia.

A. Observa as imagens apresentadas, relacionadas com as várias situações de protesto.

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ORAL

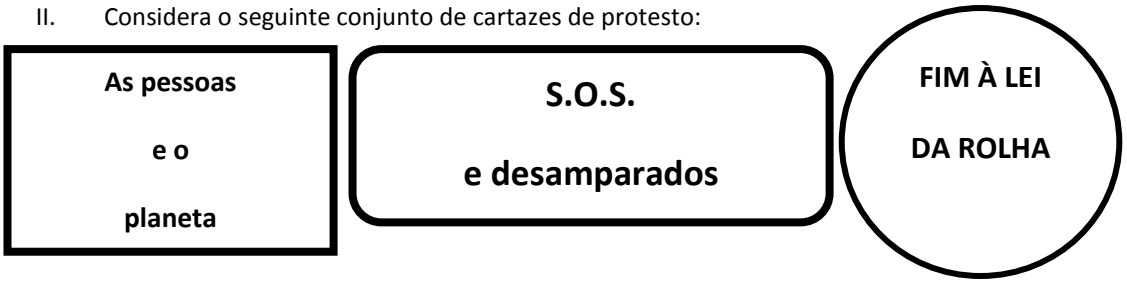
1. Expõe à turma as conclusões da observação, baseando-te na:
  1.1. Descrição objectiva das imagens;
  1.2. Interpretação das mesmas, relativamente à situação de protesto sugerida.
2. Avalia a eficácia dessas formas de protesto.
3. Identifica as frases verdadeiras e corrige as falsas.
  3.1. A reclamação e o protesto:
  a) realizam-se apenas por escrito;
  b) têm como objectivo a reparação de um erro ou negligência;
  c) são manifestações de concordância relativamente a algo;
  d) brotam de uma insatisfação individual ou colectiva.

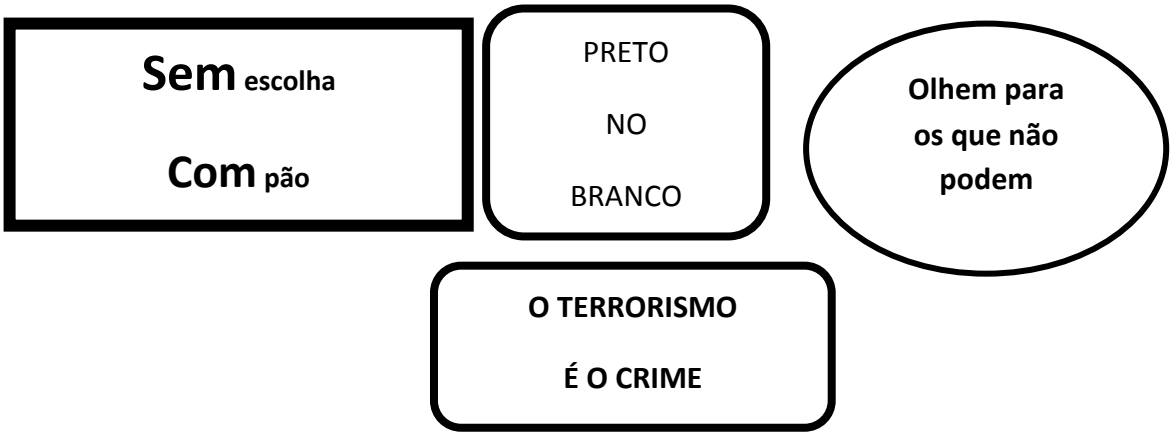
FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

I. Partindo do elemento derivante *protest-*, várias palavras são incluídas na língua portuguesa.
  a. No *Sermão XI*, de Padre António Vieira, o Rosário é encarado como a maior e mais universal protestação da fé.
  b. Houve um protestador relativamente ao contrato assumido.
  c. O Édito de Nantes, em 1598, concedia aos protestantes o livre exercício de culto.
  d. O Protestantismo refere-se ao conjunto de confissões e instituições cristãs, dissidentes do catolicismo, nascidas com a Reforma religiosa do século X⋁I.
  e. Ao protestantizar as práticas religiosas católicas em Inglaterra, Henrique VIII criou o anglicanismo.
  f. Reservo-me o direito de tornar público um procedimento de carácter protestatório, dado não concordar com as decisões tomadas.
  g. Quem tem sensibilidade libertária e protestativa acaba por questionar demasiado qualquer forma de poder.
  h. Entre apupos e outras atitudes de protesto, ninguém conseguia impor a razão.

1. Classifica morfologicamente as palavras derivadas no contexto frásico fornecido.
2. Identifica o processo de formação de palavras presente na passagem do verbo "protestar" para o nome "protesto".
3. Constrói uma frase em que a palavra "protesto" dá lugar a uma derivada por prefixação.
4. Escreve frases em que os termos sublinhados nas frases *b, c* e *h* adquiram uma classe morfológica distinta.

II. Considera o seguinte conjunto de cartazes de protesto:





1. Sugere condições que justifiquem a utilização de cada um dos cartazes.
2. Distingue o(s) cartaz(es) que:
  3.2. apresenta(m) estrutura frásica (com uma ou mais orações);
  3.3. é(são) construído(s) com frases simples;
  3.4. se caracteriza(m) pela construção de frase com sujeito sintáctico:
    3.4.1. composto;
    3.4.2. simples;
    3.4.3. nulo (subentendido).
4. Reconstrói as estruturas dos cartazes não frásicos, de modo a que estes apresentem uma frase (com uma ou mais orações).

ACTIVIDADES DE EXPRESSÃO ESCRITA E FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. O primeiro período do ano lectivo chegou ao fim e as classificações que obtiveste não são as melhores. Os teus pais não estão satisfeitos com a situação e tu sabes que poderás melhorar os teus resultados se alterares alguns dos teus comportamentos. Em forma de comunicado, informa-os das decisões que tomaste para alterar o rumo dos acontecimentos.

2. Na Internet, existe um *site* chamado Queixas, que tem por objectivo receber e tornar públicos os protestos dos cidadãos relativos às mais variadas situações, em áreas diversificadas (bancos, cultura, desporto, educação, comunicações, transportes, restauração, etc.), havendo também lugar para a resposta das entidades visadas pelas referidas reclamações.

2.1. Lê a queixa que se segue, retirada do referido site:

"Fui fazer um exame de codigo a dgv em Lisboa, cheguei a hora exacta que tinha de fazer um exame de codigo, disseram que tavam atrasados devido a um problema, demoraram mais de 1 hora, eu perguntei a senhora (da securitas e secretaria) que tava na entrada se havia alguma cabine ali ao pé para eu telefona para minha escola visto que tinha aulas de condução supostamente mal acabasse o exame, a senhora disse que nao havia, eu pedi para telefonar, ela recusou em deixar-me fazer o telefonema, ficamos uma hora a espera num calor apertado que fizessemos o exame, queria aqui deixar a minha reclamação visto que podiam ter mais respeito pelos seus "alunos" e visto que eu perdi uma aula de condução na qual pago muito bem por cada aula que tenho.

Obrigado"

http:www.queixas.co.pt/

2.1.1. Começa por reescrever o texto, corrigindo os erros que aí encontras — a nível ortográfico, morfossintáctico e de pontuação.

2.1.2. Redige, a partir da informação contida neste protesto, a carta de reclamação que poderia ser enviada à Direcção-Geral de Viação.

- **COERÊNCIA E COESÃO**

Coerência: um texto é coerente quando apresenta uma continuidade semântica e quando todos os enunciados produzidos pertencem à mesma unidade comunicativa.

A **coerência** depende, antes de mais, das relações de sentido que se estabelecem, de forma explícita, entre as palavras. Essas relações devem obedecer a três princípios: o princípio da relevância, o princípio da não contradição e o princípio da não redundância

As relações de sentido que se estabelecem, quer a nível explícito quer a nível implícito, constituem a **coerência lógico-conceptual.** Ex: *A revista francesa de banda desenhada "À Suivre" publicou a primeira parte de uma história sobre Saint –Exupéry.*

O autor de "O Principezinho" morreu no dia 30 de Junho de 1944. (A ligação entre os dois parágrafos só se estabelece se soubermos que Saint-Exupéry foi um escritor francês, autor, precisamente, de "O Principezinho". Esta informação não é dada no texto: está implícita.

Captar as informações implícitas é, portanto, fundamental para apreendermos a coerência do texto.

Fundamental para a coerência do texto é, também, a **pontuação**.

Um texto mal pontuado é difícil de perceber ou torna-se mesmo incompreensível.

O universo textual é determinado por uma continuidade de sentido, isto é, uma expressão linguística pode ter vários significados, mas um texto tem apenas um sentido. É esta continuidade de sentido que constitui a base para a coerência.

Coesão é o modo como os componentes superficiais do texto (palavras/frases) se encontram ligados entre si.

A coesão é um mecanismo linguístico que consiste na retoma, no interior do texto, de elementos, contribuindo deste modo para a sua unidade.

Há vários mecanismos de coesão: a substituição lexical, a repetição, a pronominalização, a definitivização , a articulação interfrásica, o tempo verbal, a anáfora, a catáfora e a elipse.

A **substituição lexical** consiste na substituição de uma palavra por um termo equivalente (funciona como um sinónimo). Ex: *De súbito, começa a gritar e a correr, pondo em pânico **as galinhas**. Cacarejando, a **bicharia** foge, sacudindo as asas.*

A **repetição** consiste na retoma de palavras já existentes no texto.

A **pronominalização** ocorre quando um nome pode ser representado por um pronome. Ex: *Estendeu a mão e afagou o lombo do **cão**. Também **este** escapara.*

A **definitivização** consegue-se na recuperação de informação graças ao artigo definido. Ex: *Um camionista surpreendeu um meliante a tentar abrir a janela de um camião. (...) **O** camionista, de nacionalidade espanhola, conseguiu deter o indivíduo.*

A **coesão interfrásica** refere-se às palavras (conjunções, locuções conjuntivas, advérbios, locuções adverbiais) que servem para ligar frases entre si.

O **tempo verbal** contribui também para a coesão textual.

O imperfeito do indicativo situa os factos num plano mais afastado e assinala uma situação que se prolonga no tempo.

O pretérito perfeito como que circunscreve um momento.

O presente do indicativo aproxima a situação referida do leitor.

A **anáfora** consiste numa retoma do referente de palavras anteriormente inseridas no texto (um elemento introduzido no texto remete para um antecedente). Ex: *Traumatizado, o **João** ficou em casa com os amigos. **Ele** nem a rua queria atravessar.*

A **catáfora** é um mecanismo inverso do que se verifica na anáfora (há como que uma antecipação da informação introduzida no texto, posteriormente). Ex: ***Tudo** nele, **os gestos** e **o modo de falar,** é uma imitação mal pronta dos homens que ouviu quando novo.*

A **elipse** consiste no apagamento de um elemento recuperável pelo contexto. Ex:

-*Queres ir comigo ao cinema?*

-*Sim, claro* **(elisão de: quero ir ao cinema)**

-*Sim, quero, mas não posso* **(elipse: ir ao cinema)**

Os **marcadores de coesão textual** constituem um dos meios privilegiados para ordenar, hierarquizar, ligar, tornar mais fluido o movimento construtor do discurso.

São expressões como (além disso, então, mais ainda, repare, finalmente) que **balizam o discurso**, que **orientam na interpretação**, salientando, retomando, explicando determinados conteúdos ou apelando para a atenção do interlocutor para que o contacto não se perca.

Há **conectores discursivos situados no plano directamente nocional:**

-Com pendor argumentativo (mas, repara, por exemplo, além disso, portanto, de facto)

-Com valor aditivo (mais, mais ainda, e também, além disso, ainda por cima)

-Com valor contra-argumentativo ou oposição (antes pelo contrário, não obstante, mesmo assim, apesar de tudo, em qualquer caso, isto não obsta a que, mas, sem embargo)

-Com incidência no valor causal (por conseguinte, assim pois, daí que, pois, então, porque, de maneira que)

-Na organização temporal do discurso (antes de tudo, antes de mais, para começar, num primeiro momento, em seguida, depois, por outro lado, mais tarde, finalmente, por fim)

-Na organização da informação textual (e depois, depois então)

-A reformulação que representa o esforço de adequação e de garantia da continuidade discursiva, explicação ou correcção (ou seja, melhor dito, quer dizer, por outras palavras, isto é, mais concretamente)

A estrutura do texto argumentativo tem marcadores específicos:

-A ordenação dos argumentos (em primeiro lugar, em segundo lugar, por último, finalmente)

-A conexão entre os argumentos (já que, assim, posto que, considerando que, de modo que, de tal modo que, por conseguinte, em conclusão)

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA E ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

1. Os textos a seguir registados foram retirados de uma entrevista publicada na revista *XIS* e modificados de modo a conterem incoerências. Assinala as passagens em que se manifestam essas anomalias e reescreve o texto, corrigindo-as (tal pode acontecer através da supressão de elementos dos textos).

a) Entrei para a escola de Teatro de Cascais em 1996. Tinha feito uma pequena peça de teatro no secundário e apaixonei-me totalmente. Foi nessa altura que muitos dos meus colegas resolveram repetir algumas disciplinas e eu decidi que queria passar o resto da minha vida em palco.

b) Gosto de manipular as marionetas de fios. Gosto de poder criar uma personagem, de considerar a marioneta essencialmente como uma personagem e não como um objecto plástico. Os meus pais gostavam imenso de ir ao teatro. Criar uma personagem e transmitir isso ao público através da marioneta enche-me as medidas.

c) Em Lisboa e noutras cidades, as crianças já estão habituadas a ir ao cinema ou ao teatro, mas na capital o acesso ao teatro é raro porque há poucas salas na periferia. No interior, as crianças vivem esta experiência de ver uma peça com marionetas de uma forma incrível, que acaba por ser mais entusiasta. Os meus pais sempre tiveram uma vida muito ocupada.

2. Corrige o emprego das conjunções presentes nas frases (a correcção pode passar pela substituição da conjunção/articulador ou por uma alteração da frase):

a) Está muito bom tempo, **portanto** não saio de casa.
b) O livro era muito caro, **mas** não o comprei.
c) Perdi o autocarro e cheguei cedo.
d) **Ou** chego atrasado **ou** apanho o autocarro.
e) Vi o jogo todo **embora** tenha chegado ao estádio com muita antecedência.
f) **Como** leio muito, dou alguns erros.

3. Os articuladores usados nas frases que se seguem estão mal aplicados. Procura substituí-los por outros, mais adequados.

a) Todos pensaram que o ataque ao presidente tinha acabado. No final, em contrapartida, o vereador criticou, por exemplo, a sua última iniciativa.
(substitutos a seleccionar: de novo, enfim, contudo, nomeadamente, portanto)

b) Se queres mesmo saber, digo-te já porquê: por exemplo porque era muito caro; aliás, porque o que tenho ainda me serve perfeitamente; com efeito, porque o novo modelo não traz novidades. (substitutos a seleccionar: então, mais tarde, primeiro, a saber, depois, finalmente, a saber, portanto)

4. Lê os dois textos e responde, em seguida, ao que te é pedido.

Quando faleceu, o duque de Brabante deixou os seus dois filhos, Elsa de dezoito anos e Godofredo de catorze, sob a tutela de um conde arruinado que, quase imediatamente, pediu Elsa em casamento. Elsa recusou. Frederico de Telramundo, o duque, procurou vingar-se. Em sonhos, apareceu então a Elsa um jovem cavaleiro que jurou defendê-la.

Lendas da Europa (texto adaptado)

O cavaleiro saudou o rei e, inclinando-se perante Elsa, perguntou-lhe se permitia que ele a defendesse. Elsa confiou-lhe por inteiro a vida. O cavaleiro pediu Elsa em casamento caso saísse vencedor da luta. Elsa aceitou. O cavaleiro impôs-lhe então uma última condição: ele protegeria Elsa, mas Elsa não tentaria saber a sua identidade. Elsa conformou-se com a condição. O cavaleiro desafiou o conde. O cavaleiro derrotou o conde.

4.1. Recorrendo às informações do primeiro texto, procura evitar algumas das repetições que se observam no segundo.
4.2. Imagina a figura física e psicológica de Frederico de Telramundo e faz uma descrição do conde, recorrendo à progressã por tema derivado.

▪ PREPARAR TESTES E EXAMES

➢ Termos usados nas questões presentes em testes e em exames

Deves dar muita atenção aos termos e aos verbos que antecedem as perguntas. É o **verbo** que te indica o que deves e como deves responder. Assim, se a pergunta começa por *Indica, o* tipo de resposta é muito diferente da exigida por uma pergunta que se inicia *por Analisa.*

Apresentamos-te, em seguida, a lista dos principais **verbos** com os **objectivos** que se pretendem atingir.

- **Analisa:** Divide nas partes principais e apresenta os resultados deste processo.
  Usa os resultados para descobrir os princípios gerais que estão subjacentes ao fenómeno, facto ou situação, que estás a analisar.
  Desagrega o material nas suas partes constituintes para se compreender a sua estrutura organizativa.
- **Aponta:** Indica, refere.
- **Argumenta:** Explica apresentando razões, argumentos.
- **Assinala:** Marca com um sinal (cruz, asterisco, sublinhado).
- **Avalia:** Apresenta o valor que atribuis a determinado facto, situação, afirmação, processo.
  Julga, aprecia ou determina o valor de.
- **Caracteriza:** Escreve as características.
  Apresenta os aspectos principais de um fenómeno, acontecimento, personalidade, personagem, facto ou teoria.
  Determina o carácter de um dado fenómeno ou facto.
- **Classifica:** Atribui um nome específico.
  Indica o grupo ou atribui uma classe.
  Regista a verdade ou a falsidade de uma afirmação; esta situação é pedida no enunciado da questão.
- **Comenta**: Dá uma opinião, faz uma avaliação sobre uma frase, um texto, um procedimento, apresentando os fundamentos; o comentário implica uma marca pessoal.
  Apresenta argumentos, aprecia.
- **Compara:** Escreve as semelhanças e as diferenças entre dois objectos, situações, processos, conceitos, factos ou teorias.
  Mostra como duas coisas são parecidas e distintas.
- **Completa:** Escreve o que falta numa frase, numa legenda, num desenho, num esquema; preenche.
- **Conclui:** Analisa os dados e com eles tira uma conclusão.
- **Conta:** Escreve por palavras tuas. Reconta um facto, acontecimento, utilizando um discurso próprio.
- **Critica:** Faz uma apreciação pessoal sobre uma afirmação, um texto, um acontecimento. Emite um juízo, justificando-o.
- **Deduz:** Tira uma conclusão: do geral para o particular; da causa para o efeito.
- **Denomina:** Dá o nome, diz como se chama.
- **Designa:** Dá o nome, diz como se chama.
- **Descreve:** Conta com rigor o que se passou, o fenómeno, o processo, o acontecimento.
  Regista, explica ou apresenta por palavras tuas o que aconteceu, de modo que outra pessoa possa compreender; ver o mesmo que tu.
- **Define:** Apresenta o significado, escreve o que uma palavra ou frase querem dizer
  Enuncia uma lei ou princípio.
- **Delimita:** Escreve quando começa e acaba um acontecimento ou um espaço. Pode também referir-se a um texto.
  Indica os limites.
- **Demonstra:** Escreve as razões ou os motivos de uma afirmação.
  Mostra porque fazes determinadas afirmações.
  Apresenta provas.
- **Distingue:** Aponta as diferenças entre dois ou mais aspectos, factos ou conceitos.
  Compara duas ou mais coisas, indicando as diferenças.
- **Elabora:** Faz, produz.
- **Enumera:** Escreve, diz quantos e quais são. Especifica componentes.
- **Enuncia: Diz**, escreve, apresenta.

- **Escolhe:** Opta, entre as várias hipóteses apresentadas, por aquela(s) que satisfaz(em) as condições enunciadas.
- **Esquematiza:** Faz um esquema, uma figura, um diagrama.
- **Exemplifica:** Dá exemplos de uma ideia, acontecimento ou fenómeno. Não tens de indicar todos os exemplos que conheces, mas apenas os mais importantes.
- **Expõe:** Escreve, apresenta.
- **Explica:** Apresenta as razões, as causas. Mostra como um conjunto de factos ou fenómenos permite que chegues a determinada conclusão.
- **Faz corresponder:** Liga elementos.
- **Fundamenta:** Diz porquê.
  Apresenta razões.
  Refere os dados que permitem chegar a determinada conclusão.
- **Identifica:** Reconhece e escreve um determinado conceito.
  Regista ideias, factos ou elementos, num texto, que correspondam ao que é descrito na pergunta.
  Extrai informação sobre dados apresentados num texto, num esquema ou num gráfico.
  Apresenta dados significativos.
- **Indica:** Menciona, assinala, aponta algo que é pedido no enunciado da questão.
  Diz o que é, diz o nome.
- **Ilustra:** Utiliza uma figura ou diagrama para explicar ou esclarecer.
  Esclarece mediante exemplos concretos.
- **Interpreta:** Explica o que aconteceu, explica o sentido de um texto ou expressão.
  Dá um sentido às relações entre dados ou resultados constantes de esquemas, gráficos ou tabelas.
- **Justifica:** Apresenta as razões que apoiam o que escreveste ou os motivos da tua escolha.
  Se na questão te pedem para justificares a tua resposta, deverás apresentar as razões que te levaram a responder de determinada maneira.
  Mostra as causas que te conduziram a determinadas conclusões.
- **Legenda**: Indica o nome.
- **Localiza:** Escreve onde ou quando ocorreu um facto. Refere em que tempo ou em que espaço se encontra.
- **Menciona:** Diz o que é; diz "qual" ou "quais". Diz o nome.
- **Ordena:** Põe por ordem.
- **Organiza:** Coloca numa sequência.
- **Prevê:** Propõe uma explicação para uma determinada situação.
- **Prova:** Explica, apresentando razões.
- **Refere:** Indica factos ou dados que se relacionam ou explicam uma determinada situação.
  Diz o que é; diz o nome.
- **Selecciona:** Escolhe, entre uma ou mais opções, de um conjunto de ideias, dados, resultados ou fenómenos.
- **Sintetiza:** Apresenta as ideias principais.
  Apresenta de forma clara e breve o resultado da análise feita a partir do todo.
- **Sugere: Propõe** uma resposta lógica.
- **Transcreve**: Extrai, retira de um texto, palavras, frases ou expressões; copia-as, colocando-as entre aspas.
- **Relaciona:** Estabelece ligações (de causa-efeito, semelhança- diferença) entre factos, ideias, situações, teorias ou acontecimentos.
- **Resume**: Apresenta os principais aspectos.
  Condensa a informação, registando apenas os dados mais importantes.

- **Verifica**: Comprova.
  Constata, analisa os dados.

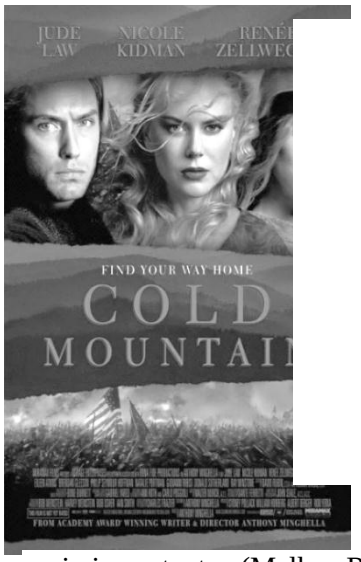
UNIDADE DE ENSINO-APRENDIZAGEM 9: TEXTOS DOS MEDIA

- **TEXTOS DE OPINIÃO/ APRECIAÇÃO CRÍTICA**

Nota: As características dos textos de opinião/apreciação crítica encontram-se nos Textos de Apoio da 10ª classe, parte 2.

LEITURA

Na montanha não aquece nem arrefece



A Roménia, onde *Cold Mountain* foi rodado para poupar uns milhões de dólares à Miramax, passa muito bem pela Carolina do Norte. Cold Mountain (estreia-se hoje), adaptado do livro de Charles Fraiser, apesar de não ter poupado nos meios nem no elenco (Nicole Kidman, Jude Law, Renee Zellweger, Donald Sutherland, etc), é que nem de longe consegue passar por uma epopeia romântica. É um sucedâneo chineleiro, encardido e pessimista de *E Tudo o Vento Levou*, com pouca guerra civil, escasso arreganho sulista, quase nenhum escravo negro à vista (nos EUA, franziram-lhe logo o sobrolho politicamente correcto) e uma história a dois tempos - o desertor Law que ruma a casa e a amada Kidman que o espera e desespera -, formada por episódios grudados às três pancadas e filmada por uma sociedade anónima registada com o nome de Anthony Minghella.

Não admira que os membros da Academia lhe tenham negado as nomeações mais importantes (Melhor Realizador, Filme, Actriz), sobrando só a consolação em Melhor Actor para Jude Law. Ele é o menos mau de um grupo reduzido a «pontas» em personagens de cartolina, com Nicole Kidman a enfrentar a penúria da guerra, as agruras da invernia e as ameaças dos violadores sempre lavadinha e bem maquilhada, e Renee Zellweger no número da maria-rapaz rústica. *Cold Mountain* é um desperdício de Roménia.

EURICO DE BARROS, in *Diário de Notícias*, 12 de Fevereiro de 2004

COMPREENSÃO

1. Lê o texto de apreciação crítica ao filme *Cold Mountain* e comenta-o de acordo com os seguintes tópicos:
- estrutura;
- linguagem utilizada;
- importância deste tipo de texto na formulação da opinião do público.

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

1. O texto apresentado é uma crítica ao filme *Cold Mountain.*
1.1. Redige um artigo crítico sobre o último filme que viste ou sobre o livro que leste mais recentemente.

- **ANÚNCIO PUBLICITÁRIO**

Derivado do verbo latino *publicare* (tornar público), a noção de publicidade remete para o estabelecimento de boas relações entre um produtor (indústria, comércio, serviço) e o público consumidor.

"É um texto que procura fazer sonhar, dando ao produto um interesse antes inexistente. Numa primeira fase, tenta seduzir para, depois, persuadir à acção. Influencia através da informação sobre um bem ou serviço e desencadeia o consumo, dando a conhecer e estimulando o interesse."

J. Esteves Rei, *Curso de Redacção II* – O Texto, Porto Editora

- **Linguagem publicitária**

Num anúncio publicitário, deve ter-se em conta aquilo que os publicitários designam por **AIDMA**:

— **A**tenção
— **I**nteresse
— **D**esejo
- **M**emória
— **A**cção

Por outro lado, o texto verbal e a imagem devem estar em harmonia.
A linguagem publicitária faz apelo aos instintos profundos do público. Observa, neste sentido, os quadros que se seguem:

Instintos profundos					
	Diversão	**Domínio**	**Conservação**	**Paternal/Maternal**	**Sexual**
D E S E J O S	- Evasão - Mudança - Deslocação - Boa disposição - Jogo (lúdico)	- Posse (bens materiais, conhecimentos) - Sucesso - Autoridade - Prestígio - Originalidade	- Conforto - Repouso - Saúde - Felicidade - Juventude - Dinheiro - Trabalho - Tempo	- Amor - Carinho - Ternura - Protecção …	- Agrado -Competição - Domínio

Recursos verbais (modalização do discurso)		**Recursos não verbais**
Sintácticos	**Lexicais**	
- Construções que se afastam da norma estrutural	- Adjectivação - Verbos que remetem para a acção (modo privilegiado: imperativo)	- Imagens - Som - Elementos prosódicos

As funções da linguagem predominantes no texto publicitário são a <u>função apelativa</u> e a <u>função poética</u>. Nalguns textos, recorre-se ainda às funções emotiva e informativa.

A. Recursos para implicar o receptor

• diferentes tipos de frases:
— frases imperativas (*"Não saia de casa.* "; "*Descubra a diferença*.");
— frases interrogativas (*"Foi você que pediu?*"; *"É a tua primeira vez?*");
— frases exclamativas (*"Pelos vistos, não bastou dizer não*!");

• marcas da segunda pessoa: pronomes pessoais e possessivos; verbos ("*Faça uma pausa*."; "*Para ti e para a tua família*.");

• marcas da primeira pessoa do plural, que implica o receptor (”*O automóvel com que todos sonhamos*."; "*A nossa cerveja*.").

B. Recursos para elogiar a qualidade dos produtos:

• gradação de adjectivos e advérbios ("*O melhor bife da cidade*."; ”*Míele, sempre melhor*”);

• outras formas de exprimir o superlativo:

— prefixos (”*extrafino*"; ”*superconcentrado*"; ”*ultra-suave*");

— repetição da mesma palavra (”*Branco mais branco não há*.”).

C. Recursos expressivos:

• jogos de sons, aliterações e rimas (”*Sagres, a sede que se deseja*."; "*Maria, lembra-te disto: quero em casa BOM PETISCO*.");

• expressões idiomáticas e provérbios transformados ("*Pão, pão, queijo, queijo ZECA*."; "*No melhor sangue cai o HIV.*"; "*Quem sabe, sabe e o BES sabe*."; "*Mais molhos que barriga*.");

• antíteses ("*Vá para fora cá dentro*.");

• anáforas e repetições ("*Os melhores produtos pelos melhores preços*."; "*Onde você estiver, está lá.*"; "*Em todo o lado, a toda a hora.");*

• hipérboles (”*Fortifica até à ponta dos cabelos*."; "*Temos mil e uma soluções*.").

"A estrutura tradicional de um anúncio comporta vários elementos: o **título** é normalmente a frase que em letras mais destacadas acompanha a **ilustração**; esta última é, por sua vez, "encerrada" pela linha de assinatura que inclui o nome do produto e que se posiciona, habitualmente, junto do **logótipo** e do ***slogan***, a frase-emblema que define o produto ou marca. Muitos anúncios incluem ainda o **texto de argumentação** que é, como facilmente se conclui, aquela parcela de texto de maior dimensão, onde se concentram os argumentos específicos de venda. Nem todos os anúncios obedecem a uma estrutura clássica, com a presença de todos os elementos referidos; alguns deles, como sabemos, limitam-se a exibir a ilustração e a linha de assinatura.

(...) enquanto o título é uma componente mais variável, mudando de campanha para campanha, o *slogan* é normalmente uma entidade mais estável, identificando a marca ao longo de várias campanhas, e mantendo-se imutável com a mudança do título e da própria ilustração (...)."

Alexandra Guedes Pinto, *Publicidade: Um Discurso de Sedução*, Porto Editora

A MARCA

A marca de produto aparece geralmente associada a um logótipo que a identifica.

O SLOGAN

O *slogan* acompanha o logótipo da marca.
É curto, claro e permite uma memorização rápida.
Pode tornar-se mais eficaz se for acompanhado de um *jingle* musical. O *jingle* é uma pequena peça musical, de fácil memorização, que permite a associação produto/marca e posterior identificação.

O TÍTULO

O título deve atrair o leitor/espectador/ouvinte. Muitas vezes, o título permite que o consumidor se reveja no anúncio. Os vocábulos que o constituem possuem uma conotação positiva (a linguagem negativa utiliza-se no caso de o título apresentar um objectivo provocador).

A IMAGEM

A imagem prende-se normalmente com objectivos de permitir a identificação da marca e do produto, e de evidenciar a necessidade de adquirir o produto.
A qualidade estética da imagem é fundamental.

TIPO DE LETRA

O tipo de letra deve estar de acordo com a imagem e a posição da marca. É facilmente legível.

ESPAÇOS EM BRANCO

Os espaços em branco facilitam a leitura do discurso.

COR

A cor funciona igualmente como um elemento de comunicação. A cor possibilita ao consumidor um conjunto de associações que pode ser positivo ou negativo.

De acordo com Bernard Brochand, et *alii*, *Publicitor*, Lisboa, Publ. Dom Quixote, 1999

Expresso

OPINIÃO E EDITORIAL

A Sociedade da Insatisfação

No anúncio televisivo a um aparelho de ar condicionado vêem-se duas jovens sentadas num quarto e um jovem deitado na cama. As duas jovens começam a brincar, lançando objectos uma à outra — até que se atiram para a cama, agarrando-se ao rapaz.

Moral da história: os homens que comprarem aparelhos de ar condicionado da marca anunciada terão mulheres à discrição.

Quase toda a publicidade funciona assim. Promete um mundo de ilusão.

As raparigas que comerem certos produtos terão corpos como o da Cindy Crawford; os homens que comprarem uma dada marca de carro rivalizarão com Robert De Niro; as mulheres que usarem determinados cremes serão tão bonitas como a Isabella Rossellini; e até as que preferirem um dado cartão de crédito serão longilíneas como a Fernanda Serrano.

IMAGENS.

Somos constantemente bombardeados por imagens que mostram um mundo de gente bonita ao qual poderemos perfeitamente aceder — desde que consumamos isto ou aquilo. O problema reside, depois, no confronto do mundo prometido pela publicidade com o mundo real. E aí é que são elas: todos sofrem enormes desilusões.

Uns por não poderem comprar tudo o que a publicidade anuncia e que se acredita ser fantástico: carros, viagens, produtos de beleza, uma infinidade de alimentos, casas, jogos, etc. Outros porque os produtos que adquiriram correspondem, regra geral, àquilo que a publicidade prometia.

Os carros têm problemas e não fazem dos seus condutores Robert De Niros. As viagens são cansativas, há esperas intermináveis nos aeroportos, perdem-se malas - e os locais de destino não são tão deslumbrantes como pareciam nos folhetos. Os produtos de beleza não transformam uma jovem bochechuda na Isabella Rossellini.

VIVEMOS, assim, naquilo que poderemos designar por sociedade da insatisfação.

As pessoas, tendo hoje uma vida melhor do que tinham há vinte ou trinta anos, são muitas vezes mais infelizes. Sentem-se insatisfeitas quando não podem consumir o que a publicidade lhes propõe. Mas continuam infelizes quando, depois de consumirem, verificam que os produtos não eram o que pareciam e que o consumo não lhes trouxe a prometida felicidade.

Editorial, in *Expresso*, 14-07-2001

COMPREENSÃO

1. Indica a característica da publicidade que está em evidência neste texto.
2. Perante as "promessas" da publicidade, acabamos por sofrer uma dupla desilusão. Explica porquê.
3. A maior parte dos anúncios, para além do produto publicitário, "vendem-nos" também um determinado sonho.
3.1. Relê os exemplos do sexto parágrafo e aponta outros.
4. Lê o texto que se segue:

O que é a publicidade?

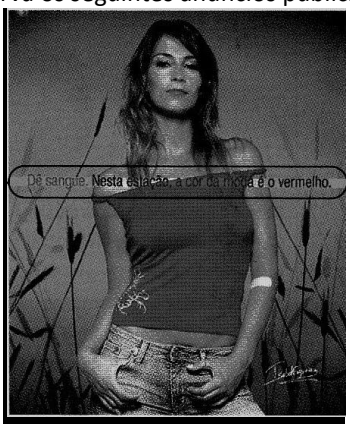
Publicidade, no sentido genérico de "qualidade do que é tornado público", engloba um grande leque de realizações comunicativas, desde a publicidade não comercial ao anúncio de uma empresa que procura empregados. Porém, em sentido específico, o termo publicidade designa, hoje, o conjunto dos meios usados para tornar conhecida uma empresa industrial ou comercial (ou para reforçar ou renovar a sua imagem) ou para divulgar um produto. É uma actividade ligada a agências nacionais — e sobretudo internacionais, que move somas astronómicas de dinheiro.

Z. Nascimento e J. M. Castro Pinto, A Dinâmica da Escrita, Plátano Ed., 2001

4.1. Partindo do texto que acabaste de ler, discute com os teus colegas o que é a publicidade:
- Qual é o seu objectivo?
- A quem é destinada?
- Quem faz publicidade?
- A quem é que ela serve?
- Onde podemos encontrá-la?
- Como é que ela é feita?
- …

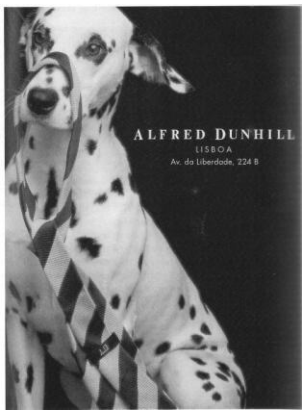
5. Observa os seguintes anúncios publicitários.

A.



(Dê sangue. Nesta estação, a cor da moda é o Vermelho.)

B.



C.

D.

5.1. Distingue os anúncios que pretendem persuadir o destinatário a adquirir algum produto ou serviço — **publicidade comercial** — daqueles que pretendem modificar um determinado comportamento de que resulte benefício para o indivíduo e/ou para a sociedade — **publicidade não comercial** ou **institucional.**

5.2. Analisa comparativamente os anúncios, tendo por base a grelha que se segue:

Anúncio	**DADOS EXTERNOS** .nome do produto/serviço · tipo de produto · público a quem se dirige · desejo a que faz apelo	**IMAGEM** .fotografia/desenho .cor predominante (simbologia) .relação com o produto . …	**TEXTO** ***slogan*** .processos linguísticos (adequação da linguagem ao destinatário, tipos e formas de frase, classes de palavras, jogos de palavras, outros recursos expressivos)
A			
B			
C			
D			

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

I. Objectivos:

Trabalhar
- as sonoridades, as rimas, a apóstrofe, as repetições,…
- as funções da linguagem,
- os advérbios

ACTIVIDADE
TRABALHO DE GRUPO

Analisar criticamente um anúncio publicitário da TVS ou RTP África:

1. Identifica:
- o slogan,
- o texto argumentativo e/ou comentário,
- o produto e a marca.

2. Indica de que forma se dá graficamente relevo à marca do produto (cores, grafias, disposição dos diversos elementos iconográficos, …).

3. Explicita os sentimentos que este anúncio pretende despertar no receptor.

4. Identifica, no anúncio em análise, as repetições, os advérbios, as rimas, a apóstrofe, e as funções da linguagem, …

5. Elabora um anúncio de um produto à tua escolha.

6. Pesquisa e recolhe anúncios publicitários onde sejam visíveis:
- provérbios
- contos populares
- frases ou versos célebres
- título de livros, canções, filmes, …

6.1. Constrói um *dossier* temático publicitário.

COLECTIVO DA TURMA:

II. Gravar anúncios publicitários televisivos ou radiofónicos

III. Analisar criticamente a mensagem publicitária.

DEBATE

- Será necessária a publicidade?
- A publicidade deverá desaparecer?
- Vantagens e desvantagens da publicidade.
- Importância de saber ser crítico frente a um anúncio.

IV. Construir um texto colectivo que dê conta das diversas opiniões do grupo /turma.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. A linguagem da publicidade explora diversos processos de relação de palavras e não só...

2. Indica, na coluna do meio, o número do produto da coluna B que corresponde aos títulos e/ou *slogans* da coluna A.

COLUNA A	**NÚMERO**	**COLUNA B**
Títulos/slogans publicitários	▽	Produtos
Uma mulher em mil.		1.Papel Renova
Um *look* natural é agora mais bonito.		2.Rádio FM
Depois de si, este é o melhor leitor desta revista.		3. Empresa discográfica
Afinal, qual é o seu papel?		4. Voos Lufthansa
Vá de férias com muita frequência.		5. Chocolates
Nada como passar um bom fim – de - semana a olhar para as paredes.		6. Sistemas de ar condicionado
Se és jovem e não conheces a Europa, tudo bem. Nós damos um desconto (de 25%).		7- Aparelho de CD Sony
Dê a volta ao tempo em pouco espaço.		8. Perfume feminino
Em flagrante de leite.		9. Sistema de alarmes
Todas as semanas, o mundo a seus olhos.		10. Pintura em museus
O fruto proibido.		11. Livro da culinária
Os portugueses estão sempre a passar por cima do nosso trabalho.		12- Base de maquilhagem
Este Natal a musica é outra.		13. Auto-estradas Brisa
De lamber os dedos, página a página.		14. Revista *Visão*

3. Justifica os processos considerados para as associações feitas.

4. Atenta no anúncio apresentado:

4.1. Indica qual dos significados melhor se adequa ao contexto do anúncio:

- **a.** plagiar;
- **b.** transcrever;
- **c.** seguir o exemplo;
- **d.** decalcar;
- **e.** duplicar.

4.2. Justifica a opção feita, segundo o que se sugere na imagem apresentada.

4.3. Constrói frases que ilustrem os restantes significados de "copiar" (exercício 1).

5. Considera a família de palavras relativa à publicidade.

5.1. Constrói uma frase na qual ...

- **5.1.1.** apareça um verbo que signifique "divulgar através de publicidade".
- **5.1.2.** se utilize "publicitário" na categoria morfológica de nome.
- **5.1.3.** se utilize "publicitário" na categoria morfológica de adjectivo.

UNIDADE DE ENSINO-APRENDIZAGEM 10: TEXTOS EXPOSITIVO-ARGUMENTATIVOS

- **TEXTO EXPOSITIVO**

A exposição é uma forma comunicativa em que a relação entre o emissor e o receptor é unidireccional e assimétrica. Alguém expõe as suas ideias a um auditório que escuta.

➢ **Estrutura da exposição**

Na exposição há três partes fundamentais:

- **Introdução** - Pode compreender a apresentação; a saudação do sujeito que expõe; o exórdio com recursos para chamar a atenção e suscitar o interesse e a adesão dos destinatários; a proposição ou planeamento do tema, estabelecendo os limites e anunciando os diferentes aspectos que vão ser tratados.
- **Corpo ou desenvolvimento** - Análise pormenorizada dos diferentes aspectos do assunto; demonstração da sua credibilidade mediante provas e argumentos; a exemplificação através de referências de carácter histórico ou derivadas da experiência do autor.
- **Epílogo ou conclusão** - Resumo das ideias fundamentais do assunto tratado; procura da adesão do público à tese apresentada.

➢ **Modalidades Expositivas**

FORMAS DIDÁCTICO-PROPAGANDÍSTICAS	**FORMAS DIDÁCTICO-CIENTÍFICAS**
A oratória sagrada - exalta os dogmas da religião, transmite a doutrina e consolida a fé dos crentes. Exs.: *sermão, oração fúnebre, panegírico, homilia* **A oratória política** - pretende persuadir os cidadãos a colaborarem e/ou actuarem em determinada esfera da vida social ou aderirem a uma opção política. **A oratória forense** - apresenta a defesa de posições em processos judiciais, através de discursos ou alegações.	**A exposição divulgadora** - dá a conhecer um tema de interesse, sem fornecer demasiados pormenores técnicos. **A exposição académica ou científica** - a matéria é exposta de modo rigoroso, preciso e técnico; é destinada a um público entendido. **A dissertação** - longa exposição escrita acerca de um tema que é desenvolvido com o objectivo de obter determinado grau académico, **A conferência** - discurso proferido perante um auditório sobre temas de carácter literário, artístico, científico, político, social e outros.

➢ **Retórica da exposição**

A exposição apresenta **recursos retóricos** destinados a estabelecer a relação com o auditório, atrair a sua atenção, surpreendê-lo e/ou comovê-lo:
- Apelos, interrogações retóricas, uso da 2.ª pessoa ou da 1.ª do plural, entoação adequada (para estabelecer cumplicidade com os ouvintes).

- Léxico culto e tecnicismos específicos do tema.
- Citações de autoridade na matéria, referências eruditas (personalidades de reconhecido mérito na matéria), exemplos relacionados de forma directa ou analógica com o tema.

Também apresenta elementos subjectivos que manifestam a visão pessoal do autor sobre o tema: 1.ª pessoa, adjectivação expressiva, hipérboles, metáforas, comparações, personificações, exclamações retóricas, etc.

- **TEXTO ARGUMENTATIVO**

Argumentar é apresentar razões a favor ou contra uma certa tese, com o objectivo de conseguir a adesão do auditório à posição defendida.

A intensidade que o orador coloca nos seus argumentos, bem como o tema do discurso, dependem do auditório a que se dirige.

A argumentação é um método dialéctico com o qual se defendem as próprias ideias (mediante afirmações que provam a sua veracidade) ou se rebatem as opiniões contrárias.

O fim da argumentação é influenciar o destinatário. O autor recorre a argumentos originais e a uma organização sugestiva, de modo a provocar a reacção dos destinatários (auditório ou apenas um interlocutor), conseguindo a adesão às teses apresentadas.

- **Discurso argumentativo**

É uma forma de expressão, oral ou escrita, em que se expõem as ideias de forma lógica. A sua estrutura é variável, tendo de integrar os elementos essenciais: a tese e o corpo da argumentação.

- **Estrutura argumentativa– elementos essenciais**

A tese	**Corpo de argumentação**
Ideia formulada numa frase breve enunciativa cuja validade o autor tenta demonstrar.	Exposição das razões que provam a validade da tese. ↓
↓	**Argumentos** ↓
Positivos	**Negativos ou contra-argumentos**
- demonstram o valor da tese De autoridade - citações e opiniões de autores de prestígio. Exemplificadores - exemplos, citações literárias ou experiências pessoais do autor. Analógicos - paralelismos ou comparações com outras ideias ou situações semelhantes. Verdades ou princípios universais – aceites, como tal, por todos.	- refutam os argumentos ou ideias contrárias à tese apresentada.

- **Regras para uma boa argumentação**

Os processos argumentativos têm especial intervenção em domínios como:

Tribunais	**Publicidade**	**Política**
⇓	⇓	⇓
Condenação ou absolvição dos réus	Procura induzir ao consumo de qualquer produto	«imposição» de um determinado modelo de sociedade ou de vida

Para uma boa argumentação, nos domínios referidos ou noutros, é necessário:

- conhecer bem o tema;
- conhecer bem o auditório;
- apresentar os argumentos de forma clara e numa sequência que vai dos argumentos mais fortes e mais pertinentes para os mais fracos;
- encadear logicamente os argumentos, usando os conectores adequados;
- utilizar uma linguagem precisa, evitando termos equívocos e inconsistentes;
- destacar as extradições do adversário;
- pôr em relevo as crenças genericamente aceites pelo auditório;
- evocar a própria experiência e prestígio, referindo episódios da sua vida (uso de 1ª pessoa do singular);
- socorrer-se da opinião de alguém de autoridade na matéria reconhecida pelo auditório;
- explorar as emoções do auditório (uso das 1.ª ou 2.ª pessoas do plural);
- usar analogias e comparações, confrontar situações;
- repetir os argumentos mais fortes;
- recorrer a figuras de estilo e efeitos linguísticos.

- **TEXTO EXPOSITIVO-ARGUMENTATIVO**

A. A teoria

Se o resumo consiste em condensar um determinado texto, reduzindo-o ao fundamental, o texto expositivo-argumentativo utiliza o processo inverso: parte de uma afirmação e desenvolve-a.

Um texto expositivo-argumentativo tem, pois, como objectivo **apresentar,** sobre um determinado assunto, **um juízo próprio** de forma **clara** e **organizada.**

A clareza do texto expositivo-argumentativo depende, em muito, da forma como ele é estruturado.

Assim, o texto deverá ser organizado em três partes: **introdução, desenvolvimento** e **conclusão.**

A produção de um texto expositivo-argumentativo visa avaliar as competências de leitura crítica de textos literários e de expressão escrita.

Com este exercício pretende-se verificar o domínio das seguintes capacidades:

- **formulação de juízos de leitura,** a partir da experiência pessoal, manifestada na escolha de referências pertinentes;

- **estruturação de um texto** com recurso a estratégias discursivas adequadas à defesa de um ponto de vista;

- **produção de um discurso correcto** nos planos lexical, morfológico, sintáctico e ortográfico.

Para melhor levares à prática estas indicações, atenta nos seguintes conselhos práticos:

- A **introdução** e a **conclusão:**

- devem ser constituídas por **um único parágrafo;**

- uma vez que são sínteses teóricas, **não devem conter exemplos;**

- **articulam-se entre si,** já que a conclusão deve retomar a introdução.

- O **desenvolvimento**:

- articula-se com a introdução;

- integra referências concretas à obra do autor, recorrendo a citações de excertos e/ou títulos;

- veicula juízos próprios apoiados em referências textuais.

Nota ainda que:

- deves **ler, com muita atenção, o enunciado** de forma a compreenderes claramente a tese aí formulada;

- antes de redigires o teu texto, deves **organizar a informação em forma de tópicos** ou **de esquema;**

- durante a redacção, deves **identificar o tipo de relações lógicas** existentes entre cada uma das três partes do texto e entre as ideias que vais expor no desenvolvimento de modo a **seleccionares os articuladores do discurso** que vão evidenciar esses nexos;

- convencionalmente, o tempo utilizado neste tipo de texto é o **presente do indicativo;**

- não podes fugir ao limite de palavras indicado.

B. A prática

1. Um exemplo passo a passo.

Lê, atentamente, a questão que se segue e que integrou o Exame Nacional de Português B, 2.ª fase, de 2003:

Dos espaços físicos representados na obra *Memorial do Convento,* refira um que considere significativo, explicando a sua importância na narrativa. Desenvolva a sua opinião num texto expositivo-argumentativo bem estruturado, de **cem** a **duzentas palavras.**

1.1. Organização da informação

- **Introdução**

- o titulo do romance - *Memorial do Convento* - aponta, desde logo, para um espaço e para os protagonistas da sua história;

- **Desenvolvimento**

- o convento, espaço simbólico:

- espaço do rei, que o manda construir - megalomania, insensibilidade, vaidade

- espaço do povo, que o constrói - prisão, escravização, dor

- passagens que poderão ser citadas:

- sobre o sofrimento dos trabalhadores em Mafra - *"naquele nome será lido, letra por letra, mortos, assados, fundidos, roubados, arrastados,"* (epopeia da pedra)
- sobre o rei e o povo: *"Deve-se a construção do convento de Mafra ao rei D. João V, por um voto*

que fez se lhe nascesse um filho, vão aqui seiscentos homens que não fizeram filho nenhum ò rainha e *eles é que pagam o voto, que se lixam,* ";

- **Conclusão**

- o convento: poder e glória de uns/miséria e sofrimento de outros.

1.2. Redacção do texto

Introdução

De entre os vários espaços físicos que poderiam ser referidos a propósito de *Memorial do Convento* - o Terreiro do Paço e S. Sebastião da Pedreira, entre outros - decidimo-nos por aquele para que aponta o próprio título do romance: o convento. Na verdade, este espaço é paradigmático em relação a um dos vectores estruturadores da obra - a oposição entre classes dominantes e dominadas.

Desenvolvimento

De facto, se o convento é "sonhado" pelo rei, e concretizado pelo povo: "... vão aqui seiscentos homens que não fizeram filho nenhum à rainha e eles é que pagam o voto, que se lixam, ...".

Desta forma, o convento, que simboliza a megalomania do rei, a sua total insensibilidade face à miséria e ao sofrimento de quem lá trabalha, representa, para o povo, uma espécie de prisão, onde, manietado e escravizado, alimenta a vaidade régia.

Conclusão

Não é por acaso que o narrador, numa passagem da "epopeia da pedra", nos elucida acerca do significado da palavra Mafra: "naquele nome será lido, letra por letra, mortos, assados, fundidos, roubados, arrastados,…".

Em conclusão, o convento funciona, assim, como uma espécie de moeda de duas faces, representando poder *e* glória para o rei, mas miséria e sofrimento para o povo.

articuladores

Demonstração de outros conhecimentos sobre a obra

citações

Juízos próprios apoiados em referências textuais

Cumprimento dos limites impostos

- **Discurso político**

LEITURA

O Deputado Calisto Elói

O presidente: - Tem a palavra o nobre deputado Calisto Elói de Silos de Benevides de Barbuda.

- Sr, Presidente! - disse Calisto. - Entendi quase nada, porque o Sr. Deputado Dr. Libório não falou português de gente. (*Risos nos galerias.)* As laranjas, espremidas demais, dão sumo azedo, que corta a língua. O Sr. Deputado fez do seu idioma laranja azeda. Se a linguagem portuguesa fosse aquilo que eu acabo de ouvir, devia de estar no vocabulário da língua bunda. Parece-me que os obreiros da torre de Babel, quando Deus os puniu do atrevimento ímpio, falaram daquele feitio!

(«Ordem! Ordem!»)

O orador: - Ordem, Srs. Deputados, peço eu para a língua portuguesa! Peço-a em nome dos ilustres finados Luís de Sousa, Barros, Couto, e quantos, no Dia do Juízo, se hão-de filar à perna do Sr. Dr. Libório.

O *presidente:* - Peço ao ilustre deputado que se abstenha de usar frases não parlamentares.

O orador: - Tomo a liberdade de perguntar a V Ex.ª se as locuções repolhudas do ilustre colega são parlamentares; e, se o são, peço ainda a mercê de se me dizer onde se estudam aquelas farfalhices.

Vozes: - (Ordem! Ordem!)

O *orador:* - Quando aquele senhor me chamou *sandio,* não foi violada a ordem?*(Apoiados.)* Ora pois: eu não quero desordens. Vou pacificamente responder ao Sr. Deputado, como souber e puder. Estou a desconfiar que a minha linguagem seca e desornada raspará nos ouvidos da Câmara, que ainda agora se deleitou com a retórica florida do Sr. Deputado do Porto. Sou homem das serras. Criei-me por lá no trato fácil e chão de velhos escritores; aprendi coisa de nada, ou pouquíssimo. A mim, todavia, me quer parecer que o falar gente palavras do uso comum é coisa útil para nos entendermos todos aqui, e para que o País nos entenda. Do menospreço desta utilidade resulta não poder eu aperceber-me de razões para cabalmente responder aos argumentos do discreteador mancebo. Percebi, a longe, pouquinhas ideias; porém, querendo Deus, hei-de, se me ajudar a paciência com que estudei o idioma de Tucídides, decifrar os dizeres de S. Ex.ª no *Diário das Câmaras. (Riso.)*

«O ilustre deputado quer que o luxo indique a riqueza das nações. Isto é o que eu entendi do seu arrazoamento. Em França viu S. Ex.ª mosquitos por cordas. Pois, Sr. Presidente, eu li que, em França, onde o luxo é maior, aí é menor, em proporção, o número dos indivíduos ricos. (Vozes: «Apoiado!») Este caso, se é verdadeiro, corta pela haste as flores todas dos jardins oratórios do Sr. Dr. Libório. Que mais disse S. Ex.ª? Faça-me a graça de mo achanar na linguagem caseira com que o diria à sua família em *prática como do lar*, consoante fraseia D. Francisco Manuel de Melo na *Carta de Guia.*

O *Dr. Libório de Meireles:* - Não velei as armas do raciocínio para me ir à liça da absurdeza. Melhores fadas me fadaram; e não me estou aqui sabatinando como em pleitos de bancos escolares.

Vozes: - Muito bem!

O orador: - Muito bem o quê? Vai-me parecendo história isto, Sr. Presidente!... Eu queria-me entender com o Sr. Deputado, a fim de tirarmos algum proveito deste debate; mas S. Ex.ª, pelos modos por me ver assim minguado de afeites poéticos, acoima-me de absurdidade, e despreza-me!... Valha-me Deus!

CAMILO CASTELO BRANCO, A *Queda dum Anjo,* Livros de Bolso Europa-América

Nota: Calisto Elói é a personagem central de *A Queda dum Anjo,* de Camilo Castelo Branco. Nesta obra, o autor satiriza «os fidalgos que pararam o relógio da cultura nos fins do século XVII (,..), a hipocrisia dos políticos e fidalgos, a perversão dos meios citadinos, a caça às condecorações e comendas, etc.» (António José Barreiros, *História da Literatura Portuguesa*, Editora Pax)

COMPREENSÃO

1. A acção do texto decorre no Parlamento.
1.1. Faz o levantamento do vocabulário específico relativo à actividade em curso e ao espaço em que esta decorre.
1.2. Atenta nas fórmulas de tratamento usadas pelos vários intervenientes. Justifica a sua utilização.
2. Investiga o significado dos seguintes vocábulos e expressões:
bunda; finados; filar à perna; locuções repolhudas; farfalhices; retórica florida; discreteador; achanar; ir à liça; sabatinando; pleitos; minguado de afeites; acoima-me.
2.1 Integra-os nos respectivos registos de língua.
3. Calisto Elói considera a linguagem do Deputado Dr. Libório confusa, vazia de conteúdo, exibicionista.
3.1. Transcreve exemplos textuais que justificam os adjectivos sublinhados.
4. O orador Calisto critica a expressão linguística do Dr. Libório e valoriza a sua.
4.1. Estabelece a relação entre a sua linguagem e as suas origens.
5. Interpreta a função dos vocábulos dentro de parênteses.
6. A vida parlamentar é momentaneamente observada, Exprime a tua opinião sobre o modo como ela é mostrada ao leitor.

1. Considera a tese: *A linguagem utilizada, no Parlamento, pelos diferentes intervenientes deve ser acessível, de acordo com a norma.*

1.1. Apresenta três argumentos para defender esta tese e ordena-os do mais forte para o mais fraco.

Num dos argumentos apresentados, evoca a tua experiência pessoal [ex.: como receptor (auditório) de discurso político através dos órgãos de comunicação social].

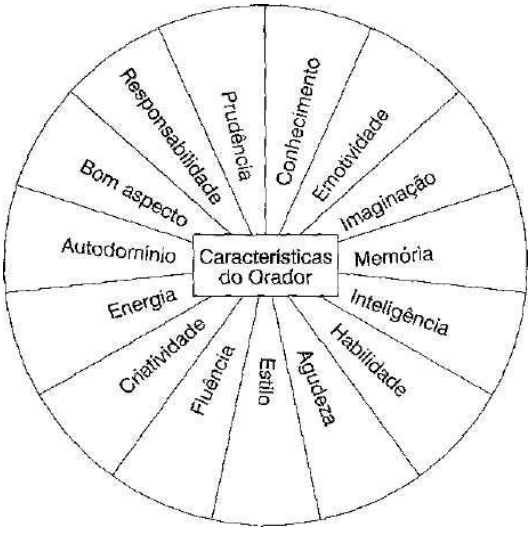
- **Elementos constituintes de um discurso**

Segundo Aristóteles, um discurso pressupõe a existência de três elementos fundamentais:

- a pessoa que fala - ORADOR
- o assunto de que se fala
- a(s) pessoa(s) para quem se fala - AUDITÓRIO

De acordo com as reacções do auditório, o orador poderá ir ajustando o seu discurso de modo a que se gere entre ele e o auditório um «movimento» circular, de acordo com o seguinte esquema:

O Orador



Aristóteles, na *Arte da Retórica,* assinala três características para despertar a confiança do público: «prudência, virtude e benevolência». A prudência tem relação com a visão do sábio, com julgamento justo. O homem prudente evita o perigo dos extremos, das palavras inoportunas, e procura equilíbrio. Esquines, por sua vez, assinalava o ânimo forte e denodado, a energia e vitalidade, como sinal do bom orador.

O autor das *Catilinárias* escreveu: «Pede-se, ao orador, a agudeza dos dialéticos o conhecimento dos filósofos, o estilo dos poetas, a memória dos jurisconsultos, a voz dos trágicos e os gestos dos melhores actores».

Na opinião de Cícero, o orador deve possuir conhecimentos universais de ciências e artes. Um comunicador necessita de uma vasta cultura geral. (...)

Isabel FLORINDA FURNINI, *Práticas de Oratória,* Ibrasa

---

1. Lê o texto em silêncio e, numa frase curta, explicita o sonho de Martin Luther King.

EU TENHO UM SONHO*

Sinto-me feliz por estar hoje aqui convosco naquela que irá ficar na história da nossa nação como a maior manifestação pela liberdade. Há um século, um grande Americano, a cuja sombra simbólica nós acolhemos hoje, assinou a Proclamação de Emancipação[1]. Essa proclamação de extraordinária importância foi como um grande farol que veio iluminar a esperança de milhões de escravos negros, que ardiam nas chamas da asfixiante injustiça. Foi como uma aurora jubilosa que vinha pôr fim à longa noite do seu cativeiro.

Mas, cem anos volvidos, o Negro ainda não é livre. Cem anos volvidos, a vida do Negro continua a ser desgraçadamente tolhida pelas algemas da segregação e pelas grilhetas da discriminação. Cem anos volvidos, o Negro vive numa ilha deserta de pobreza no meio dum vasto oceano de prosperidade material. Cem anos volvidos, o Negro continua confinado aos cantos da sociedade americana e sente-se exilado na sua própria terra.

Por isso viemos aqui hoje denunciar uma situação vergonhosa. Em certo sentido, viemos à capital da nossa nação descontar um cheque. Quando os arquitectos da nossa república escreveram as palavras magníficas da Constituição e da Declaração de Independência, estavam a assinar uma letra de que todos os Americanos se constituíam sacadores. Essa letra era uma promessa de que a todos os homens, fossem pretos ou brancos, eram garantidos os direitos inalienáveis "à Vida, à Liberdade e à busca da Felicidade".

É hoje evidente que a América não pagou a letra no que aos seus cidadãos de cor diz respeito. Em vez de honrar essa obrigação sagrada, a América passou ao povo negro um cheque sem cobertura, um cheque em cujas costas está escrito "insuficiência de fundos". Mas nós recusamo-nos a acreditar que o banco tenha aberto falência. Recusamo-nos a acreditar que não haja fundos suficientes nos vastos cofres de oportunidade deste país. Por isso viemos descontar este cheque, um cheque que nos vai dar acesso imediato à riqueza da liberdade e à segurança da justiça.

Viemos também a este lugar sagrado para lembrar à América a grande urgência da hora presente. Não podemos continuar a dar-nos ao luxo de adiar ou tomar o tranquilizante que é o gradualismo[2]. Chegou a hora de cumprir as promessas da democracia. Chegou a hora de sair do negro e árido vale da segregação para a estrada soalheira da justiça social. Chegou a hora de arrancar a nossa nação às areias movediças da injustiça racial e implantá-la no rochedo sólido da fraternidade. Chegou a hora de fazer da justiça uma realidade para todos os filhos de Deus.

(…)

Não haverá sossego nem tranquilidade na América enquanto o Negro não vir garantidos os seus direitos de cidadania. Os turbilhões da revolta irão continuar a abalar os alicerces da nossa nação até que nasça o dia radioso da justiça.

Mas há uma coisa que eu posso dizer ao meu povo, que se mantém firme no limiar acolhedor de acesso ao palácio da justiça: no processo de conquista do lugar a que temos direito, importa que não cometamos actos condenáveis. Não podemos saciar a nossa sede de liberdade bebendo do cálice da acrimónia[3] e do ódio. Temos de travar a nossa batalha mantendo-nos sempre num plano elevado de dignidade e disciplina. Não podemos consentir que o nosso protesto criativo degenere em violência física. Sistematicamente, temos de nos erguer à altura majestosa da resposta à força física pela força anímica.

(…)

Há quem pergunte aos militantes dos direitos civis: "Quando é que vos ireis dar por satisfeitos?" Não iremos dar-nos por satisfeitos enquanto o Negro for vítima dos horrores inenarráveis da brutalidade policial. Não iremos dar-nos por satisfeitos enquanto os nossos corpos, pesados da fadiga e da viagem, não puderem encontrar pousada nos motéis das estradas e nos hotéis das cidades. Não podemos dar-nos por satisfeitos enquanto o essencial da mobilidade do Negro for de um gueto pequeno para outro maior. Não iremos dar-nos por satisfeitos enquanto os nossos filhos se virem espoliados da sua identidade e privados da sua dignidade por

tabuletas em que se lê "Só Para Brancos". Não podemos dar-nos por satisfeitos enquanto um Negro do Mississippi não puder votar e um Negro de Nova Iorque achar que não tem razões para votar. Não, não, não nos damos nem daremos por satisfeitos enquanto a equidade não jorrar como uma fonte e a justiça como corrente que não seca.

(…)

Não nos deixemos afundar no vale do desespero. Digo-vos hoje, meus amigos: mesmo que tenhamos de enfrentar as dificuldades de hoje e de amanhã, eu ainda tenho um sonho. Um Sonho que mergulha profundamente as suas raízes no sonho americano.

Tenho um sonho de que um dia esta nação se irá erguer e viver o significado autêntico do seu credo — temos por verdades evidentes que todos os homens foram criados iguais.

Tenho um sonho de que um dia nas vermelhas encostas da Geórgia os filhos dos antigos escravos e os filhos dos antigos donos de escravos conseguirão sentar-se juntos à mesa da fraternidade.

Tenho o sonho de que até o Estado do Mississippi, um Estado asfixiado pelo calor da injustiça, asfixiado pelo calor da opressão, se irá transformar num oásis de liberdade e justiça.

Tenho um sonho de que os meus quatro filhos pequenos irão um dia viver num país em que não serão julgados pela cor da sua pele mas sim pelo conteúdo do seu carácter.

Eu hoje tenho um sonho!

Tenho um sonho de que um dia, no longínquo Alabama, com os seus tenebrosos racistas, com o seu governador de cujos lábios brotam palavras de interposição e de aniquilação; um dia, precisamente no Alabama, os meninos pretos e as meninas pretas irão poder dar irmãmente as mãos aos meninos brancos e às meninas brancas.

Eu hoje tenho um sonho!

Tenho um sonho de que um dia todo o vale será exaltado, e todo o monte e todo o outeiro serão abatidos: e o que está torcido se endireitará, e o que é áspero se aplainará. (…)

É esta a nossa esperança. É esta a fé que eu vou levar comigo no meu regresso ao Sul. Com esta fé seremos capazes de talhar da montanha do desespero um calhau de esperança.

(…)

E quando tal acontecer, quando todos fizermos soar o sino da liberdade, quando o fizermos soar por todas as aldeias e lugarejos, por todos os Estados e todas as cidades, então sim, iremos poder apressar a chegada do dia em que todos os filhos de Deus, pretos e brancos, serão capazes de se dar as mãos e cantar a letra do velho espiritual negro: "Finalmente livres, finalmente livres. Obrigado, Deus Todo-poderoso, somos finalmente livres."

C.Carson (org.), in *Eu tenho um sonho, A Autobiografia de Martin Luther King*, trad. De Francisco Agarez, Lisboa, Ed. Bizâncio, 2003 (texto com supressões)

* Discurso proferido do dia 28 de Agosto de 1963, aquando da Marcha Nacional sobre Washington em que participaram cerca de 250 000 pessoas e que foi considerada a mais importante e a mais significativa marcha pela liberdade e pela justiça nos Estados Unidos. Dessa marcha, irão resultar uma nova lei dos Direitos Civis (1964) e a Lei dos Direitos de Voto (1965).

[1]Proclamação da Emancipação (*Emancipation Proclamation*) promulgada pelo presidente Abraham Lincoln no dia 1 de Janeiro de 1863, que libertou todos os escravos nos estados que se haviam separado da União.

[2]gradualismo: método ou princípio reformista moderado, que preconiza proceder gradualmente, e não por saltos, na consecução dos objectivos.

[3]acrimónia: sabor acre; acidez; azedume.

COMPREENSÃO

2. O texto que acabaste de ler é um discurso político e, portanto, um texto argumentativo. Em trabalho de grupo, vais analisá-lo, orientando-te pela ficha de leitura que se segue.

Ficha de leitura de um texto argumentativo *

1. Identificação:
- do autor;
- do contexto;
- da situação comunicativa (sermão, discurso político, artigo de opinião, diário, publicidade, etc.);
- do destinatário.

2. Identificação do tema e das ideias essenciais expostas no texto.

3. Identificação da tese e dos argumentos.

4. Progressão temática e discursiva:

4.1. Articulação dos argumentos (relações de adição, disjunção**,** oposição, causa - efeito, antecedente - consequente, etc.).

4.2. Apresentação de provas e exemplos.

4.3. Índices de enunciação (marcas de pessoa gramatical; traços indicadores de subjectividade).

4.4. Construção frásica; relações sintácticas.

4.5. Vocabulário (campo lexical, denotação e conotação, registos de língua, figuras de estilo, etc.).

5. Tom do texto e intenção comunicativa.

* Ficha adaptada de Guia de Aprendizagem do ESRUC. Português, DES-ME, 1998

- ***SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO AOS PEIXES* DE PE. ANTÓNIO VIEIRA**

  - **Percurso biográfico sumário de Pe. António Vieira**

Nascido em Lisboa, a 6 de Fevereiro de 1608, e falecido no Colégio da Companhia de Jesus, em Salvador da Baía, a 18 de Julho de 1697, António Vieira representa inquestionavelmente uma das expressões cimeiras da língua portuguesa de todos os tempos e uma síntese perfeita da cultura luso-brasileira do período barroco. A entrada para a Companhia de Jesus, com apenas 15 anos, deu-lhe sólida formação humanística propiciada pelos colégios da Ordem, depois completada pela cultura teológica indispensável à sua preparação para a profissão religiosa, ocorrida a 6 de Maio de 1625, e para a ordenação sacerdotal, que recebeu a 10 de Dezembro de 1634.

Quando, algumas semanas depois do 1º de Dezembro de 1640, chega à Baía a notícia da Restauração, o seu prestígio já se impusera com tal evidência que logo se vê escolhido pelo Vice-Rei Marquês de Montalvão para acompanhar o filho, que vinha a Lisboa trazer o preito da vassalagem do Brasil ao novo Rei; Impressionado pela sua forte personalidade e pelo fogo do seu verbo demonstrado na intensa actividade de pregador que então desenvolvera em Lisboa, logo D. João lV faz dele um dos seus mais activos e influentes diplomatas, empenhados em obter o reconhecimento da nova situação política por parte dos países estrangeiros e os meios necessários à guerra que de imediato tivemos de sustentar com a ainda poderosa monarquia espanhola.

O longo e constante peregrinar pelas principais cortes da Europa, de Roma a Londres e de Paris aos estados da Holanda, para além de lhe aumentar o prestígio, deu-lhe uma experiência do mundo e da vida que completaria e tornaria viva e actuante a ciência que aprendera nos livros. Mas o desassombro do seu pensamento em matérias de tão grande melindre como a dos cristãos-novos e a ousadia da sua actuação nos meios políticos da corte não podiam deixar de lhe acarretar oposições e inimizades. O seu valimento político sofre por isso eclipses até entrar em visível declínio, sobretudo a partir do início do reinado de D. Afonso. VI. Mas, sempre que, por vontade própria ou imposição alheia, se vê rejeitado dos centros do poder, logo o fogo do seu zelo missionário se reacende numa actividade que não conhece canseiras, sempre empenhada na evangelização dos índios e dos escravos negros, na luta pelos seus direitos contra as espoliações de que eram alvo pela cobiça desenfreada dos colonos, e na condenação veemente de todos os

vícios da sociedade portuguesa, estivesse em Lisboa ou no Maranhão, dos atropelos praticados pelos poderosos e dos desmandos, cometidos pelos agentes da administração pública.

O seu ideal missionário atingia tão vastas proporções que, seduzido pela tradição messiânica europeia, cuja última expressão via nas trovas do Bandarra, visionou uma unidade universal, onde católicos, protestantes, judeus, mouros e gentios se congregassem num Reino de Cristo sob a égide espiritual do Papa e o governo do Rei de Portugal, assim convertido no Quinto Império do Mundo.

Se as oposições e inimizades que assim concitou lhe acarretaram desgostos e dificuldades que culminariam na sua condenação pelo tribunal da Inquisição, a sua longa vida apaixonadamente vivida numa época de crise, em contrastes de grandeza e humildade, e a sua forte personalidade, onde a clareza intelectual dos clássicos se concilia com uma intensa vibração emocional e com uma poderosíssima imaginação, a sua cultura e a sua experiência dos homens e do mundo, deram lugar a uma obra literária que, repartida pelos 15 volumes dos Sermões, pelas Cartas e petos tratados e papéis vários de intervenção social e política, constitui uma das expressões mais altas da capacidade criadora do espírito lusíada, no qual se fundem o sonho e a realidade que acompanharam a humanidade dos portugueses desde as praias europeias aos portos mais ou menos seguros que alcançaram nas rotas do mundo.

In " Introdução" de *1697-1997. Padre António Vieira, lll Centenário. Programo de Actividades* (Lisboa: Ministério da Cultura/ Comissão Nacional para as Comemorações dos Descobrimentos Portugueses, 1997, pp. 5-7)

COMPREENSÃO

1. Completa as sequências dadas com as ideias que obtiveste da informação lida:
1.1. Ainda que tenha nascido em Portugal (Lisboa), …
1.2. Dado o seu grande poder de oratória,...
1.3. Vieira viu-se repetidamente rejeitado dos centros de poder; contudo,...
1.4. O orador seiscentista foi influenciado pela tradição messiânica europeia, já que...
1.5. A Inquisição perseguiu Vieira pelas ideias e pelos ideais; todavia,...

LEITURA

(excertos da obra *Sermão de Santo António aos Peixes* de Pe. António Vieira)

SERMÃO DE SANTO ANTÓNIO

Pregado em São Luís do Maranhão, no ano de 1654

Vos estis sal terrae[1] *(S. Mateus, 5)*

I

Vós, diz Cristo Senhor nosso, falando com os Pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção, mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será, ou qual pode ser a causa desta corrupção[2]? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os Pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhe dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os Pregadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem, que fazer o que dizem. Ou é porque o sal não salga, e Pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal.

1 Vos estis sal terrae: Vós sois o sal da terra -frase extraída do Evangelho de S. Mateus em que Cristo se dirige aos pregadores.

[2] decomposição da matéria orgânica

Suposto pois, que, ou o sal não salgue ou a terra se não deixe salgar, que se há-de fazer a este sal, e que se há-de fazer a esta terra? O que se há-de fazer ao sal que não salga, Cristo o disse logo: *Quod si sal evanuerit, in quo salieturí Ad nihilum valet ultra, nisi ut mittatur foras et conculcetur ab hominibu*[3]*s.* Se o sal perder a substância e a virtude, e o Pregador faltar à doutrina e ao exemplo, o que se lhe há-de fazer é lançá-lo fora como inútil, para que seja pisado de todos. Quem se atrevera a dizer tal coisa, se o mesmo Cristo a não pronunciara? Assim como não há quem seja mais digno de reverência e de ser posto sobre a cabeça que o Pregador que ensina e faz o que deve, assim é merecedor de todo o desprezo e de ser metido debaixo dos pés, o que com a palavra ou com a vida prega o contrário.

Isto é o que se deve fazer ao sal que não salga. E à terra que se não deixa salgar, que se lhe há-de fazer? Este ponto não resolveu Cristo Senhor nosso no Evangelho; mas temos sobre ele a resolução do nosso grande português Santo António, que hoje celebramos, e a mais galharda e gloriosa resolução que nenhum Santo tomou. Pregava Santo António em Itália, na cidade de Arimino, contra os hereges, que nela eram muitos; e como erros de entendimento são dificultosos de arrancar, não só não fazia fruto o Santo, mas chegou o povo a se levantar contra ele, e faltou pouco para que lhe não tirassem a vida. Que faria neste caso o ânimo generoso do grande António? Sacudiria o pó dos sapatos, como Cristo aconselha em outro lugar? Mas António com os pés descalços não podia fazer esta protestação; e uns pés, a que se não pegou nada da terra, não tinham que sacudir. Que faria logo? Retirar-se-ia? Calar-se-ia? Dissimularia? Daria tempo ao tempo? Isso ensinaria porventura a prudência ou a covardia humana; mas o zelo da glória divina, que ardia naquele peito, não se rendeu a semelhantes partidos. Pois que fez? Mudou somente o púlpito e o auditório, mas não desistiu da doutrina. Deixa as praças, vai-se às praias, deixa a terra, vai-se ao mar, e começa a dizer a altas vozes: "já que me não querem ouvir os homens, ouçam-me os peixes!" Oh maravilhas do Altíssimo! Oh poderes do que criou o mar e a terra! Começam a ferver as ondas, começam a concorrer os peixes, os grandes, os maiores, os pequenos, e postos todos por sua ordem com as cabeças de fora da água, António pregava e eles ouviam.

(...) Muitas vezes vos tenho pregado nesta igreja, e noutras, de manhã e de tarde, de dia e de noite, sempre com doutrina muito clara, muito sólida, muito verdadeira, e a que mais necessária e importante é a esta terra, para emenda e reforma dos vícios que a corrompem. O fruto que tenho colhido desta doutrina, e se a terra tem tomado o sal, ou se tem tomado dele, vós o sabeis e eu por vós o sinto.

Isto suposto, quero hoje, à imitação de Santo António, voltar-me da terra ao mar, e já que os homens se não aproveitam, pregar aos peixes. O mar está tão perto que bem me ouvirão. Os demais podem deixar o sermão, pois não é para eles. Maria, quer dizer, *Domina maris:* Senhora do mar; e posto que o assunto seja tão desusado, espero que me não falte com a costumada graça. *Ave Maria.*

COMPREENSÃO

1. Identifica o conceito predicável de que parte este sermão.
2. Explicita o sentido da metáfora *"Vós sois o sal da terra."*
3. Comenta a seguinte passagem:
   "Ou é porque o sal não salga, e os Pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, em vez de servir a Cristo, servem a seus apetites. "
4. Não encontrando resposta no Evangelho para a pergunta *"E à terra que se não deixa salgar, que se lhe há-de fazer?"*, Vieira vai procurá-la a um episódio da vida de Santo António.
   4.1. Resume esse episódio.
   4.2. Qual é a resposta à pergunta do orador?
5. Justifica a invocação que Vieira faz, no final desta primeira parte do sermão, à Virgem Maria.
6. O sermão é um discurso religioso feito no púlpito. Sendo, geralmente, um texto longo, deve ser bem elaborado de forma a atingir o seu objectivo último: prender a atenção do ouvinte, persuadi-lo e levá-lo a agir.

Atenta no primeiro parágrafo desta introdução:

[3] E se o sal for insípido, com que se há-de salgar? Para nada mais presta senão para se lançar fora e ser pisado pelos homens.

"Vós, diz Cristo Senhor Nosso, falando com os Pregadores, sois o sal da terra: e chama-lhes sal da terra, porque quer que façam na terra o que faz o sal. O efeito do sal é impedir a corrupção; mas quando a terra se vê tão corrupta como está a nossa, havendo tantos nela que têm ofício de sal, qual será ou qual pode ser a causa desta corrupção? Ou é porque o sal não salga, ou porque a terra se não deixa salgar. Ou é porque o sal não salga, e os Pregadores não pregam a verdadeira doutrina; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes, sendo verdadeira a doutrina que lhe dão, a não querem receber. Ou é porque o sal não salga, e os Pregadores dizem uma coisa e fazem outra; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes querem antes imitar o que eles fazem que fazer o que dizem; ou é porque o sal não salga, e os Pregadores se pregam a si e não a Cristo; ou porque a terra se não deixa salgar, e os ouvintes em vez de servir a Cristo servem a seus apetites. Não é tudo isto verdade? Ainda mal."

6.1. Salienta os recursos usados para conseguir um ritmo oratório quase musical.
6.2. Sinaliza o momento em que esse ritmo é quebrado.
6.3. Pronuncia-te acerca do objectivo destas alterações rítmicas.

LEITURA

II

Enfim, que havemos de pregar hoje aos peixes? Nunca pior auditório. Ao menos têm os peixes duas boas qualidades de ouvintes: ouvem e não falam. Uma só coisa pudera desconsolar o Pregador, que é serem gente os peixes que se não há-de converter. Mas esta dor é tão ordinária[4] que já pelo costume quase se não sente. Por esta causa não falarei hoje em Céu nem Inferno; e assim será menos triste este sermão, do que os meus parecem aos homens, pelos encaminhar sempre à lembrança destes dois fins.

Vos estis sal terrae. Haveis de saber, irmãos peixes, que o sal, filho do mar como vós, tem duas propriedades, as quais em vós mesmos se experimentam: conservar o são e preservá-lo, para que se não corrompa. Estas mesmas propriedades tinham as pregações do vosso Pregador Santo António, como também as devem ter as de todos os Pregadores. Uma é louvar o bem, outra repreender o mal: louvar o bem para o conservar e repreender o mal para preservar dele. Nem cuideis que isto pertence só aos homens, porque também nos peixes tem seu lugar. (...) Suposto isto, para que procedamos com clareza, dividirei, peixes, o vosso sermão em dois pontos: primeiro louvar-vos-ei as vossas virtudes, segundo repreender-vos-ei os vossos vícios. E desta maneira satisfaremos às obrigações do sal, que melhor vos está ouvi-las vivos, que experimentá-las depois de mortos. (...)

Vindo pois, irmãos, às vossas virtudes, que são as que só podem dar o verdadeiro louvor, a primeira que se me oferece aos olhos, hoje, é aquela obediência, com que chamados acudistes todos pela honra de vosso Criador e Senhor, e aquela ordem, quietação e atenção com que ouvistes a palavra de Deus da boca de seu servo António. Oh grande louvor verdadeiramente para os peixes, e grande afronta e confusão para os homens! Os homens perseguindo a António, querendo-o lançar da terra e ainda do mundo, se pudessem, porque lhe repreendia seus vícios, porque lhe não queria falar à vontade[5] e condescender com seus erros, e no mesmo tempo os peixes em inumerável concurso acudindo à sua voz, atentos e suspensos às suas palavras, escutando com silêncio, e com sinais de admiração e assenso[6] (como se tiveram entendimento) o que não entendiam! Quem olhasse neste passo para o mar e para a terra, e visse na terra os homens tão furiosos e obstinados e no mar os peixes tão quietos e tão devotos, que havia de dizer? Poderia cuidar que os peixes irracionais se tinham convertido em homens, e os homens não em peixes, mas em feras.

Aos homens deu Deus uso de razão, e não aos peixes; mas neste caso os homens tinham a razão sem o uso, e os peixes o uso sem a razão. (...)

[4] Vulgar, frequente
[5] Paixão, desejo
[6] Assentimento, acordo

Falando dos peixes, Aristóteles diz que só eles entre todos os animais se não domam nem domesticam. Dos animais terrestres o cão é tão doméstico, o cavalo tão sujeito, o boi tão serviçal, o bugio tão amigo ou tão lisonjeiro, e até os leões e os tigres com arte e benefícios se amansam. Dos animais do ar, afora aquelas aves que se criam e vivem connosco, o papagaio nos fala, o rouxinol nos canta, o açor nos ajuda e nos recreia; e até as grandes aves de rapina, encolhendo as unhas, reconhecem a mão de quem recebem o sustento. Os peixes, pelo contrário, lá se vivem nos seus mares e rios, lá se mergulham nos seus pegos, lá se escondem nas suas grutas, e não há nenhum tão grande que se fie do homem, nem tão pequeno que não fuja dele. Os Autores comummente condenam esta condição dos peixes, e a deitam à pouca docilidade ou demasiada bruteza; mas eu sou de mui diferente opinião. Não condeno, antes louvo muito aos peixes este seu retiro, e me parece que se não fora natureza, era grande prudência. Peixes! Quanto mais longe dos homens, tanto melhor; traço e familiaridade com eles. Deus vos livre! (...)

No tempo de Noé sucedeu o Dilúvio que cobriu e alagou o mundo, e de todos os animais quais livraram[7] melhor? Dos leões escaparam dois, leão e leoa, e assim dos outros animais da terra; das águias escaparam duas, fêmea e macho, e assim das outras aves. E dos peixes? Todos escaparam; antes, não só escaparam todos, mas ficaram muito mais largos que dantes, porque a terra e o mar tudo era mar. Pois se morreram naquele universal castigo todos os animais da terra e todas as aves, porque não morreram também os peixes? Sabeis porquê? Diz Santo Ambrósio: porque os outros animais, como mais domésticos ou mais vizinhos, tinham mais comunicação com os homens; os peixes viviam longe e retirados deles. (...) Vede, peixes, quão grande bem é estar longe dos homens. Perguntado um grande Filósofo, qual era a melhor terra do mundo, respondeu que a mais deserta, porque tinha os homens mais longe. Se isto vos pregou também Santo António, e foi este um dos benefícios de que vos exortou a dar graças ao Criador, bem vos pudera alegar consigo, que quanto mais buscava a Deus, tanto mais fugia dos homens. Para fugir dos homens deixou a casa de seus pais e se recolheu ou acolheu a uma Religião, onde professasse perpétua clausura. E porque nem aqui o deixavam os que ele tinha deixado, primeiro deixou Lisboa, depois Coimbra, e finalmente Portugal. Para fugir e se esconder dos homens, mudou o hábito, mudou o nome[8], e até a si mesmo se mudou, ocultando sua grande sabedoria debaixo da opinião de idiota, com que não fosse conhecido nem buscado, antes deixado de todos, como lhe sucedeu com seus próprios irmãos no Capítulo Geral de Assis. Dali se retirou a fazer vida solitária em um ermo, do qual nunca saíra, se Deus como por força o não manifestara, e por fim acabou a vida em outro deserto tanto mais unido com Deus, quanto mais apartado dos homens.

III

Este é, peixes, em comum o natural que em todos vós louvo, e a felicidade de que vos dou o parabém, não sem inveja. Descendo ao particular, infinita matéria fora se houvera de discorrer pelas virtudes de que o Autor da Natureza a dotou e fez admirável em cada um de vós. De alguns somente farei menção. E o que tem o primeiro lugar entre todos como tão celebrado na Escritura, é aquele Santo Peixe de Tobias, a quem o texto sagrado não dá outro nome, que de grande, como verdadeiramente o foi nas virtudes interiores, em que só consiste a verdadeira grandeza. Ia Tobias caminhando com o Anjo S. Rafael, que o acompanhava, e descendo a lavar os pés do pó do caminho nas margens de um rio, eis que o investe um grande Peixe com a boca aberta em acção de que o queria tragar. Gritou Tobias assombrado, mas o Anjo lhe disse que pegasse no peixe pela barbatana e o arrastasse para terra; que o abrisse e lhe tirasse as entranhas e as guardasse, porque lhe haviam de servir muito. Fê-lo assim Tobias, e perguntando que virtude tinham as entranhas daquele peixe que lhe mandara guardar, respondeu o Anjo que o fel era bom para sarar da cegueira, e o coração para lançar fora os Demónios: *Cordis ejus particulam, si super carbones ponas, fumus eju extricat omne genus Daemoniorum: et fel valet ad ungendos, óculos, in quibus fuerit albugo, et sanabuntur*[9]. Assim o disse o Anjo, e assim o

[7] Escaparam, resistiram à provação
[8] Verdadeiro nome de Santo António antes de professar era Fernando de Bulhões
[9] Se puseres um pedaço deste peixe sobre brasas, o seu fumo afugenta todo o género de demónios; o fel serve para ungir os olhos em que houver névoa e sararão.

mostrou logo a experiência porque sendo o pai de Tobias cego, aplicando-lhe o filho aos olhos um pequeno[10] do fel, cobrou inteiramente a vista; e tendo um Demónio chamado Asmodeu morto sete maridos a Sara, casou com ela o mesmo Tobias, e queimando na casa parte do coração, fugiu dali o Demónio e nunca mais tornou. De sorte que o fel daquele Peixe tirou a cegueira a Tobias, o velho, e lançou os Demónios de casa a Tobias, o moço. Um Peixe de tão bom coração e de tão proveitoso fel, quem o não louvará muito? Certo que se a este Peixe o vestiram de burel e o ataram com uma corda, parecia um retrato marítimo de Santo António. Abria Santo António a boca contra os hereges, e enviava-se a eles, levado do fervor e zelo da fé e glória divina. E eles que faziam? Gritavam como Tobias e assombravam-se com aquele homem e cuidavam que os queria comer. Ah homens, se houvesse um anjo que revelasse qual é o coração desse homem e esse fel que tanto vos amarga, quão proveitoso e quão necessário vos é! Se vós lhe abrísseis esse peito e lhe vísseis as entranhas, como é certo que havíeis de achar e conhecer claramente nelas que só duas cousas pretende de vós, e convosco: uma é alumiar e curar vossas cegueiras, e outra lançar-vos os Demónios fora de casa. Pois a quem vos quer tirar as cegueiras, a quem vos quer livrar dos Demónios, perseguis vós?! Só uma diferença havia entre Santo António e aquele Peixe: que o Peixe abriu a boca contra quem se lavava, e Santo António abria a sua contra os que se não queriam lavar. (...)

COMPREENSÃO

1. Assinala, nos dois primeiros parágrafos do texto, os segmentos que:
- **1.1.** caracterizam o destinatário deste sermão;
- **1.2.** relacionam as propriedades do sal com as qualidades que deve ter um sermão;
- **1.3.** anunciam a estrutura do sermão.

2. Salienta, agora, nos três restantes parágrafos do capítulo II:
- **2.1.** as virtudes dos peixes exaltadas pelo Padre António Vieira;
- **2.2.** as características que diferenciam os peixes dos outros animais;
- **2.3.** as razões pelas quais o pregador aconselha a que os peixes se afastem dos homens;
- **2.4.** os exemplos retirados da vida de Santo António que ajudam a ilustrar as virtudes dos peixes.

3. Depois de louvar as qualidades dos peixes, em geral. Vieira vai, agora, referir-se a exemplos concretos.

4. Lê o excerto do capítulo III e realiza as seguintes tarefas:
- **4.1.** Resume o episódio do peixe de Tobias;
- **4.2.** Explica a relação entre as virtudes das entranhas deste peixe e as palavras de Santo António.

COMPREENSÃO

1. Dando cumprimento à estrutura anunciada no início do capítulo II, Vieira vai agora repreender os peixes pelos seus "vícios", primeiro em geral e depois "descendo ao particular". Lê os excertos dos capítulos IV e V que se seguem e salienta:
- 1.1. o defeito dos peixes que mais escandaliza o pregador;
- 1.2. os dois tipos de peixes sobre cujos defeitos se debruça em particular.

IV

Antes, porém, que vos vades, assim como ouvistes os vossos louvores, ouvi também agora as vossas repreensões. Servir-vos-ão de confusão, já que não seja de emenda. A primeira cousa que me desedifica[11], peixes, de vós, é que vos comeis uns aos outros. Grande escândalo é este, mas a circunstância o faz ainda maior. Não só vos comeis uns aos outros, senão que os grandes comem os pequenos. Se fora pelo contrário, era menos mal. Se os pequenos comeram os grandes, bastara um grande para muitos pequenos; mas como os grandes comem os pequenos, não bastam cem pequenos, nem mil, para um só grande. Olhai como estranha isto Santo Agostinho: *Homines pravis, perversisque cupiditatibus facit sunt veluti piscis invicem se devorantes:* Os homens, com suas más e perversas cobiças, vêm a ser como os peixes que se comem uns aos outros. Tão alheia cousa é, não só da razão, mas da mesma natureza, que, sendo todos criados no mesmo elemento, todos cidadãos da mesma pátria, e todos finalmente irmãos, vivais de vos comer! Santo Agostinho, que pregava aos homens, para encarecer a fealdade deste escândalo, mostrou-lho nos peixes; e eu, que prego aos peixes, para que vejais quão feio e abominável é, quero que o vejais nos homens. Olhai, peixes, lá do mar

[10] Um pouco de
[11] escandaliza

para a terra. Não, não: não é isso o que vos digo. Vós virais os olhos para os matos e para o sertão? Para cá, para cá; para a cidade é que haveis de olhar. Cuidais que só os Tapuias[12] se comem uns aos outros? Muito maior açougue[13] é o de cá, muito mais se comem os brancos. Vedes vós todo aquele bulir, vedes todo aquele andar, vedes aquele concorrer às praças e cruzar as ruas; vedes aquele subir e descer as calçadas, vedes aquele entrar e sair sem quietação nem sossego? Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão-de comer, e como se hão-de comer.

Morreu algum deles, vereis logo tantos sobre o miserável a despedaçá-lo e comê-lo. Comem-no os herdeiros, comem-no os testamenteiros, comem-no os legatários, comem-no os credores; comem-no os oficiais dos órfãos, e os dos defuntos e ausentes; come-o o médico que o curou ou ajudou a morrer; come-o o sangrador que lhe tirou o sangue; come-o a mesma mulher, que de má vontade lhe dá para mortalha o lençol mais velho da casa; come-o o que lhe abre a cova, o que lhe tange os sinos, e os que, cantando, o levam a enterrar; enfim, ainda o pobre defunto o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra. Já se os homens se comeram somente depois de mortos, parece que era menos horror e menos matéria de sentimento. Mas para que conheçais a que chega a vossa crueldade, considerai, peixes, que também os homens se comem vivos assim como vós. (...)

Dir-me-eis (como também dizem os homens) que não tendes outro modo de vos sustentar. E de que se sustentam entre vós muitos, que não comem os outros? O mar é muito largo, muito fértil, muito abundante, e só com o que bota às praias pode sustentar grande parte dos que vivem dentro nele. Comerem-se uns animais aos outros é voracidade e sevícia, e não estatuto da natureza. (...)

V

Descendo ao particular, direi agora, peixes, o que tenho contra alguns de vós. [14]

Com os Voadores tenho também uma palavra, e não é pequena a queixa. Dizei-me, Voadores, não vos fez Deus para peixes? Pois porque vos meteis a ser aves? O mar fê-lo Deus para vós, e o ar para elas. Contentai-vos com o mar e com nadar, e não queirais voar, pois sois peixes. Se acaso vos não conheceis, olhai para as vossas espinhas e para as vossas escamas, e conhecereis que não sois ave, senão peixe, e ainda entre os peixes não dos melhores. Dir-me-eis, Voador, que vos deu Deus maiores barbatanas que aos outros do vosso tamanho. Pois porque tivestes maiores barbatanas, por isso haveis de fazer das barbatanas asas? Mas ainda mal, porque tantas vezes vos desengana o vosso castigo. Quisestes ser melhor que os outros peixes, e por isso sois mais mofino que todos. Aos outros peixes do alto, mata-os o anzol ou a fisga, a vós sem fisga nem anzol, mata-vos a vossa presunção e o vosso capricho. Vai o navio navegando e o marinheiro dormindo, e o Voador toca na vela ou na corda, e cai palpitando. Aos outros peixes mata-os a fome e engana-os a isca, ao Voador mata-o a vaidade de voar, e a sua isca é o vento. Quanto melhor lhe fora mergulhar por baixo da quilha e viver, que voar por cima das etenas e cair morto. Grande ambição é que, sendo o mar tão imenso, lhe não basta a um peixe tão pequeno todo o mar, e queira outro elemento mais largo. Mas vede, peixes, o castigo da ambição. O Voador fê-lo Deus peixe, e ele quis ser ave, e permite o mesmo Deus que tenha os perigos de ave e mais os de peixe. Todas as velas para ele são redes, como peixe, e todas as cordas, laços, como ave. Vê, Voador, como correu pela posta[15] o teu castigo. Pouco há nadavas vivo no mar com as barbatanas, e agora jazes em um convés amortalhado nas asas. Não contente com ser peixe, quiseste ser ave, e já não és ave nem peixe; nem voar poderás já, nem nadar. A natureza deu-te a água, tu não quiseste senão o ar, e eu já te vejo posto ao fogo. Peixes, contente-se cada um com o seu elemento. Se o Voador não quisera passar do segundo

[12] Nome pelo qual se designavam os nativos do Brasil
[13] talho
[14] Nota: Antes de se dirigir aos *voadores*, o Pe. António Vieira critica o comportamento de mais dois peixes: os *roncadores* - peixes muito pequenos da costa brasileira que emitem um som semelhante ao grunhido dos porcos -, que funcionam como alegoria da arrogância, da soberba e da vaidade; os *pegadores* - peixes pequenos, frequentes no Atlântico, e que se caracterizam por se fixarem nas costas de peixes maiores, alimentando-se dos restos da sua comida -, que são a alegoria do parasitismo e da adulação nos homens.
[15] Chegou depressa

ao terceiro, não viera a parar no quarto. Bem seguro estava ele do fogo, quando nadava na água, mas porque quis ser borboleta das ondas, vieram-se-lhe a queimar as asas.

À vista deste exemplo, peixes, tomai todos na memória esta sentença: Quem quer mais do que lhe convém, perde o que quer e o que tem. Quem pode nadar e quer voar, tempo virá em que não voe nem nade. (...)

(...) Voadores do mar (não falo com os da terra), imitai o vosso Santo Pregador. Se vos parece que as vossas barbatanas vos podem servir de asas, não as estendais para subir, porque vos não suceda encontrar com alguma vela ou algum costado; encolhei-as para descer, ide-vos meter no fundo em alguma cova; e se aí estiverdes mais escondidos, estareis mais seguros.

Mas já que estamos nas covas do mar, antes que saíamos delas, temos lá o irmão Polvo, contra o qual têm suas queixas, e grandes, não menos que S. Basílio e Santo Ambrósio. O Polvo, com aquele seu capelo na cabeça, parece um monge; com aqueles seus raios estendidos, parece uma estrela; com aquele não ter osso nem espinha, parece a mesma brandura, a mesma mansidão. E debaixo desta aparência tão modesta, ou desta hipocrisia tão santa, testemunham contestamente os dois grandes Doutores da Igreja Latina e Grega, que o dito Polvo é o maior traidor do mar. Consiste esta traição do Polvo, primeiramente, em se vestir ou pintar das mesmas cores de todas aquelas cores a que está pegado. As cores, que no camaleão são gala, no Polvo são malícia; as figuras, que em Proteu[16] são fábula, no Polvo são verdade e artifício. Se está nos limos, faz-se verde; se está na areia, faz-se branco; se está no lodo, faz-se pardo; e se está em alguma pedra, como mais ordinariamente costuma estar, faz-se da cor da mesma pedra. E daqui que sucede? Sucede que o outro peixe, inocente da traição, vai passando desacautelado, e o salteador, que está de emboscada dentro do seu próprio engano, lança-lhe os braços de repente, e fá-lo prisioneiro. Fizera mais Judas? Não fizera mais, porque nem fez tanto. Judas abraçou a Cristo, mas outros o prenderam; o Polvo é o que abraça e mais o que prende, Judas com os braços fez o sinal, e o Polvo dos próprios braços faz as cordas. Judas é verdade que foi traidor, mas com lanternas diante; traçou a traição às escuras, mas executou-a muito às claras. O Polvo, escurecendo-se a si, tira a vista aos outros, e a primeira traição e roubo que faz, é à luz, para que não distinga as cores. Vê, peixe aleivoso e vil, qual é a tua maldade, pois Judas em tua comparação já é menos traidor! (...)

Vejo, peixes, que pelo conhecimento que tendes das terras em que batem os vossos mares, me estais respondendo e convindo, que também nelas há falsidades, enganos, fingimentos, embustes, ciladas e muito maiores e mais perniciosas traições. E sobre o mesmo sujeito que defendeis, também podereis aplicar aos semelhantes outra propriedade muito própria; mas pois vós a calais, eu também a calo. Com grande confusão, porém, vos confesso tudo, e muito mais do que dizeis, pois o não posso negar. Mas ponde os olhos em António, vosso pregador, e vereis nele o mais puro exemplar da candura, da sinceridade e da verdade, onde nunca houve dolo, fingimento ou engano. E sabei também que para haver tudo isto em cada um de nós, bastava antigamente ser português, não era necessário ser santo.

Tenho acabado, irmãos peixes, os vossos louvores e repreensões, e satisfeito, como vos prometi, às duas obrigações do sal, posto que do mar, e não da terra: Vos *estis sal terrae.* Só resta fazer-vos uma advertência muito necessária, para os que viveis nestes mares. Como eles são tão esparcelados e cheios de baixios, bem sabeis que se perdem e dão à costa muitos navios, com que se enriquece o mar e a terra se empobrece. Importa, pois, que advirtais, que nesta mesma riqueza tendes um grande perigo, porque todos os que se aproveitam dos bens dos naufragantes ficam excomungados e malditos. (...)

COMPREENSÃO

1. Concentra a tua atenção no excerto do capítulo IV.

1.2. Os peixes comem-se uns aos outros.

[16]Deus marinho da mitologia grega, Proteu é filho de Poseidon e de Tétis. Proteu tinha o dom da profecia e o poder de s e metamorfosear para escapar aosperseguidores ou a quem o buscava para saber os acontecimentos futuros.

1.1.1. Menciona o facto que transforma este escândalo num escândalo maior.

1.1.2. Esclarece o sentido da justificação que o Padre António Vieira apresenta para reprovar esta atitude dos peixes.

1.3. Dirigindo-se directamente aos seus "ouvintes", o pregador convida-os a olharem para a terra.

1.2.1. Explica em que consiste o equívoco dos peixes.

1.2.2. Refere-te aos sentidos em que o verbo *comer é* usado na passagem que estás a analisar.

1.3. Na passagem "Olhai, peixes, lá do mar para a terra. […] e já o tem comido toda a terra", identifica os processos usados por Vieira para conferir ao seu sermão um tom dramático e para captar a atenção do auditório.

1.4. Faz o levantamento dos conectores usados para exprimir:

* oposição *hipótese *conclusão

1.5. Comenta o significado das seguintes afirmações:

- *"Pois tudo aquilo é andarem buscando os homens como hão-de comer, e como se hão-de comer."*
- *"enfim, ainda o pobre defunto o não comeu a terra, e já o tem comido toda a terra."*

2. Atenta, agora, no excerto do capítulo V.

2.1. Analisa a alegoria dos Voadores considerando:

*os defeitos que apresentam; *o ditado popular que se lhes aplica;

*os conselhos que lhes são dados; *a sua simbologia.

2.2. O Polvo é tratado de forma particular pelo pregador, já que os seus defeitos são os mais graves.

2.2.1. Analisa os dois parágrafos que lhe correspondem, salientando os seguintes aspectos:

- o que o Polvo parece e aquilo que ele é;
- os recursos utilizados na sua caracterização;
- a relação Polvo/cama leão/Proteu;
- a relação Polvo/Judas (aspectos comuns e diferenças);
- a sua simbologia.

2.2.2. Salienta a crítica contida no seguinte trecho: *"Mas ponde os olhos em António, vosso Pregador, e vereis nele o mais puro exemplar da candura, da sinceridade e da verdade, onde nunca houve dolo, fingimento ou engano. E sabei também que para haver tudo isto em cada um de nós, bastava antigamente ser português, não era necessário ser santo.*"

3. Explica, por palavras tuas, a advertência final do Padre António Vieira aos peixes.

LEITURA e COMPREENSÃO

1. Lê o último capítulo do sermão - a peroração - e faz corresponder cada uma das frases-chave que se seguem ao respectivo parágrafo:

- os peixes e o pregador;
- razões pelas quais os peixes devem louvar a Deus;
- motivo por que não podem os peixes ser sacrificados a Deus.

VI

Com esta última advertência vos despido[17], ou me despido de vós, meus peixes. E para que vades consolados do sermão, que não sei quando ouvireis outro, quero-vos aliviar de uma desconsolação mui antiga, com que todos ficastes desde o tempo em que se publicou o *Levítico.* Na Lei Eclesiástica ou Ritual do *Levítico*, escolheu Deus certos animais, que lhe haviam de ser sacrificados; mas todos eles ou animais terrestres ou aves, ficando os peixes totalmente excluídos dos sacrifícios. E quem duvida que esta exclusão tão universal era digna de grande desconsolação e sentimento para todos os habitadores de um elemento tão nobre, que mereceu dar a matéria ao primeiro sacramento? O motivo principal de serem excluídos os peixes foi porque os outros animais podiam ir vivos ao sacrifício, e os peixes geralmente não, senão mortos; e cousa morta não quer Deus que se lhe ofereça, nem chegue aos seus altares. Também este ponto era mui importante e necessário aos homens, se eu lhes pregara a eles. Oh quantas almas chegam àquele altar mortas, porque chegam e não têm horror de chegar, estando em pecado mortal! Peixes, dai muitas graças a Deus de vos livrar deste perigo, porque melhor é não chegar ao sacrifício, que chegar morto. Os outros animais ofereçam a Deus o ser sacrificados; vós oferecei-lhe o não chegar ao sacrifício; os outros sacrifiquem a Deus o sangue e a vida; vós sacrificai-lhe o respeito e a reverência.

Ah peixes, quantas invejas vos tenho a essa natural irregularidade! Quanto melhor me fora não tomar a Deus nas mãos, que tomá-lo tão indignamente! Em tudo o que vos excedo, peixes, vos reconheço muitas

[17] despeço

vantagens. A vossa bruteza é melhor que a minha razão e o vosso instinto melhor que o meu alvedrio. Eu falo, mas vós não ofendeis a Deus com as palavras; eu lembro-me, mas vós não ofendeis a Deus com a memória; eu discorro, mas vós não ofendeis a DEUS com o entendimento; eu quero, mas vós não ofendeis a Deus com a vontade. Vós fostes criados por Deus, para servir ao homem, e conseguis o fim para que fostes criados; a mim criou-me para o servir a ele, e eu não consigo o fim para que me criou. Vós não haveis de ver a Deus, e podereis aparecer diante dele muito confiadamente, porque o não ofendestes; eu espero que o hei-de ver, mas com que rosto hei-de aparecer diante do seu divino acatamento, se não cesso de o ofender? Ah que quase estou por dizer que me fora melhor ser como vós, pois de um homem que tinha as minhas mesmas obrigações, disse a Suma Verdade[18], que melhor lhe fora não nascer ou não nascer homem: *Si natus non fuisset homo ille.* E pois os que nascemos homens, respondemos tão mal às obrigações de nosso nascimento, contentai-vos, peixes, e dai muitas graças a Deus pelo vosso.

Benedicite, cete, et ominia quae moventur in aquis, Domino: Louvai, peixes, a Deus, os grandes e os pequenos, e repartidos em dois coros tão inumeráveis, louvai-o todos uniformemente. Louvai a Deus, porque vos criou em tanto número. Louvai a Deus, que vos distinguiu em tantas espécies; louvai a Deus, que vos vestiu de tanta variedade e formosura; louvai a Deus, que vos habilitou de todos os instrumentos necessários para a vida; louvai a Deus, que vos deu um elemento tão largo e tão puro; louvai a Deus, que, vindo a este mundo, viveu entre nós, e chamou para si aqueles que convosco e de vós viviam; louvai a Deus, que vos sustenta; louvai a Deus, que vos conserva; louvai a Deus, que vos multiplica; louvai a Deus, enfim, servindo e sustentando ao homem, que é o fim para que vos criou; e assim como no princípio vos deu sua bênção, vo-la dê também agora. Amen. Como não sois capazes de Glória, ao nem de Graça, não acaba o vosso Sermão em Graça e Glória.

COMPREENSÃO

1. Relê o primeiro parágrafo e salienta:
- o motivo da *"desconsolação mui antiga"* dos peixes;
- a razão pela qual os peixes não podem ser sacrificados a Deus;
- o facto que faz com que muitos homens sejam, neste aspecto, muito semelhantes aos peixes;
- o que é que os peixes devem oferecer a Deus.

2. Explicita, em forma de esquema, o paralelo que o pregador estabelece, no segundo parágrafo, entre ele próprio e os peixes.

3. Evidencia, no terceiro parágrafo, o valor:
- das repetições;
- do recurso à função apelativa da linguagem.

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ORAL

I. Imagina que, no final da leitura individual do sermão, tens de apresentar à turma um pequeno discurso de dois/três minutos sobre a sua reacção à globalidade do texto abordado.

1. Planifica o teu discurso, de acordo com o esquema fornecido.

Tese/Reacção ao sermão	Argumentos a apresentar	Conclusão
		…ou…

[18] Deus

2. Apresenta o discurso, confrontando-o com posições de outros colegas.

II. Um dos efeitos da pronunciação feita pelo orador é o *delectare* (agradar), além dos objectivos de *docere* (ensinar) e *movere* (convencer).

1. Selecciona o segmento do sermão que mais te agradou, apontando as razões que te levaram a optar por esse momento do discurso.

2. Oraliza expressivamente a leitura dos segmentos escolhidos.

3. Procede à avaliação da leitura, pela aplicação dos seguintes parâmetros:

	+	+/-	-	
Leitura fluente do texto				Atropelo/soletração de sílabas e/ou palavras
Dicção clara				Articulação incorrecta dos sons
Entoação adequada à pontuação/ aos actos apresentados				Desrespeito da pontuação e dos actos de fala representados
Modulação expressiva da voz				Voz monótona
Intensidade de voz audível				Intensidade de voz fraca
Ritmo de leitura adequado				Pausas demasiado longas/rápidas
Postura corporal correcta				Postura demasiado descontraída

COMPREENSÃO

III. Avalia a leitura que fizeste da globalidade do "Sermão de Santo António", resolvendo as seguintes tarefas:

1. Selecciona a hipótese correcta para completar o segmento iniciado.

1.1. O "Sermão de Santo António" foi pregado por…

a. Santo António em S. Luís do Maranhão.
b. Padre António Vieira na Capela Real de Lisboa, em 1654.
c. Santo Agostinho em Arimiro.
d. Padre António Vieira, em S. Luís do Maranhão.

1.2. A primeira parte do sermão inicia com a máxima inspiradora, ou seja, …

a. com o conceito predicável, baseado num versículo latino de S. Mateus.
b. com a narrativa da experiência de Sto. António.
c. com as palavras citadas de Sto. António, dirigidas aos pregadores.
d. com o conceito predicável, latino, proferido por Cristo aos pregadores.

1.3. A partir da citação "Vós sois o sal da terra", o orador pretende...

a. dirigir-se ao auditório, apontando-o como o exemplo a seguir.
b. mostrar que Cristo via nos peixes o alimento para os humanos.
c. constatar que tanto os pregadores como a terra não seguem a mensagem de Cristo.
d. lembrar aos pregadores o desejo de preservar a terra da corrupção.

1.4. Sto. António aparece...

a. como o exemplo da acção de um pregador que abandonou os homens.
b. elogiado no sermão, por ser o patrono de São Luís do Maranhão.
c. constantemente referido no sermão por ter imitado Pe. António Vieira.
d. como o exemplo a elogiar e a seguir no modo de pregar aos homens.

1.5. No final do exórdio, faz-se a invocação a Maria para …

a. cuidar dos pecados dos homens.
b. agraciar o orador com a inspiração necessária ao assunto a pregar.
c. proteger Sto. António.
d. zelar pela vida dos pescadores.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

I. Considera as seguintes frases complexas:

1. Como os homens não ouviam as palavras de Sto. António, este escolheu um outro auditório.
2. O "Sermão de Santo António" foi proferido em 1654, mas o seu conteúdo mantém-se actual no século XXI.
3. É espantoso o conhecimento erudito e vivência que Pe. António Vieira revela nos seus sermões.
4. Ainda que o Papa atribuísse a Vieira a libertação do jugo inquisitorial, o português viu-se limitado pelo Santo Oficio

na sua acção evangelizadora.

5. Vieira não só se revelou um sábio nas Escrituras divinas mas também assumiu a humildade do "grande pai" com os índios do Maranhão.

6. O gosto do orador em trabalhar as palavras é tão escultórico que torna a sua prosa um modelo espantoso de mestria da língua portuguesa.

7. Caso Vieira vivesse no século XXI, encontraria muitos dos peixes-homens do seu tempo.

8. Pe. António Vieira missionou fervorosamente com o intuito de evangelizar os índios da Baía e do Maranhão.

- Verifica a natureza complexa da construção das frases e Identifica a lógica dos articuladores apresentados.
- Reconstrói, sempre que possível, cada uma das frases com um articulador sinónimo, introduzindo as alterações necessárias.

II. Atenta nos seguintes pares de frases.

1. Reconstrói-os, de modo a obter uma só frase com o articulador lógico conveniente.

1.1. Padre António Vieira constrói ironias subtis nos seus discursos.
Padre António Vieira formula denúncias certeiras aos males do seu tempo.

1.2. Vieira evoca vários episódios bíblicos nos seus sermões.
Alguns episódios bíblicos visam exemplificar as virtudes e os vícios do tempo de Vieira.

1.3. No "Sermão da Sexagésima" (1655), Vieira planifica a arte de pregar.
O "Sermão de Santo António" foi proferido em 1654 com os requisitos dessa arte.

1.4. Vieira inseria, na sua oratória, os factos sociais seus contemporâneos.
Vieira revela capacidade crítica de estar em cima dos acontecimentos do seu tempo.

1.5. Os sermões vieirianos partem de um tema bíblico.
Os sermões vieirianos são fundamentados nas palavras da Escritura.

2. Explicita a lógica dos articuladores utilizados nas reconstruções.

III. Constrói frases ilustrativas das seguintes descrições.

1. Frase complexa com o articulador condicional "desde que",

2. Frase complexa com o articulador de oposição "enquanto".

3. Frase simples com o articulador completivo/integrante "que".

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

I. Num dos sermões de Pe. António Vieira (*Sermão… nos anos da Rainha D. Maria Francisca Isabel de Sabóia)*, pode ler-se o seguinte excerto:

"É a guerra aquele monstro que se sustenta das fazendas, do sangue, das vidas e quanto mais come e consome tanto menos se farta. É a guerra aquela tempestade terrestre que leva os campos, as casas, as vilas, as cidades, os castelos, e talvez em um momento sorve os reinos e monarquias inteiras. É a guerra aquela calamidade composta de todas as calamidades, em que não há mal algum que ou não se padeça ou não se tema, nem bem que seja próprio e seguro: - o pai não tem seguro o filho; o rico não tem segura a fazenda; o pobre não tem seguro o seu suor, o nobre não tem segura a sua honra; o eclesiástico não tem segura a imunidade; o religioso não tem segura a sua cela; e até Deus, nos templos e nos sacrários, não está seguro."

1. Produz um parágrafo semelhante ao apresentado, em que coerentemente abordes um dos seguintes temas:
a. o consumismo **b.** o racismo **c.** a moda **d.** a ambição desmedida

II. A defesa dos desfavorecidos e oprimidos, nomeadamente dos indígenas, foi sempre uma questão relevada nas reflexões e pelos ideais visionários de Pe. António Vieira.

1. Constrói um texto argumentativo, com cerca de 200-250 palavras, que, na base da afirmação feita, corresponda à planificação proposta.

Introdução	• Início com a afirmação feita em II.
	• Pequeno exemplo referente ao *Sermão de Santo António*.

	• Actualidade da questão.
Desenvolvimento	• Casos actuais em que Vieira se poderia basear.
	• Concretização de um dos casos.
	• Razões para a defesa desse caso.
Conclusão	• Remate breve do texto (opinião pessoa/sugestão de resolução do caso / formulação de interrogação retórica / modalidade a retirar…)

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ORAL

DEBATE

1. Se vivesse hoje, como seria o Padre António Vieira?
Escreveria, num computador portátil de viajante eterno?

2. "Há homens que são como
As velas, sacrificam-se,
Queimando-se para dar
luz aos outros."
António Vieira

➢ **Ficha informativa sobre o *Sermão de Santo António aos Peixes* de Pe. António Vieira**

O *Sermão de Santo António aos Peixes* foi pregado em São Luís do Maranhão a 13 de Junho de 1654, no dia da comemoração das festas de Santo António. É inspirado na lenda segundo a qual Santo António, não sendo ouvido pelos homens numa das suas pregações, em Itália, se dirige a uma praia deserta onde difunde o seu sermão e os peixes, milagrosamente, levantam a cabeça à superfície das águas, atestando assim a força da palavra deste pregador.

Também Padre António Vieira prega aos peixes, estabelecendo um paralelo conceptista entre os seus vícios e os dos homens. Trata-se, pois, de um sermão de **crítica politica e social** pautado por um tom contundente de ataque e denúncia, sobretudo aos colonos do Maranhão que restringiam a liberdade dos Índios, explorando impiedosamente a sua mão-de-obra. Vieira defendia os direitos dos indígenas, procurando abolir as leis que os tornavam escravos e a palavra era, sem dúvida, a sua maior arma.

➢ **Estrutura do *Sermão de Santo António aos Peixes***

O *Sermão de Santo António aos Peixes* é uma **alegoria**, na medida em que os peixes são a personificação dos homens. Padre António Vieira toma como ponto de partida um frase bíblica irrefutavelmente aplicável às condições políticas e sociais da sua época.

A estrutura do sermão segue os preceitos da retórica clássica, sendo constituída pelo exórdio, pela exposição e confirmação, e pela peroração.

Estrutura externa:

1. **EXÓRDIO** – capítulo I – apresentação do tema que vai ser tratado no sermão, a partir do conceito predicável e das ideias a defender e que, geralmente, termina com uma breve oração, invocando a Virgem. Esta parte reveste-se de extrema importância dado que é o primeiro passo para captar a atenção e a benevolência dos ouvintes.
2. **EXPOSIÇÃO E CONFIRMAÇÃO** – capítulos II a V – retoma a explicitação do assunto, com uma breve explicação da organização do discurso; desenvolvimento e enumeração dos argumentos, contra-argumentos, seguidos de exemplos e /ou citações. A exposição situa-se desde o início do capítulo II até « ... Santo António abria a sua (boca) contra os que não se queriam lavar.», no capítulo III; e a confirmação começa a partir de « Ah moradores do Maranhão...» e termina no final do capítulo V.

3. **PERORAÇÃO** – capítulo VI- conclusão do raciocínio com destaque para os argumentos mais importantes. Saliente-se que esta é a parte que a memória dos ouvintes melhor retém, pelo que deverá conter os aspectos principais desenvolvidos no sermão, de modo a deixar clara a mensagem veiculada e a levar os ouvintes a pôr em prática os seus ensinamentos.

LOUVORES AOS PEIXES, EM GERAL:

☺ os peixes ouvem e não falam; foram as primeiras criaturas que Deus criou; são mais numerosos e melhores que os homens; demonstraram obediência, respeito e devoção ao escutar Santo António; e são os únicos animais que não se deixam domesticar, atitude esta prudente e sensata.

LOUVORES AOS PEIXES, EM PARTICULAR:

- **ao peixe de Tobias**: « o fel era bom para sarar a cegueira, e o coração para lançar fora os demónios» - sarou a cegueira do pai de Tobias e lançou fora demónios. O peixe em questão é comparado a Santo António que pregava contra os hereges, alumiava e curava a cegueira dos homens e expurgava os demónios.
- **à rémora**: «é freio da Nau e leme do leme» - embora pequena no corpo é grande na força e no poder, de tal modo que ao pegar-se ao leme de uma nau, impede que esta avance. Também Santo António, com a sua pequena língua (sabedoria), orientou e refreou a natureza humana.
- **ao torpedo**: «picando na isca (...), começa a lhe (ao pescador) tremer o braço» - tal como a rémora, é pequeno, mas possui um grande poder; gera uma energia que faz tremer o braço de quem o procura pescar. Da mesma forma, Santo António fez tremer os pescadores (pecadores) quando estes ouviram as suas palavras a tal ponto que se converteram.
- **ao quatro-olhos** : tem « quatro olhos, em tudo cabais e perfeitos»: dois dos olhos deste peixe estão virados para cima e dois para baixo, pelo que lhe permite defender-se das aves e dos peixes. A partir deste peixe, António Vieira aprendeu que se tem fé e usa da razão só deve olhar «direitamente para cima», isto é, para o Céu; e «direitamente para baixo», ou seja, para o Inferno.

REPREENSÕES AOS PEIXES, EM GERAL:

- os peixes comem-se uns aos outros e, mais grave ainda, os grandes comem os mais pequenos; além disso, são ignorantes, cegos e vaidosos, deixando-se facilmente enganar. Estes defeitos são igualmente apontados e condenados nos homens.

REPREENSÕES AOS PEIXES, EM PARTICULAR:

- **ao roncador**: o seu pequeno tamanho contrasta com os roncos que emite. Neste caso, roncar significa falar (ou agir) aparatosa e ostensivamente; tem a ver com a arrogância e prepotência. António Vieira estabelece um paralelo entre este peixe e os homens que, sendo presunçosos e arrogantes, acabam por ser humilhados por Deus e exemplifica com São Pedro, que alardeava não fraquejar e ser sempre leal, ao qual «bastou a voz de uma mulherzinha para o fazer tremer e negar»; e com Golias a quem «bastou um pastorzinho com um cajado e uma funda, para dar com ele em terra». Uma vez mais, aponta Santo António como modelo a imitar, pois este «tem muita espada» e «pouca língua», ou seja, possui sabedoria e poder, ainda que disso não faça alarde por meio das palavras.
- **ao pegador**: o facto de ser pequeno permite-lhe que se cole aos costados de outros peixes maiores, vivendo à custa destes. Também nos homens, assegura Vieira, se verifica este comportamento que aplica aos pegadores que sempre acompanham o «Vice-Rei ou Governador para as Conquistas». Esta atitude é condenável, até porque, morrendo aquele de quem dependem, «morrem com ele os Pegadores», facto este que comprova com o exemplo da morte de Herodes e, consequentemente, da de todos os que também queriam tirar a vida ao filho de Deus. Salienta, no entanto, os «pegadores de Deus» como David e Santo António, como exemplos a seguir. Vieira abre, contudo, uma concessão, aconselhando que, embora se cheguem «aos grandes», não o devem fazer «de tal maneira pegados» que se matem ou morram por eles.
- **ao voador**: o seu elemento natural é a água, mas dada a dimensão das suas barbatanas e a sua

ambição, também consegue voar, o que lhe acarreta redobrados perigos – o de ser pescado no mar e o de ser apanhado no ar. Há, igualmente, homens cujo capricho, presunção e vaidade de querer mais do que lhes convém, perdem o que querem e o que têm, juízo este que Vieira comprova com o exemplo de Simão Mago, que se viu privado das suas asas para voar e dos pés para andar, ao tentar subir aos Céus para se encontrar com Deus, que dizia ser seu Pai. Também Santo António é evocado, mas como modelo exemplar, pois usou as suas «asas (sabedoria) para descer» e não para exibir o seu valor, o que lhe proporcionou mais segurança.

- **ao polvo**: aparentemente inofensivo, tem a capacidade de se metamorfosear, sendo, por isso, «o maior traidor do mar», uma vez que usa o mimetismo para atacar e não para se defender, como acontece, nomeadamente, com o camaleão. Vieira compara o polvo ao monge, devido à sua «aparência tão modesta» e «hipocrisia tão santa», e salienta que este molusco é mais judas que o próprio Judas. Tal como o polvo, também os homens se escondem sob uma falsa aparência, criando embustes e ciladas com as quais traem o próximo. Novamente Santo António surge como exemplar a imitar: para este pregador «nunca houve dolo, fingimento ou engano», mas antes candura, sinceridade e verdade.

António Vieira termina esta parte com uma **advertência**: todos quantos se apoderarem indevidamente do alheio são «excomungados e malditos» e têm vida curta, tal como o peixe pescado por São Pedro que tinha uma moeda na boca, com certeza oriunda da algum naufrágio. Vieira deixa o **recado**: «não há mais miserável morte, que morrer com o alheio atravessado na garganta».

UNIDADE DE ENSINO - APRENDIZAGEM 11: TEXTOS DE TEATRO

- **TEXTO DRAMÁTICO**

1. **ACÇÃO** (desenrolar dos acontecimentos, através do diálogo e da movimentação das personagens)

   1.1. Estrutura Interna
   - Exposição (apresentação das personagens e dos antecedentes da acção)
   - Conflito (sucessão dos acontecimentos que constituem a acção teatral)
   - Desfecho (desenlace da acção)

   1.2. Estrutura Externa
   - Acto (divisão maior do texto dramático, quando decorre num mesmo espaço)
   - Cena (divisão do acto determinada pela entrada ou saída de personagens)

2. **PERSONAGENS** (agentes da acção)

   2.1. Classificação quanto ao relevo/ importância
   - Principal ou protagonista (desempenha um papel de maior importância)
   - Secundária (desempenha papéis de menor relevo)
   - Figurante (não desempenha qualquer papel específico, embora a sua existência seja importante para a compreensão da acção)

   2.2. Tipo de retrato
   - Físico (aspecto exterior, fisionomia, vestuário,…)
   - Psicológico (traços da personalidade, maneira de ser)

   2.3. Processos de caracterização
   - Directa (através de palavras da personagem acerca de si própria, de palavras de outras personagens, de afirmações do narrador)
   - Indirecta (deduções do leitor acerca da personagem, a partir de atitudes ou comportamento da mesma)

3. **ESPAÇO** (local onde decorre a acção; no texto teatral, corresponde ao espaço de representação)

4. **TEMPO** (o tempo da acção normalmente corresponde ao da representação)

5. **MODALIDADES DO TEXTO DRAMÁTICO**

   5.1. Discurso Dramático (texto principal constituído pelas "falas" das personagens)
   - Diálogo (conversa entre personagens; dá à acção mais vivacidade e autenticidade)
   - Monólogo (quando a personagem fala sozinha)
   - Aparte (quando a personagem fala para o público, não querendo que as outras personagens a ouçam)

   5.2. Indicações Cénicas ou Didascálias (texto secundário constituído pelas informações do autor sobre os gestos, a entoação e a movimentação das personagens, o cenário, o guarda-roupa, a luz, o som, etc.)

6. **TIPO DE TEXTO**
   - Comédia
   - Tragédia
   - Farsa

7. **INTENÇÃO DO AUTOR AO CONCEBER A PEÇA** (lúdica, didáctica e/ou crítica)

8. OPINIÃO DO LEITOR

- Actualidade ou anacronismo do tema

▪ **GÉNERO LITERÁRIO – TRAGÉDIA**

Composição originária da Grécia antiga e que, de acordo com a *Poética* de Aristóteles, apresentava como principais elementos caracterizadores o facto de despertar, no público, o terror e a piedade. Para os autores clássicos, a tragédia era o mais nobre dos géneros literários.

No teatro da Grécia clássica, a tragédia era constituída por cinco actos: o prólogo, que corresponde ao primeiro acto; os episódios, correspondentes ao segundo, terceiro e quarto actos; e o êxodo, correspondente ao quinto acto. Além dos actores, intervinha o coro, que manifestava a voz do bom senso, da harmonia, da moderação, face à exaltação dos protagonistas.

Característica também da tragédia clássica era a chamada lei das três unidades: unidade de espaço, de tempo e de acção, que conferia a este género uma intensidade e densidade particulares, graças à concentração de todos os elementos num único local, no espaço de um dia e numa acção assente nos acontecimentos estritamente necessários.

Do ponto de vista temático, a tragédia apresenta um herói que, desafiando propositada ou involuntariamente as leis dos deuses, é por estes castigado. Os mais destacados tragediógrafos gregos foram Ésquilo, Sófocles e Eurípides.

➢ **Elementos Essenciais da Tragédia Grega**

Hybris – Sentimento que conduz os heróis da tragédia à violação da ordem estabelecida através de uma acção ou comportamento que se assume como um desafio aos poderes instituídos (leis dos deuses, leis da cidade, leis da família, leis da natureza).

Pathos – Sofrimento, progressivo, do(s) protagonista(s), imposto pelo Destino (*Anankê*) e executado pelas Parcas (Cloto, que presidia ao nascimento e sustinha o fuso na mão; Láquesis, que fiava os dias da vida e os seus acontecimentos; Átropos, a mais velha das três irmãs, que, com a sua tesoura fatal, cortava o fio da vida), como consequência da sua ousadia.

Ágon – Conflito (a alma da tragédia) que decorre da *hybris* desencadeada pelo(s) protagonista(s) e que se manifesta na luta contra os que zelam pela ordem estabelecida.

Anankê – É o Destino. Preside às Parcas e encontra-se acima dos próprios deuses, aos quais não é permitido desobedecer-lhe.

Peripécia – Segundo Aristóteles, "*Peripécia* é a mutação dos sucessos no contrário". Assim, poderemos considerar um acontecimento imprevisível que altera o normal rumo dos acontecimentos da acção dramática, ao contrário do que a situação até então poderia fazer esperar.

Anagnórise (*Reconhecimento*) – Segundo Aristóteles, "o *reconhecimento*, como indica o próprio significado da palavra, é a passagem do ignorar ao conhecer, que se faz para a amizade ou inimizade das personagens que estão destinadas para a dita ou a desdita." Aristóteles acrescenta: "A mais bela de todas as formas de *reconhecimento* é a que se dá juntamente com a *peripécia*, como, por exemplo, no *Édipo*." O *reconhecimento* pode ser a constatação de acontecimentos acidentais, trágicos, mas, quase sempre, se traduz na identificação de uma nova personagem, como acontece com a figura do Romeiro no *Frei Luís de Sousa*.

Catástrofe – Desenlace trágico, que deve ser indiciado desde o início, uma vez que resulta do conflito entre a *hybris* (desafio da personagem) e a *anankê* (destino), conflito que se desenvolve num crescendo de sofrimento (*pathos*) até ao *clímax* (ponto culminante). Segundo Aristóteles, a *catástrofe* " é uma acção perniciosa e dolorosa, como o são as mortes em cena, as dores veementes, os ferimentos e mais casos semelhantes."

Katharsis (*Catarse*) – Purificação das emoções e paixões (idênticas às das personagens), efeito que se pretende da tragédia, através do terror (*phobos*) e da piedade (*eleos*) que deve provocar nos espectadores.

- ***TCHILOLI* OU *A TRAGÉDIA DO MARQUÊS DE MÂNTUA E DO IMPERADOR CARLOTO MAGNO* DE BALTAZAR DIAS**

Tchiloli, nome crioulo da obra, é uma peça dramática que retrata a tragédia do Marquês de Mântua e do Imperador Carlos Magno. Deriva etimologicamente do português tiroliro (pífaro), flauta transversal que se toca durante o espectáculo.

O *Tchiloli* baseia-se num texto escrito por volta de 1540 por Baltazar Dias, um dramaturgo cego, madeirense da escola de Gil Vicente.

Esta obra baseia-se num ciclo de histórias acerca de Carlos Magno e crê-se que tenha sido levada pelos portugueses nas suas naus até à Madeira, aos Açores, a São Tomé e Príncipe e ao Brasil. Acresce terem vindo imensos mestres açucareiros da ilha da Madeira para São Tomé a fim de dirigirem os moinhos de cana-de-açúcar, deduzindo-se, que tenham introduzido este auto na ilha.

Durante o período colonial tinha a função de criticar o sistema político e social imposto sobre a população, permitindo assim que os forros ridicularizassem alguns aspectos do regime colonial, entre os quais a sua natureza hierárquica e burocrática.

O *Tchiloli* transformou-se num dos símbolos principais da cultura santomense: miscigenação entre a cultura africana e europeia.

Esta obra faz parte do ciclo da história de Carlos Magno. Baltazar Dias fê-la a partir das canções de gesta, isto é, da obra medieval que retratava as façanhas de Carlos Magno. Conta-nos a história de uma das personagens mais emblemáticas do contexto europeu, o Imperador Carlos Magno, que tinha como único herdeiro o seu filho D. Carloto.

D. Carloto apaixona-se pela mulher de Valdevinos, sobrinho do Marquês de Mântua ao ponto de o matar numa caçada. Mas antes de morrer, Valdevinos confessa ao pajem que quem o atacara fora o príncipe. Deste modo, a notícia espalha-se feito rastilho de pólvora, chegando até à corte do seu tio Marquês de Mântua, que convoca a reunião de família, com o objectivo de apanhar o culpado pelo crime, e de fazer com que o mesmo pague por tal acto cruel. Assim começa a investigação. O culpado fora descoberto através do pajem, que levava uma carta de D. Carloto ao seu tio Roldão confessando-se assassino de Valdevinos. Contudo, o Príncipe negando-se culpado tenta livrar-se da acusação que lhe pesava com a ajuda do seu advogado. Todo esse esforço em vão. O Imperador como alguém justo e imparcial era obrigado a condená-lo, ainda que fosse seu filho. A rainha tenta persuadi-lo em vão. A família enlutada sai ainda que triste pela morte de Valdevinos, mas contente por se ter feito justiça. O Imperador é confrontado com o dilema de escolher entre a *raison d'état*, o interesse nacional e o seu amor paternal. Como forma de acabar com o conflito entre as duas famílias, o Marquês cumprimenta o Imperador, felicitando-o pela imparcialidade e humildade com que geriu o caso.

Os temas deste drama são a traição e a igualdade perante a lei.

➢ **Influências Europeias**

- **Introdução**

- No século XVI, os mestres açucareiros prosperam e convidam trupes de teatro ambulante de Portugal;
- Os espectáculos desenrolam-se nas praças públicas, nas igrejas, em carros ambulantes - trata-se de um teatro de inspiração religiosa;
- Nesta época, estão em voga as representações ligadas à Paixão de Cristo e ao imperador Carlos Magno.

- **Carlos Magno**

Nasceu em França por volta de 742 e morre em 814. Uniu por conquista quase todas as terras cristãs do Ocidente. Em 800, o Papa Leão III nomeou-o imperador. Os combates que travou foram matéria para muitas composições literárias (as chamadas canções de gesta). A mais importante foi a **Canção de Roland**. Foi a partir dos mitos e heróis desta e doutras obras medievais que Baltasar Dias realizou a **Tragédia do Marquês de Mântua e do Imperador Carloto Magno**.

- **Marquês de Mântua**

É um dos companheiros de Carlos Magno nas canções de gesta:

- É fiel a Carlos Magno, mas está longe de ser um vassalo dócil e submisso, discutindo opondo-se a determinadas decisões do soberano no decurso de combates;
- A sua família é unida, orgulhosa do seu nome e belicosa, fazendo sombra a Carlos Magno.

- **Ogier da Dinamarca, de Raimbert de Paris**

- Ogier (Marquês de Mântua) é filho do rei Godfred da Dinamarca;
- Depois de uma discussão com o pai, Ogier é enviado como prisioneiro para um dos palácios de Carlos Magno;
- Carlos Magno fica impressionado com a sua bravura em combate fá-lo cavaleiro do rei;
- Ogier e o seu filho Baudouin passam a acompanhar Carlos Magno em todas as suas campanhas militares;
- No decurso de uma partida de xadrez, Baudouin é morto por Carloto, o filho de Carlos Magno;
- Ogier recusa qualquer reparação pelo sangue derramado, e é expulso por Carlos Magno dos cargos que ocupava.

- **A língua**

O texto original em português arcaico foi mantido (mas os são-tomenses sentiram a necessidade de lhe acrescentar outro).

- **As roupas**

Reflectem a proveniência aristocrática — as personagens são de origem nobre — e o ambiente das cortes imperiais europeias (no entanto, há elementos nas roupas de origem africana: os espelhos, etc.).

- **A música**

Os temas musicais inspiram-se em antigos géneros musicais europeus, que se tocavam nas festas populares portuguesas (mas são tocados por africanos e em instrumentos de fabrico africano, o que dá a esses temas uma sonoridade africana).

Representa as grandes batalhas da Idade Média.

A música, aparentemente, pobre tem interesse pelo virtuosismo dos flautistas, e todos conseguem imprimir as mais estranhas gradações conforme as exigências do auto.

Sons tristes quando Sibila, Ermelinda e toda a família do Marquês dançam e choram junto do caixão de Valdevinos; fortes e apressados durante os duelos e as cenas de maior intensidade bélica ou dramática.

- **A dança**
  Os passos da dança são aqueles que acompanhavam os ritmos musicais europeus (quando Ganalão, por exemplo, na sua dança, cruza um pé diante do outro, está a utilizar um passo da dança de corte).

➢ **Influências Africanas**

O texto original é respeitado, mas a imaginação do povo são-tomense levou-o a acrescentar um texto em prosa ao texto original, mas sem nada alterar.

Todo o auto é um misto de dança e pantomima.

O *Tchiloli* é representado em pequenas clareiras do mato, nos quintés (quintais) e sempre na estação seca "gravana".

Ergue-se o palácio do imperador Carloto Magno, construído sobre estacas, coberto com andalas (…)

Ao fundo do palco, sentado entre dois conselheiros, o Imperador Carlos Magno com a sua farda flamante, enfeitada de cordão dourado e uma faixa verde e encarnada (por serem as cores nacionais), peito coberto de imensas chapas metálicas (imagens de santos) brilhando como se fossem condecorações. Na cabeça usa uma coroa de latão e tem o rosto escondido detrás de uma máscara pintada de branco. Também se verifica a existência de um telefone e da máquina de escrever, como se fosse possível vencer o tempo e o espaço, trazendo Carlos Magno até à época actual, ou voltar para trás e levar um telefone e uma máquina de escrever para a sua corte.

- **O texto são-tomense** (apócrifo ou não original)
  - Data do século XIX;
  - É escrito em português moderno;
  -Estrutura-se em torno do processo judiciário de D. Carloto (interrogação de testemunhas, argumentação dos advogados);
  - Graças a este texto, surgem novas personagens (advogados, ministros);
  - Assume-se como um comentário são-tomense ao texto original, o que faz do *Tchiloli* uma obra que os são-tomenses apropriaram como sua;
  - É este texto que faz com que a duração da peça se prolongue por várias horas — devido em parte à sua estrutura repetitiva (cf. a sentença final do Ministro da Justiça).

- **A máscara**
  A máscara permite criar um outro ser, uma outra vida, uma outra ordem das coisas (que é, simultaneamente, um dos objectivos do teatro)

As funções da máscara no *Tchiloli* são as seguintes:
- Serve para dissimular a cor da pele (os personagens representados eram brancos);
- Serve para "mascarar" o carácter crítico e contestatário da obra (os são-tomenses pretendiam alterar a ordem estabelecida, ligada à dominação colonial) e assim preservar a identidade dos actores;
- Serve para conferir identidade africana à peça (vontade de afirmação da cultura africana).

- **Os detentores de máscara no *Tchiloli*:**
  - As personagens que provêm das canções de gesta têm máscara (com excepção de Carlos Magno);
  - As personagens que surgem com o texto apócrifo (advogados, ministros…) não têm máscara;

- Há personagens que, de acordo com os grupos de *Tchiloli*, utilizam máscara ou óculos de sol (estes são normalmente utilizados pelos homens que se casam pela igreja).

Antes da representação do *Tchiloli*, há rituais e costumes que antecedem o mesmo. Um dos actores do grupo e a sua família fica encarregue de preparar a comida e o vinho da palma. Nas festas religiosas, essa bebida e comida são transportadas à capela. À frente da estátua, à volta da capela, em becos e nos quintais é depositado o vinho da palma pelo chefe do grupo, que vai pronunciando o sinal da cruz. É também depositado o vinho da palma e os instrumentos utilizados. É depois destes rituais que normalmente se representa o *Tchiloli.* Segundo os actores, com este ritual pretende-se dar ânimo ao grupo e chamar os ancestrais a estarem presentes na actuação.

Cada grupo mantém a história original, mas acrescenta sempre algo novo. Nem todos os grupos utilizam os mesmos adereços.

- **LEITURA E ANÁLISE DE *TCHILOLI* OU *A TRAGÉDIA DO MARQUÊS DE MÂNTUA E DO IMPERADOR CARLOTO MAGNO* DE BALTAZAR DIAS**

Marquês de Mântua, na caça:

Fortunosa caça é esta
Que a fortuna me há, mostrado
Pois que, por ser manifesta
Minha pena e grã cuidado,
Me mostrou esta floresta.
Nunca vi tão forte brenha ,
Dês que me acordo de mim,
Eu creio que Mergasim
Fez esta serra d'ardenha
Estes campos de marfim.
Quero tocar a buzina,
Por ver se alguém me ouvirá;
Mas cuido que não será,
Porque minha grã mofina
Comigo começou já.
Todavia quero ver
Se mora alguém nesta serra,
Que me diga desta terra
Cuja é, para saber;
Que quem pergunta não erra.
Por de mais é o tanger
Em lugar desabitado
Onde há povoado,
Nem quem possa responder
Ao que lhe for perguntado.
Grã mal é o caminhar
Por tão fragosa montanha,
Cansado assim sem companha,
Nem tendo onde repousar
Nesta serra tão estranha.
Vejo mato tão cerrado,
Que fiz bem de me apear,
E o meu cavalo deixar
Porque está tão cansado,
Que já, não podia andar.
Agora vejo-me aqui
Nesta tão grande espessura.
Que nem eu me vejo a mim,
Nem sei da minha ventura;
Nem menos será cordura,
Repousar neste lugar,
Nem sei onde possa achar
Descanso a minha tristura.

Valdevinos:

Ó Virgem, Minha Senhora,
Madre do Rei da Verdade,
Por Vossa Grã Piedade
Sede minha intercessora
Em tanta necessidade.
Ó suma "Regina Pia",
Radiante luz febeia,
Custódia, "anima mea",
Pois está, na terra fria.
A alma de pesar cheia,
Pois és amparo dos teus,
Consola os desconsolados,
Rainha dos altos Céus,
Rogai a Meu Senhor Deus
Que perdoe os meus pecados.

Marquês:

Não sei quem ouço chorar
E gemer de quando em quando,
Alguém deve aqui estar;
Segundo se está queixando
Deve ter grande pesar.

Valdevinos:

”Domine memento mei”,
Lembrai-vos da minha alma,
Pois que sois da glória Rei,
Nascido da flor de palma,
Remédio da vossa lei.

Marquês:

Segundo dele se espera,
Aquele homem anda perdido,
Ou porventura ferido,
De alguma besta - fera.
Quero ver este mistério,
Que a falta me dá ousadia;
Porque dois em companhia
Terão grande refrigério
Para qualquer agonia.

Valdevinos:

Ó minha esposa e senhora,
Já não tereis em poder
Vosso esposo que assim chora,
Pois a morte roubadora
Vos roubou todo o prazer!
Ó vida do meu viver,
Grã pena levo em saber
Que nunca vos hei-de ver
Até o Dia do Juízo.
Ó esperança por quem
Tinha vitória vencida;
Ó minha glória, meu bem,
Por que não partis também,
Pois que sois a minha vida?
Se não for vossa vontade
De haver de mim compaixão,
Mandai-me meu coração,
Minha fé e liberdade,
Que está em vossa prisão.
Madre minha muito amada,
Que é do filho que paristes,
De quem éreis consolada?
Como se há tornado nada
Quanta glória possuístes!
Já não me vereis reinar
Já não me dareis conselho,
Nem eu o posso tomar;
Que quebrado é o espelho
Em que o sabeis olhar.
Já nunca me haveis de ver
Fazer justas e torneios,
Nem vestir nobres arreios.
Nem cavaleiros vencer,
Nem tomar bandos alheios,
Já não tomareis prazer
Quando me virdes armado;
Já vos não virão dizer
A fama do meu poder
Nem louvar-me de esforçado.
Ó valentes cavaleiros,
Reinaldos de Montalvão,
Ó esforçado Roldão,
O Marquês Dom Oliveiros,
Dom Ricardo, Dom Dudão,
Dom Gaifeiros, Dom Beltrão,
Ó Grã Duque de Milão,
Que é da vossa companhia,
Duque Naime da Baviera,
Que é do vosso Valdevinos?
Ó esforçado Guarinos,
Quem consigo vos tivera!
Meu amigo Montesinhos,
Já nunca mais vos verei;
Dom Afonso de Inglaterra,
Já nunca acompanharei
O Conde Dirios na guerra,
Ó esforçado Marquês
De Mântua, teu senhorio,
Já não me poreis arnês,
Nem me vereis outra vez
Gozar vosso senhorio.
Já não quero o vosso estado,
Já não quero ser pessoa
Nem mandar, nem ter reinado;
Já não quero ter coroa,
Nem quero ser venerado.
Ó Carloto Imperador,
Senhor de mui alta sorte,
Como sentireis grã dor,
Sabendo da minha morte,
E quem dela é causador!
Bem sei, se sois informado

Do caso como passou,
Que serei mui bem vingado,
Ainda que me tratou
Vosso filho muito amado.
Ó Príncipe Dom Carloto,
Quem, sendo tão desigual,
Te moveu a fazer mal
Em um lugar tão remoto
A teu amigo leal?
Alto Deus Omnipotente,
Juiz direito sem par,
Sobre esta morte inocente
Justiça queirais mostrar,
pois morro tão cruelmente,
Ó Madre de Deus benigno
E fonte da piedade,
Arca da Santa Trindade,
Aonde o Verbo Divino
Trouxe a sua humanidade,
Ó Santa Domina Mea,
Ó Virgem Gratia Plena
Em que a alma se recreia,
Dai remédio à minha pena,
Poi s que morro em terra alheia.

Marquês:

Senhor por que vos queixais?
Quem vos tratou de tal sorte,
E quem é o que tal morte
Vos deu, como publicais?
Que assaz é este mal forte!
Não me negueis a verdade;
Contai-me vosso pesar,
Que vos prometo ajudar
Com toda força e vontade.

Valdevinos:

Muito me agasta amigo,
certamente o teu tardar;
Dize se trazes contigo
Quem me haja de confessar?

Marquês:

Eu não sei quem vós cuidais!
Nunca comi vosso pão,
Mas vossos gritos e ais
Me trouxeram aonde estais
Mui movido a compaixão;
Dizei-me vossa agonia.
Que, se remédio tiver,
Eu vos prometo fazer
Com que tenhais alegria:

Valdevinos:

Meu senhor, muitas mercês
Por vossa vontade!
Bem creio que me fareis
Muito mais do que dizeis,
Segundo vossa bondade,
Mas minha dor é mortal,
Meu remédio só a morte,
Porque eu estou parado tal,
Que nunca homem mortal
F oi tratado de tal sorte;
Tenho, senhor, vinte e duas
Feridas todas mortais,
As entranhas rotas, nuas,
E passo penas tão cruas,
Que não poderão ser mais.
Há-me morto à traição
O filho do Imperador
Carloto a grã sem razão,
Mostrando-me todo o amor,
Não o tendo no coração.
Muitas vezes requeria
Minha esposa com maldade,
Mas ela não consentia
Pelo bem que me queria,
Por sua grande bondade.
Carloto com grã pesar,
Como mais traidor que forte,
Ordenou de me matar,
Cuidando com minha morte
Com ela haver de casar.
Matou-me com tal falsia,
Trazendo cinco consigo,
Sem eu trazer mais comigo
Que um pajem por companhia.
A mim chamam Valdevinos,
Sou filho de El-Rei de Trácia,
E primo de El-Rei da Grécia,
E do forte Montesinhos,
Que é herdeiro de Frácia.
Dona Ermelinda formosa
minha Madre natural,
E Sibila minha esposa
De graças especial,
Mas com primores famosa.

Esta nova contareis
À triste da minha Madre,
Que em Mântua achareis,
E ao honrado Marquês
Meu Tio, irmão do meu Padre.

Marquês:

Oh desastrado viver!
Oh amargosa ventura!
Oh ventura sem prazer!
Prazer cheio de tristura!
Tristura que não tem ser!
Oh desventurada sorte!
Oh sorte sem sofrimento!
Desamparado tormento!
Muito pior que a morte!
Morte de desabrimento!
Oh meu sobrinho, meu bem,
Minha esperança perdida,
Oh glória que me sustém
Por que vos partis de quem
Sem vós não terá mais vida?
Oh desventurado velho,
Cativo sem liberdade!
Quem me pode dar conselho,
Pois quebrado é o espelho
Da minha grã claridade?
Oh minha luz verdadeira,
Trevas do meu coração,
Penas da minha paixão,
Cuidado que me marteira,
Tristeza de tal traição!
Por que não quereis falar
A este marquês coitado,
Que tio soeis chamar?
Falai-me, sobrinho amado,
Não me façais rebentar.
(…)

COMPREENSÃO

1. Indica o modo e o género literário a que pertence o trecho que acabaste de ler.
1.1. Justifica as tuas respostas.
2. Analisa o monólogo do Marquês:
- Localização espacial
- Caracterização do espaço;
- Identificação dos elementos da Tragédia Grega;
- Caracterização do estado de espírito;
- Levantamento de indícios trágicos;

3. Tendo por base o início da fala de Valdevinos identifica:
- A figura de estilo presente em « Ó Virgem, Minha Senhora»;
- Levantamento das formas de tratamento da Virgem;
- Importância da presença deste elemento religioso;
- Necessidade de serem perdoados os pecados de Valdevinos.

4. Tendo por base as falas do Marquês identifica as hipóteses para a justificação de ouvir alguém chorar.
5. Valdevinos dirige-se à sua mulher:
- Identifica as formas de tratamento que dirige à mesma;

5.1. A quem se dirige mais Valdevinos? Com que objectivos o faz?
5.2. Valdevinos termina dirigindo-se novamente à Virgem Maria. Estaremos perante uma estrutura circular?
5.3. Poderemos falar em Amor Trágico na morte de Valdevinos? Justifica com expressões do texto.

6. Explica a forma como Valdevinos se apresenta.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Classifica as orações presentes nos versos: 1 e 2; 8; 11 e 12; 13; 14; 16 e 17.
2. Liga as seguintes palavras a um sinónimo adequado (Falas do Marquês e de Valdevinos)

Palavra		**Sinónimo**
1.fortuna		a)suprema
2.brenha		b)floresta
3.dês		c)intermediária
4.cuido		d)infelicidade
5.mofina		e)destino
6.tanger		f)companhia
7.companha		g)bosque cerrado
8.espessura		h)perigo

9.cordura		i)dor
10.tristura		j)prudente
11.intercessora		k)desde
12.suma		l)tristeza
13.febeia		m)relativo ao sol
14.pesar		n)penso

3. Identifica o processo de formação das seguintes palavras.
- **a.** besta – fera
- **b.** desconsolados
- **c.** tristura
- **d.** povoado

4. Repara na seguinte frase.
Eu creio que Mergasim fez esta serra d'ardenha.
- **4.1.** Analisa-a sintacticamente.
- **4.2.** Analisa morfologicamente as palavras sublinhadas.

5. Indica três palavras que fazem parte do campo lexical do termo floresta.

6. Passa para o discurso indirecto a terceira fala do Marquês.

7. Repara nas frases que se seguem.
- Carloto com grã pesar.
- O tio está a pesar a carne.

7.1. Identifica a relação existente entre as palavras sublinhadas.
7.1.1. Justifica a tua resposta.

7.2. Analisa morfologicamente as palavras sublinhadas.

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

1. Escreve um texto expositivo-argumentativo sobre o tema "A injustiça no mundo".
(150 a 170 palavras)

[Após a confissão a um ermita, Valdevinos morre.
O Marquês vai dar conhecimento à família.]

Conselho de família da parte do falecido Valdevinos [19]

Diz o Marquês – Queridos sobrinhos: Convoquei este conselho de família para assentarmos no que devemos fazer perante esta grande desgraça que nos entrou em casa. Tenho pensado maduramente no caso, e confesso que enquanto não vir rolar no chão a cabeça do assassino do meu saudoso sobrinho Valdevinos não terei no mundo um minuto de sossego. Foi pena, muita pena o destino não me ter guiado de maneira a surpreender o príncipe D. Carloto a cravar o seu bárbaro punhal no delicado corpo desse que foi um dos mais nobres e leais cavaleiros da nossa casa e até mesmo de todo este Império. Não era só Valdevinos que estaria a esta hora nas entranhas da terra, mas também aquele que cobardemente lhe deu a morte cobrindo de luto uma família que sempre foi leal para com os outros. Tranquilizemo-nos, no entanto. Tenho fé segura que será vingado desta dor imensa que nos invade a alma de lés a lés.

O caso é particularmente delicado pois o criminoso é um príncipe real e qualquer precipitação da nossa parte pode comprometer o êxito da causa.

De resto, a única testemunha ocular é um pajem, elemento de pouco valor para sustentar uma questão de tão alta importância. Devemos encarar o facto com serenidade e prudência, para evitar que o pássaro se escape.

Pensei mandar uma embaixada às cortes reais para pôr Sua Majestade o Imperador ao corrente do que se passa, contando-lhe todos os pormenores do crime que vocês já conhecem e pedir-lhe justiça.

Se o senhor Imperador não tomar em consideração devida a nossa queixa punindo severamente o criminoso, então faremos nós mesmos justiça.

[19] Aqui começam os trechos escritos pelos autores são-tomenses. Tal pode verificar-se pela diferença de estilos.

Desejava encarregar dessa missão o Duque e o Beltrão, enquanto o Reinaldos e o nosso amigo capitão de Montalvão ficassem assegurando a defesa desta casa, uma vez que não conhecemos ainda as verdadeiras intenções do criminoso. Não sabemos se por trás deste bárbaro atentado estejam outros a ser maquinados. Devemos, pois, enquanto o caso não for devidamente esclarecido e o criminoso castigado em praça pública, desconfiar de todos que não sejam da nossa família. Quero, portanto, ouvir a vossa opinião.

Duque - Aceito a missão.

Beltrão - Eu igualmente, e vamos já partir. Estou mesmo convencido que traremos de lá notícias capazes de minorar as nossas dores.

Reinaldos - Quanto a mim, venerando Tio, só espero o resultado desta embaixada, para saber o rumo a tomar. Se não for imediatamente decretada pena de morte contra o Príncipe D. Carloto, farei estremecer esse Império. Sei que o senhor Imperador tem na corte valentes homens de armas, como Roldão, Oliveiros e tantos outros; mas com fé na lâmina desta espada e com a ajuda deste grande companheiro de armas que é o Capitão de Montalvão deixarei este Império desfeito em cinzas.

(…)

COMPREENSÃO

- Depois de teres lido atentamente o texto, responde ao seguinte questionário:

1. Justifica a necessidade do conselho de família.
2. Qual a importância das didascálias neste excerto? Justifica.
3. Descreve o estado de espírito do Marquês de Mântua ao longo do excerto.
4. Explica a expressão *elemento de pouco valor* para sustentar uma questão de tão alta importância.
5. O Marquês demonstra alguns receios. Refere-os.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Sublinha todas as formas verbais do primeiro parágrafo, indicando o tempo e o modo de cada uma.
2. Passa para o discurso indirecto o primeiro parágrafo.

➢ Discurso directo e discurso indirecto

Passagem do discurso directo ao discurso indirecto	
Discurso directo	**Discurso indirecto**
Pronomes pessoais de 1ª ou 2ª pessoa: *eu, nós; tu, vós* (sujeito) e *me, te; nos, vos* (complemento)	Pronomes pessoais de 3ª pessoa: *ele, ela; eles, elas* (sujeito) e *lhe, lhes* (complemento)
Verbo no presente do indicativo	Verbo no pretérito imperfeito do indicativo
Verbo no presente do conjuntivo	Verbo no pretérito imperfeito do conjuntivo
Verbo no pretérito perfeito	Verbo no pretérito mais -que -perfeito
Verbo no futuro do indicativo	Verbo no condicional
Verbo no modo imperativo	Verbo no modo conjuntivo
Determinantes e pronomes demonstrativos (*este, esta; estes, estas; esse, essa; esses, essas; isto, isso*)	Determinantes e pronomes demonstrativos (*aquele, aquela; aqueles, aquelas; aquilo*)
Determinantes e pronomes possessivos (*meu, teu; meus, teus; nosso, vosso; nossos, vossos*)	Determinantes e pronomes possessivos (*seu, seus*)
Advérbio de lugar *aqui*	Advérbio de lugar *ali*
Advérbio de tempo *agora, já*	Locuções temporais do tipo *nesse momento, nessa altura, naquele momento*
Frase interrogativa directa	Frase interrogativa indirecta

[Após longa pesquisa e encontros entre ministro da justiça e os respectivos advogados, foi comprovado que o autor do crime é efectivamente o príncipe.]

Ministro da Justiça — Meus senhores: chegou-se à conclusão, depois duma diligência feita por este Tribunal, que o único autor da morte de Valdevinos, sobrinho de S. Ex.ª o Marquês de Mântua, é Sua Alteza Real o Príncipe Dom Carloto.

Facto que este Tribunal bastante lamenta. Não há dúvida que em todos os recantos deste país sente-se

a perda deste homem, que imensa falta faz, não só por ser o único herdeiro da Coroa, como também foi um distinto oficial e amigo do seu povo, que já vê nele as altas qualidades intelectuais para governar. Ninguém pode calcular neste momento como ficará a Veneradíssima Imperatriz mãe do Príncipe Dom Carloto quando souber da veracidade do crime cometido pelo seu único filho.

O Príncipe ao cometer este crime tão desonroso não se lembrou de sua mãe, nem tão pouco deste povo que tanto o admira e o venera.

Mas, não só para salvaguardar o prestígio deste pobre Império como também para o cumprimento da lei que foi feita para o bem da humanidade, vou, sem menosprezar a primeira sentença, lavrar uma outra que corresponde cabalmente à gravidade do crime e pô-lo a descoberto aos olhos de todos para que todos compreendam que a justiça neste país não é uma palavra vã.

Usando das faculdades conferidas pelos números 5, 7 e 9 do artigo 2355 da Constituição da Lei Militar desde Império conjugado com o artigo 3855 da mesma Constituição, o senhor Imperador decreta e eu promulgo a seguinte sentença:

Tendo Sua Ex.ª o Marquês de Mântua apresentado a Sua Real Majestade, por intermédio dos embaixadores Duque e Beltrão, uma queixa em que afirmou sinceramente que Sua Alteza o Príncipe Dom Carloto no passado dia tal matou barbaramente numa Floresta, completamente erma, o Príncipe Valdevinos, em face desta queixa, Sua Real Majestade tomou as devidas providências e fê-las transitar para esta casa de justiça, a fim de castigar severamente nos termos da lei o criminoso, mesmo que fosse o seu próprio filho acusado.

Dada a veracidade do crime, lavrou-se a sentença constante a folhas 10 e seguintes do processo e nela foi condenado na pena de morte o Príncipe Dom Carloto, o único herdeiro deste nobre Império, por estar incurso nos artigos 34, 3454 e 6348 e os números 3, 4 e 8 do artigo 68, conjugado com a alínea b) § 5º do artigo 1088 do Código de Justiça Militar em pleno vigor.

Não tendo Sua Excelência concordado com a condenação, pediu a devida autorização para recorrer dela. E em fase disto constituiu o seu defensor, o senhor Dr. Anderson, tendo este apresentado imediatamente a defesa do réu, que mereceu toda a atenção de Sua Real Majestade. E assim mandou suspender a sentença até obter provas concretas e palpáveis.

O Senhor Marquês de Mântua depois de tomar conhecimento desta medida tomada pelo réu, constituiu igualmente um advogado para defender junto deste Tribunal as suas causas acerca do nefando crime cometido pelo Príncipe Dom Carloto na pessoa de Valdevinos.

Verificou-se através do prosseguimento das diligências que foi o Príncipe quem mandou o pajem segurar o cavalo para fazer a caçada a pé.

Ora, em face deste procedimento do Príncipe, qualquer pessoa da mais rudimentar inteligência compreenderá logo à primeira vista que ele, o Príncipe, assim procedeu para derrubar traiçoeiramente o seu companheiro, Príncipe Valdevinos, visto que a malfadada floresta escolhida para a caça é um sítio coberto de urtigas, pedregoso e minado de serpentes venenosas, onde só os cavalos experimentados podem transitar.

Além disso, nos alvitres apresentados pelo advogado do ofendido, o senhor Dr. Bertrand, e consoante as folhas 14 e 15 do processo, vê-se também que em certos casos observados pelo mesmo digníssimo advogado o comportamento do Príncipe demonstra claramente que havia da parte dele alguma intenção reservada.

Nesta ordem de ideias vê-se que o crime foi premeditado.

E assim o seu autor está incurso nos números 2, 4, 5 e 7 do Código Penal.

Verificou-se ainda que os ferimentos que se notam em Valdevinos foram causados por qualquer instrumento cortante, pois por isso não houve a menor dúvida de se acreditar na veracidade da queixa apresentada por Sua Excelência o Marquês de Mântua.

Verificou-se finalmente que o crime está mais que provado, em virtude duma carta escrita e assinada pelo próprio punho do Príncipe, que um pajem ia levar ao Conde Dom Roldão na cidade de Broave e que Reinaldo de Montalvão, por uma coincidência, apanhou-a e apresentou-a ao senhor Imperador.

Carta esta que foi lida por mim e por Reinaldo de Montalvão publicamente.

Considerando, nestes termos, que o autor do crime desta natureza, seja ele quem for, merece um castigo severo, pois o senhor Imperador prometeu fazer justiça com toda a imparcialidade embora fosse o seu próprio filho e acusado.

Considerando que as leis militares em vigor neste grande Império mandam aplicar sanções severas contra autor de crime de homicídio voluntário.

Considerando ainda que a Nação não se encontra no estado de guerra nem tão-pouco houve suspeita de que a vítima fosse algum traidor à Pátria, antes pelo contrário, trata-se de um brioso oficial e filho de uma família nobre que pede justiça rigorosa contra o autor do crime.

Mais uma vez, em nome da justiça e em defesa do prestígio do nosso Imperador e honra do nosso Império e ainda em obediência aos ditames da minha consciência, decreto, nos termos dos artigos 34, 3454 e 6348 e os números 3, 4 e 8, do artigo 68 conjugado com a alínea b) § 5º do artigo 1088 do Código de Justiça Militar em pleno vigor, sentença de morte contra o Príncipe Dom Carloto, solteiro, de 21 anos de idade, filho de Suas Majestades Imperador e Imperatriz governantes deste Império, devendo o arguido indemnizar a família da vítima por todos os prejuízos morais e materiais causados cujo valor será fixado por uma comissão a nomear oportunamente.

Desde já o dia tal, pelas nove horas na Praça do Império para a decapitação do assassino pelo algoz da Corte.

Meu querido Príncipe: pois está o assunto consumado, meu caro Príncipe. Não pode calcular quanto me custou pegar na caneta para lavrar esta sentença de morte.

Já não há defesa possível, visto que o crime foi confessado por si próprio na sua carta.

Admira-me muito como é que uma criatura inteligente, rica e de grande conhecimento resolve, sem se reflectir, praticar uma acção tão vil como se fosse um verdadeiro plebeu.

Não sabia que tinha mãe? Como ficará aquela Santa Imperatriz quando souber desta catástrofe e que seria qualquer dia Imperador o único herdeiro da Coroa!

O juízo que todo este povo vai formar de si, ao passar por toda a gente acusada de assassínio!

O Príncipe manchou toda a Corte e esfarrapou a bandeira da Pátria e enegreceu a Nação.

Vamos ficar malvistos no estrangeiro por sua causa.

No entanto, em virtude deste acontecimento e por se tratar do filho do nosso Imperador vou determinar que em todas as Repartições se conservem as bandeiras a meia haste, estando as mesmas Repartições encerradas durante oito dias e todo o povo usará o luto pesado durante 30 dias, e a Corte estará de luto durante 60 dias.

Duque e Beltrão, podeis conduzir o Príncipe Dom Carloto para a Fortaleza do Império a fim de ser cumprida esta sentença e para irem transmitir, em nome do Imperador, que o Príncipe Dom Carloto vai ser condenado à morte uma vez que ele confessou o crime.

COMPREENSÃO

1. Depois de teres lido o excerto respeitante à sentença final do Ministro da Justiça, comprova a ideia de que a estrutura deste texto é repetitiva.

1.1. Justifica a tua resposta com passagens do texto.

2. O Ministro da Justiça critica severamente o Príncipe por ter assassinado Valdevinos.

2.1. Refere sucintamente em que consistem essas críticas.

2.2. Encontra sinónimos para as palavras “menosprezar", “vã”, "'nefando” e “alvitres”.

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

1. Escreve um texto expositivo-argumentativo com cerca de 150 palavras sobre a justiça no mundo.

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ORAL

Debate

1. Organiza um debate de acordo com os seguintes temas:

- O Homem: um joguete nas mãos do destino ou das próprias paixões;
- A tragédia da família do Marquês de Mântua: responsáveis?
- O Amor será o grande culpado?

***Imperador, para a Imperatriz*:**
Senhora, já não dirão
Que eu fui mal informado,
Nem que o prendo sem razão,
Pois por sua confissão
Vosso filho é condenado.
Vedes a carta presente,
Que foi feita de sua mão,
Para o Conde Dom Roldão;
Eis a qual mui largamente
Declara toda a traição.

***Imperatriz*:**
Eu muito me maravilho
Do que, senhor, me há contado,
Mas, pois ele há confessado,
Melhor é morrer o filho
Que desonrar o Estado.
Mas a dor no coração
Sempre me há-de ficar;
Peço-lhe com afeição
Que lhe busque a salvação
E que o queira escutar.

***Imperador*:**
Melhor é que o sucessor,
Padeça morte sentida,
Que ficar o pai traidor,
Que será trocar honor,
Pala desonra crescida;
Também eu padeço dor
Também eu sinto paixão,
Também eu lhe tenho amor,
Mas antes quero razão,
Que amizade nem favor.

***Imperatriz*:**
Pois que não pode escapar,
Eu não consinto, nem quero,
Que vós o hajais de julgar,
Porque vos podem chamar
Muito mais pior que Nero.

***Imperador*:**
Não vivais em tal engano,
Que também foram caudilhos
O grão Torcato e Trajano,
E quiseram, com grão dano,
Ambos justiçar seus filhos.
Pois que menos farei eu,
Tendo tão grande Estado,
A quem com razão culpado
Em maior caso é que o seu?
E portanto eu vos rogo
Que não tomeis tal pesar.
Porque que com vos enjoar
Dá-se grã tristeza ao povo.

***Imperatriz*:**
Eu cumprirei seu mandato,
Porque vejo que é razão,
Mas sempre meu coração
Terá tristeza e cuidado
E grande tribulação.

Marquês:
Bem merece alto senhor,
Que vos fez Deus sem segundo,
E de todos superior,
Dos maiores e melhor
Rei e Monarca do Mundo.
Porque vós sois, senhor, sois tal,
Que com razão e verdade
Sustentais a Cristandade
Em justiça universal;
A qual para salvação
Vos é muito necessária,
Porque convém ao cristão
Que use mais de razão
Que da afeição voluntária,
Como faz Vossa Grandeza
Com seu Filho sucessor,
Assim que digo, senhor,
Que estima mais a pobreza
Que amizade nem favor.

Imperador:
Não curemos da falar
Em coisa tão conhecida,
Porque nesta breve vida
Havemos de procurar
Pela eterna a comprida.
Para sentir grão pesar,
Vós tendes razão infinda,
E também de me vingar,
Pois foi justa vossa vida.
Bem vimos vossa embaixada,
E a causa dela proposta
Foi de nós mui bem olhada,
E não menos foi mandada

Mui convencional resposta;
E vimos vossa tenção,
E soubemos vosso voto,
E vemos tendes razão
Pela grande informação,
Do Príncipe Dom Carloto,
E vimos a confissão
De Dom Carloto também,
E soubemos a traição,
Como na carta contém,
Que mandava a Dom Roldão.
De tudo certificado,
Eu condeno a Dom Carloto
Tudo o que tenho mandado.

***Criada*:**
A Imperatriz, senhor,
Está tão amortecida
De grande paixão e dor
Que não tem pulso nem cor,
Nem nenhum sinal da vida,
Nenhum remédio lhe vem,
Senão nela padecer,
Sem lhe podermos valer,
E segundo dela cremos
Mui pouco há-de viver.

***Imperador*:**
Eu muito me maravilho
Da sua grã discrição,
Mais sinto sua paixão
Do que a morte de seu filho.
Não me quero mais deter,
Quero-a ir consolar
Pois tanto lhe faz mister.
Não sei por que é enojar
Por justiça se fazer.

***Capitão de Montalvão*:**
Senhor Marquês, meus senhores,
El-Rei de gente povo,
Que vai El-Rei montear,
O tempo não é de caça,
O que irá o Marquês caçar?
Na Corte ninguém se atreve
Pela caça perguntar:
O cavalo está pronto,
O que El-Rei o cavalgar,
E ao pé do seu Palácio
Andam os cães a ladrar.
Estava a bela infanta
No seu jardim assentada
Com um pente de ouro fino
Seus cabelos penteava,
Deitou os olhos ao mar
Viu vir uma grande armada,
O capitão que nela vinha
Muito bem a governava;
Dizei-me vós, capitão,
Dessa tão formosa armada,
Se vistes o meu marido
Na terra que Deus pisava.
Anda tanto cavaleiro
Naquela terra sagrada,
Mas dizei-me vós, senhora,
Os sinais que ele levava.
Levava cavalo branco,
Selim de prata doirada,
Na ponta da sua lança
A cruz de Cristo levava.
Com os sinais que dizeis,
Tal cavaleiro não vi;
Mas quanto dareis senhora,
A quem o trouxer aqui?
Daria tanta dinheiro,
Que não tem conta nem fim,
E as telhas do meu telhado
Que são de ouro e marfim.
Vosso marido está aqui;
Reparai bem para mim,
Este anel de sete pedras
Convosco o reparti
Que é dela a outra (...)
……..
Vinde cá, ó minhas filhas,
Que o vosso Pai é chegado,
Abra-se (…)
Há tanto tempo fechado,
Vamos dar graças a Deus
Graças a Deus consumado.
El-Rei de gente povo Marquês;
Que foi montear,
Aonde o Príncipe Dom Carloto
Foi a caçar
Antes de que torneio em que navegar.
Veja abuso dum rapaz
Atrevido desatrevido
Chamado pajem embuçado
Desembuçado,
Sem respeito nem revés,
Traz a carta a Dom Roldão
Senhor Marquês da Grécia

Vamos já com esta batalha
Porque se demora a guerra
Faz um homem rebentar
Senhor Marquês
Meus senhores
Rufam tambores na praça
Guarino toca a rebate
Em cima do zéque recombate.

Senhor Marquês
Meus senhores

Rufam tambores na praça
Guarino toca a rebate
Em cima do zéque recombate.

Senhor Marquês
Meus senhores

Rufam tambores dim
Rufam tambores dim
Rufam tambores dim

Bam bam bamm
Bum bum bumm

Reinaldos:
Já agora, senhor Marquês,
Vos podeis chamar vingado,
Porque assaz é castigado
O que tanto mal vos fez,
Pois que morreu degolado.
Fazeis por vos alegrar,
Dai graças ao Redentor,
Pois assim vos quis vingar,
Sem nenhum de nós perigar
E com mais vosso valor.

COMPREENSÃO

1. Procede à caracterização directa do Imperador a partir da fala do Marquês de Mântua.
2. O Imperador procura ser justo e imparcial com a decisão que tomou.
   2.1. Justifica a afirmação.
   2.2. Comprova a tua resposta com uma expressão do texto.
3. Por outro lado, a imperatriz adopta duas reacções diferentes.
   3.1. Identifica-as.
   3.2. Indica a figura de estilo presente em *Também eu padeço dor/Também eu sinto paixão/ Também eu lhe tenho amor*.
4. Menciona os argumentos que o imperador utiliza para explicar a sua posição.
   4.1. Através dos argumentos utilizados, é possível verificar que o Imperador defende determinados valores.
   4.2. Indica-os.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Passa para o discurso indirecto as falas da criada e do Imperador.
   1.1. Indica as alterações efectuadas, identificando-as (por exemplo, tempos e modos verbais)

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ORAL

Sê criativo…

1. Simula uma situação de julgamento da personagem D. Carloto, tendo em consideração as seguintes condições de realização:

- Acusação – D. Carloto foi o portador da desgraça para a família do Marquês de Mântua;

- Participantes – um juiz, uma testemunha de acusação, uma testemunha de defesa, um advogado de acusação, um advogado de defesa, jurados (os restantes elementos da turma, que tomam nota dos argumentos dos advogados e se reúnem para a tomada de decisão);

- Duração da sessão – 30 minutos

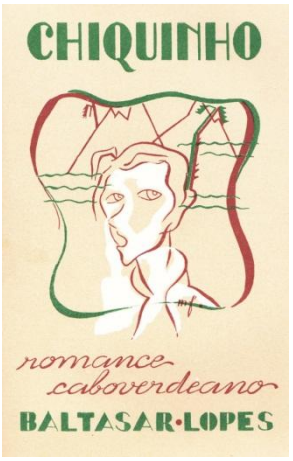
- Tomada de decisão – culpado (confirmação) ou inocente (negação) face ao que constitui a acusação.

UNIDADE DE ENSINO - APRENDIZAGEM 12: TEXTOS NARRATIVOS – *CHIQUINHO*, DE BALTASAR LOPES

- **TEXTO NARRATIVO – CATEGORIAS DA NARRATIVA**

De modo a rever as categorias do texto narrativo, consulta também os textos de apoio da 10ª classe, Unidade de Ensino-Aprendizagem 6 – Textos descritivos e narrativos – o conto literário.

- **VIDA E OBRA DE BALTASAR LOPES**



O autor do primeiro romance genuinamente cabo-verdiano. Baltasar Lopes nasceu na freguesia rural do Caleijão, na Ribeira Brava, Ilha de São Nicola 23 de Abril de 1907, filho de um agricultor, e morreu em 1989, em Lisboa, aonde se deslocara, da Ilha de São Vicente, para tratamento, acometido por doença cerebral - vascular.

Quatro livros fundamentais fazem dele o construtor-mor da cabo-verdianidade: o romance *Chiquinho* (1947), o ensaio *O dialecto crioulo de Cabo Verde (*1957), a colectânea de poemas *Cântico da manhã futura* (1986), com o nome de Osvaldo Alcântara, e os contos de *Os trabalhos e os dias* (1987). Para criticar a visão com que do arquipélago ficou o sociólogo brasileiro Gilberto após curta estadia, publicou *Cabo Verde visto por Gilberto Freyre* (1956), organizou uma *Antologia da ficção cabo-verdiana contemporânea* (1961) e viu sair um conto, em edição bilingue, *Le carnet/A caderneta* (1986), aquando das comemorações nacionais do cinquentenário da revista *Claridade (*1936-1960, nove números). Nunca chegou a escrever (julga-se) a continuação de *Chiquinho.*

É necessário compreender que a aura de que goza, desde sempre (era tratado afectuosamente por Nhô Baltas), está associada ao pioneirismo da obra romanesca e filológica, à revista *Claridade*, à publicação esparsa de contos e poemas, mas também ao papel de patriarca das novas gerações, que desempenhou enquanto professor (e reitor) no liceu de São Vicente. Por outro lado, enquanto estudante em Lisboa, entre 1921 e 1930 (concluiria Direito e Filologia Românica), e, depois como estagiário, em 1938-40, conviveu com figuras ilustres da cultura portuguesa e do ensino, nomeadamente Câmara Reis, Vitorino Nemésio e Hernâni Cidade. Contactou também com africanos ligados ao proto-nacionalismo, como João de Castro e Júlio Monteiro.

Ainda chegou a leccionar, num curto período, em Leiria. També, foi convidado a leccionar na Universidade de Lisboa, mas tal não foi possível devido a dificuldades de natureza política que o levaram a regressar definitivamente à sua terra, empenhando-se na cultura, docência e advocacia.

Pires Laranjeira, *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1995, p. 202

- ***CHIQUINHO* – ROMANCE DE INICIAÇÃO**

O *Chiquinho* é um *romance de aprendizagem*, a que preferimos chamar **romance de iniciação,** por três motivos: o tema é o da **iniciação** de um jovem à vida adulta (como um percurso **iniciático,** da aldeia à cidade, ate à partida para o estrangeiro); foi o **primeiro** e único romance de Baltasar Lopes- é o romance **inicial** cabo-verdiano.

Toda a história do romance está contida numa longa evocação, uma analepse gigantesca. A evocação, no presente do indicativo, indicia que haverá um ponto do discurso em que, ao terminar o evocacionismo, se abrirá um ciclo de narração actualizada. Assim, nos últimos capítulos, o uso do pretérito mais que perfeito e, no último parágrafo, o tempo futuro (prolepse), reforçam a sensação subtil de que o narrador esteve apenas a relembrar factos acontecidos até um momento muito próximo da narração.

O romance organiza-se em três partes distintas: «Infância»: «S. Vicente»; «As-águas». Na primeira, narra-se, com intensa saudade, o tempo genesíaco da primeira infância, passada em ambiente rural, afectivo, entre o mundo familiar, as primeiras letras (na escola do Caleijão e no liceu-seminário da Vila de São Nicolau) e as brincadeiras, numa linguagem literária que dulcifica o português com as incursões semânticas e a fluência rítmico-frásica do crioulo.

Na segunda, já na cidade do Mindelo, na Ilha de São Vicente, assistimos à passagem para o liceu, aos amigos de tertúlia, ao primeiro amor, aos sonhos e à sociabilização da personagem principal. Na terceira parte, o próprio título. «As-águas», nos remete para o problema da falta, isto é, da seca, e, por outro lado, conota as águas do mar, por sobre as quais Chiquinho sairá, de vapor, a caminho da América do Norte, após presenciar a tragédia da seca e da morte, e a revolta de parte da população. Como se as águas da chuva e do mar simbolizassem, respectivamente, a fertilização da Natureza (terra fértil) e do conhecimento (caminho do mundo).

Em geral, no início de cada capítulo, encontra-se, em súmula. Os capítulos podem ser vistos como pequenas histórias, ou contos, singulares, como que destacáveis do restante texto.

Pires Laranjeira, *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1995, pp. 206-207

- ***CHIQUINHO* – ANÁLISE DA OBRA: "INFÂNCIA"**

Na parte da «Infância», são fulcrais os capítulos em que certas personagens influenciam o rapaz com as suas histórias ou comportamentos. Nessa parte, centrada nas doces recordações de infância, destacam-se os seguintes capítulos e factos no capítulo 7, o episódio da cólera e da *ventona* (vendaval) e as histórias sobre negreiros e escravos; no capítulo 16, a deslocação à Ribeira de Prata para um casamento, em que Chiquinho assistiu a um batuque; a chegada dos baleeiros (simbolizando o apelo da América, que faz recordar o pai emigrado), no capítulo 19; a visita do embarcadiço Chico Zepa, no capítulo 20; a visita de Chiquinho a Totone Menga-Menga, espécie de velho feiticeiro ou mágico; no capítulo 25, a iniciação teórica ao amor, com Mané Pretinho, Izé da Silva e Joca Cuscús; e, finalmente, no capítulo 30, a previsão de um ano de seca e fome.

Pires Laranjeira, *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1995, p. 207

INFÂNCIA

Corpo, qu'ê nêgo, sa ta bái;
Coraçom, qu'ê forro, sa ta fica…

(O corpo, que é escravo, vai;
O coração, que é livre, fica…)

Batuques da ilha de S. Tiago, de Cabo Verde

1

Como quem ouve uma melodia muito triste, recordo a casinha em que nasci, no Caleijão. O destino fez-me conhecer casas bem maiores, casas onde parece que habita constantemente o tumulto, mas nenhuma eu

trocaria pela nossa morada coberta de telha francesa e emboçada de cal por fora, que meu avô construiu com dinheiro ganho de riba da água do mar. Mamãe - Velha lembrava sempre com orgulho a origem honrada da nossa casa. Pena que o meu avô tivesse morrido tão novo, sem gozar direitamente o produto do seu trabalho.

E lá toda a minha gente se fixou. Ela povoou-se das imagens que enchiam o nosso mundo. O nascimento dos meninos. O balanço da criação. O trabalho das hortas e a fadiga de mandar a comida para os trabalhadores. A partida de Papai para a América. A ansiedade quando chegavam cartas. Os melhoramentos a pouco e pouco introduzidos com os dólares que recebíamos. Mamãe deslizava como uma sombra silenciosa no tráfego da casa. Mamãe-Velha não parava, indo de um lado para outro, como se nada pudesse fazer-se sem a sua fiscalização e os seus gritos. A minha avó só sabia querer a sua gente descompondo.

Ao lado da casa grande, de quatro quartos, ficava a casinha desaguada, onde Mamãe fazia a despensa, e que nos dias de chuva servia para abrigar as galinhas da criação. Encostada à casa de moradia, ela tinha de longe, com o seu tecto rectangular, inclinado para drenar a água, um ar de bezerro a pojar nas mamas da mãe.

A casinha desaguada era a tentação da meninência. Mamãe guardava lá o barril da farinha - de -pau, a talisca que ficava da rala da mandioca e o peixe seco da ilha do Sal, tão bom para se misturar na boca, mesmo cru, com a mãozada de farinha apanhada às escondidas. Os meus dois irmãos mais novos incitavam-me às incursões na despensa. Lela e Nanduca não mediam bem a responsabilidade que resultaria da descoberta do delito. Por isso choravam, quase gritando, quando eu hesitava:

- Mano Chiquinho, Mamãe não vê…

Geralmente era depois do almoço que eu me arriscava no interior da despensa. Àquelas horas, Mamãe estava lá para dentro ocupada a escarolar a louça e a tirar o queimado da caldeira para dar ao Baluca, um cão de guarda manhento de comida que nem menino nascido na fraqueza da lua. Ou então ficava sentada no baú a dar pontos na roupa e a botar chapas nas calças da meninência. Mamãe -Velha, coitada, tinha depois do almoço o seu descanso bem merecido. A casa ficava mergulhada em silêncio. É que depois da comida vinha-lhe sempre aquela maldita dorzinha no joelho, complicada às vezes de cãibras no osso - de -varanda, que a apoquentava, por via da sombra - de - ar ganha havia anos, depois de uma chuvada que apanhara ao vir da Fajã. Causava mesmo espanto entre os entendidos como aquela mofina dor no joelho só se lembrava vir depois do jantar do meio-dia e não em outra hora. . Certa ocasião Mamãe desceu com ela à Vila a consultar o doutor. Mas este, um barbaçanas carrancudo, de olhos brancos, receitou uma xaropagem qualquer que Mamãe - Velha fincou os pés à parede e se recusou a tomar. Não; não tinha jeito aquilo; parecia mesmo vomitado de gato. De mais a mais, entrava na cabeça de uma pessoa de muita experiência, ganha no lidar da vidinha e na criação de filhos, que dor de ossos se curasse com beberagens? Mais seguro era socorrer-se das mesinhas da terra, tanto mais que os doutores nunca acertaram com remédio para sombra-de-ar. De maneira que Mamãe - Velha passou a pôr no joelho um cozimento de malva e contra - erva, estendido em lã de carneiro, e receitado por nhô Luís Babá, homem antigo, de muita lábia, bonita cabeleira branca, e que fazia lembrar aqueles velhos referidos na história de Carlos Magno.

Assim, depois do jantar do meio-dia, tínhamos jazigo para as nossas aventuras na casinha desaguada. Mal eu punha o último bocado, fazia o Pelo - Sinal e abalava para fora com jeitos manhosos de mula - velha. Mamãe ralhava comigo:

- A Virgem Santíssima há-de te dar juízo e governo na cabeça! Pareces o cavalo de nhô António Aninha, não pára nunca na manjedoura…

Eu saía direitinho à cancela, para dar a entender que ia ter dos camaradas da brincadeira, mas depois deslizava encostado à parede do tapadinho, dava uma volta debaixo da casa e entrava na despensa. Obtinha a cumplicidade de Tanha e de Pitra Marguida com palmos de tabaco de rolo que apanhava a Mamãe. Nem sempre a operação se fazia sem incidentes. De uma vez o Baluca denunciou-me à saída porque, como lhe tivesse engatado o rabo na porta, começou a uivar com a sua voz esganiçada de sopleta - e -fogo. Naquele dia comi uma sova de lato que me deixou o corpo talhado de vergônteas. Mamãe pegou-me com uma indignação que lhe fazia tremer as mãos. Furtadela só própria de menino sem eira nem beira. De mais, ela não queria que a fama da sua casa fosse injustamente minguada na boca dos linguareiros, que só sabem nicar na vida do próximo. Mamãe - Velha interveio em minha defesa. E foi um chover de atenuantes sobre as minhas culpas. A

minha avó só se arvorava em juiz rigoroso quando ela mesma verificava os delitos. No resto, era um passa - culpas de olhar severo.[20]

COMPREENSÃO

- Depois de leres atentamente o texto, realiza os seguintes exercícios.

1. Classifica o narrador quanto à presença e ciência.
  1.1. Fundamenta a tua resposta com exemplos retirados do texto.
2. Identifica a personagem principal do texto.
  2.1. Caracteriza-a.
3. Logo no início do capítulo, Chiquinho faz uma viagem até ao passado.
  3.1. Comenta a afirmação, não esquecendo de referir as marcas linguísticas que a sustentam.
4. Faz a caracterização de Mamãe-Velha.
5. Retira do texto um exemplo de um momento de narração e um de descrição.
  5.1. Justifica a tua resposta.
6. "A minha avó só sabia querer a sua gente descompondo."
  6.1. Explica o sentido desta frase.
7. "A casinha desaguada era a tentação da meninência."
  7.1. Porquê?
8. Identifica, e classifica, ao longo deste excerto, marcas que comprovam que estamos perante a variedade africana da Língua Portuguesa.

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

"… A ansiedade quando chegavam cartas. …"

1. Imagina que és o pai do Chiquinho, que está na América. Escreve uma carta (informal) à família (cerca de 120 a 130 palavras)

2

Conheci bem Papai em casa, apesar de ele ter embarcado pela primeira vez para a América andava eu por cinco anos. Mesmo depois de ausente, ele era uma presença constante na nossa casa. Bastava olharmos para a mobília americana, o gramofone, os quadros na parede, para sentirmos Papai assistindo connosco, embora tão longe. Mamãe dizia-nos que Papai não pensava em embarcar:

- Não sei como lhe deu aquilo na cabeça…

Foi quando da seca de novecentos e quinze. Os sequeiros não deram nada e no regadio a água quase secou. Ao tempo éramos só dois filhos, eu e Lela, porque Nina que era depois de mim, morreu com três anos. Lela era menino de mão quando Papai embarcou. Mamãe lamentava sempre a morte daquela única filha:

- Hoje eu teria quem me ajudasse no governo da casa…

Quando Papai viu o tempo tão ruim, disse à minha mãe:

- Maria, eu preciso dar uma ordem na vida. Este tempo não está capaz…

- Ordem de que maneira, criatura?

- Estou pensando em embarcar para a América. Mamãe quis dissuadi-lo.

- Não, menina. Precisamos criar esses meninos. Hortas não estão dando nada.

O grande amigo de Papai era nhô Roberto Tomásia. Nhô Roberto concordou:

- Eu também, se fosse como você, embarcava, António Manuel... Felizmente não tenho filhos...

[20] LOPES, Baltasar, *Chiquinho*. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes, 2008, pp. 13-16

Todo o mundo dizia que Papai era um chefe de família exemplar. E todos da casa muito unidos. Apenas com tio Joca, Papai teve durante algum tempo seus dares e tomares por causa de uma horta que titio licitava quando, muito mais tarde, combinaram partir a herança do meu avô materno. Mamãe contava que viveu mortificada por ver aquela zanga do irmão com Papai, tudo por via de uns casais de terra.

- Partilha dá sempre agravo.

Mas quando foi da grande doença de Papai, titio levantou-se da Praia - Branca e não largou a cabeceira do doente, dando ordens como o único homem da casa. A zanga acabou-se.

Mamãe referia constantemente:

- António Manuel é um burro de trabalho.

Papai andava sempre para riba e para baixo, ora no trabalho das hortas, ora no tráfego da vida, conforme Deus fosse servido. Rico não era porque não estava na linha do destino, mas, na filosofia de Mamãe -Velha, maior ainda do que as riquezas do mundo era a consolança de sentir o coração limpo e a cabeça livre de pensamentos de maldade. Quando voltava das hortas, de tardinha, sentava-se na cadeira de balanço e íamos tirar-lhe as pega -saias e as setas das calças. Papai nunca se esquecia das encomendas para nós: eram mandioquinhas tenras, de menos de duas as - águas, batatas de formas caprichosas, em semelhança de gente ou animais, e aboborinhas rabo-de-gato, em vista das merendas.

Papai, apesar de não se ter aplicado nos estudos, dizia sempre:

- Não aprendi com Joca, mas, graças a Deus, sei o suficiente para livrar a minha cabeça.

Ainda encontrei em nossa casa três livros que, segundo me referiram, Papai tinha em grande estima: uma gramática portuguesa de Bento José de Oliveira, um código civil e um Lunário Perpétuo. Quando havia jazigo, apareciam os amigos e Papai lia o código civil. Nhô Chic' Ana deixava apagar o cachimbo, embebido na leitura dos artigos do código. O velho contava até que, certa ocasião, três homens antigos, de muita experiência, ganha neste rodar de pau - de - almanjarra que é a vida, fizeram reparos no código civil, a fim de ele seguir sempre as linhas da razão natural.

Papai apreciava muito um homem de cabeça clara, cheia de saber, para governo seu e dos semelhantes. Todos os anos, no dia 5 de Outubro, era certo ele descer à Vila a assistir à sessão comemorativa na Câmara Municipal. Papai tinha admiração especial por nhô Miguel Pintor cujo falar valente e gestos de pessoa decidida lhe caíam muito no paladar. Saboreava as palavras dos oradores, e quando regressava ao Caleijão comunicava aos amigos que nhô Fulano ou nhô Cicrano tinha feito um discurso muito importante. Era o seu maior elogio:

- Fulano é um homem importante.

O Sr. Euclides Varanda era cotado de uma maneira diferente.

- Que velho esquisito — dizia Papai. Mas sabedor lá - fora. Antigo republicano, que nos tempos da Propaganda escrevia artigos no «Jornal da Província». Papai admirava-lhe a abundância com que lia folhas e folhas, suas lunetas fortes de míope desencavalitando-se com a transpiração.

E assim, tudo na nossa vida, a casa, as mobílias, as recordações, os nossos interesses, fazia uma reportagem sentimental que dava a Papai uma presença quase física no meio de nós. Anos depois voltou com licença de seis meses. Quando já Papai estava outra vez na América foi que Mamãe teve Nanduca.

Chegavam cartas e retratos. Nhô Roberto Tomásia ia sempre receber as suas mantenhas. Ficava admirando os retratos de Papai, vestido de casimira e com uma grande corrente de relógio atravessando o colete:

- António Manuel está um americano perfeito…

Quando Tuta de Melo esteve na ilha, Mamãe foi tirar retrato a Nanduca para Papai conhecer o seu codê.

Só nos faltava Titio Joca, desterrado na Praia - Branca, para toda a família estar reunida. Apesar de morado em 102 South Second Street, Papai estava constantemente connosco. No quarto em que, à hora da deita, diante do

oratório, Mamãe e Mamãe - Velha pediam a Deus por ele; na salinha, em que os móveis e os retratos falavam dele, principalmente depois da ceia, quando a conversa caía comovidamente em Papai, a trabalhar lá para essas terras que ficam tão longe, debaixo da linha do mar; na hortinha em frente da casa, onde Papai fazia a sementeira para as assadas dos meninos; na barraca onde, boquinha da noite, se recolhiam os burros de jornada que ele levava quando saía para as hortas; ele estava nas cartas que nós os meninos recebíamos da América, com muitas mantenhas do "Papai sempre amigo". Eu é que lia as cartas da casa.

- Chiquinho, lê tu que tens a vista mais clara.

O mundo trepidante que corria à sua volta não engolia as vozes pequenas que chamavam Papai para a sua casinha do Caleijão. A fábrica não matou a voz do pilão e do moedor rolando. E a dos amigos também. As preocupações de sempre não faltavam. "Maria, você diga Pitra para ter cuidado com as cabras para não estragar planta no Trás - de - Pico. No «Daisy» mando vocês umas pranchas para um portal novo". Consignava tantos dólares para brocas e assento de covas. Mamãe visse bem a questão da água da rega da Ribeira de João. Se fosse preciso demanda, consultássemos para S. Vicente um *lawyer* bom, que ele mandava dinheiro para as despesas.

A América ficava bem perto de mim. Meu coração de menino não a colocava mais longe do meu círculo de afeições do que a Água-do-Canal ou António Gegê, onde eu ia brincar com a meninência e correr navios de purgueira e de cana de milho.

Quando era mais tamanhinho, figurava a América uma ribeira muito bonita, cheia de hortas muito verdes. Na ribeira Papai trabalhava de agricultura. Lá tinha suas hortas. Hortas de cana e bananeira. Hortas de sequeiro, com milho e feijão. Os trabalhos eram os mesmos que na Fajã e nas baixadas. Só lhe faltava Pitra Marguida para o ajudar. Papai tinha as suas horas de ração de rega. Lá a água seria mais abundante, porque chovia mais e caíam trovoadas mais fortes, que rebentavam as nascentes. Papai fazia farinha. Com duas as - águas a mandioca estava pronta para a farinhagem. Eu imaginava os trabalhos da rala, os tachos sobre o lume, e as mulheres mexendo o rodo para evitar que a farinha se empedrasse. O trapiche na lavra. Os bois giravam, pachorrentamente, na roda da almanjarra, no terreiro-de-trapiche. Os rapazinhos tangedores cantando atrás dos bois:

- Vira, Pintor, dá-me milho, eu dou-te farelo…

Eu vivia longos momentos a nostalgia do aboio.[21]

(…)

COMPREENSÃO

- Depois de leres atentamente o texto, realiza os seguintes exercícios.

1. Identifica o tema e o assunto do texto.
2. Caracteriza o pai de Chiquinho.
3. O que levou o pai de Chiquinho a embarcar para a América?
  3.1. Há uma palavra na língua portuguesa que designa a saída de um cidadão do seu país para ir viver noutro. Qual?
  3.2. Distingue emigração de imigração.

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ORAL E ESCRITA

1. Sublinha as ideias mais importantes do texto.
2. Identifica os principais tópicos abordados através dessas ideias.
3. Com base nesses tópicos, elabora o resumo do texto, primeiro oralmente e depois por escrito (cerca de 400 palavras).

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ORAL

1. "Papai apreciava muito um homem de cabeça clara, cheia de saber, para governo seu e dos semelhantes."
  1.1. Comenta o valor do seguinte provérbio: "O saber não ocupa espaço."

[21] LOPES, Baltasar, *Chiquinho*. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes, 2008, pp. 16-21

2. Organiza um debate sobre os seguintes temas.

- A emigração é a única forma de quebrar o cerco do isolamento e do provincianismo.
- A emigração não é uma desistência, mas uma insistência na melhoria de vida.

- ***CHIQUINHO* – ANÁLISE DA OBRA: "SÃO VICENTE"**

Na parte de «S. Vicente», temos os seguintes pontos principais na economia da intriga e do sentido: logo no capítulo 1, Chiquinho conhece Andrézinho e a irmã, Nuninha, por quem se apaixona; a apresentação do Grémio, no capítulo 3; os trabalhos e progressos do Grémio, no capítulo 7; a crise que atinge o porto, no 10; a visita do Governador, tratado ironicamente por Sexa, no capítulo 12; episódio do Carnaval, com os bailes, batuques, namoricos e a zanga de Chiquinho com a amada (capítulo 17); a Associação Operária Mindelense, no capítulo 20; o inquérito nos bairros populares, a desenvolver pelo Grémio, no capítulo 24; no último capítulo, o regresso de Chiquinho a São Nicolau, findos os estudos liceais.

Pires Laranjeira, *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1995, p. 207

S. VICENTE

1

Fiquei hospedado em casa de nha Cidália. Ela também me garantiu que éramos parentes:

- Minha avó era de S. Nicolau. E Eusébio é da tua terra, apesar de ter vindo criança para S. Vicente.

Gostei da casa, situada no Alto de Miramar. Era um espectáculo quase novo para mim esse do mar sempre à vista. Eu vinha de uma ilha em que o trabalho da terra não deixa ver o mar direito.

Nha Cidália tinha em casa a irmã e os seus três filhos. Mostrou-me o retrato do marido, tirado na Argentina:

- Repara que Nuninha é a cara do pai. O nariz, então, e a boca são de Eusébio…

Nené perguntou-me se não lhe trazia nada:

- Dizem que em S. Nicolau tem bananas, mangas, goiabas de mundo…

- Larga Chiquinho da mão! Não repares. Nené foi sempre assim ardigado. Agora, então, está, impossível. Mas deixa estar que o vou entoar. Vou mandá-lo para escola. Enquanto ele lá estiver não nos anda a apoquentar a vida.

Apresentou-me à irmã:

- Alzira, este é Chiquinho. Dizem que é rapaz esperto. Chiquinho, espero que tu farás muitas leituras a Alzira. Ela gosta muito de ler, mas Andrezinho não tem paciência, diz que não está para aturar coisas de outro tempo.

Andrezinho :

- Oh rapaz, se tu dás muita trela, ganhas com certeza uma escada no céu. Isto é gente que podia ter nascido na idade da pedra... Mamã, você largue Chiquinho para eu lhe mostrar a cidade.

- Vais mostrar o quê? Falas de cidade, parece que isto é qualquer coisa de encher a boca. Miséria, Chiquinho, miséria é que vês por onde andares.

Esta terra não está capaz…

- Mamã, já sei que você vai acrescentar: «Antigamente não era assim, esta terra tinha vida, havia dinheiro, etc. etc.» Deixe isso para depois. O que você poderá dizer é programa para nós os novos…

Nha Cidália mandou Nené chamar Nuninha, que entrara para o quarto logo assim que me cumprimentou. Eu desculpasse. As raparigas gostam sempre de toaletar melhor quando vêm uma cara nova. E eu chegava quase de surpresa.

- Também já fui assim. Sentia gagê no corpo. Passava o tempo consultando o espelho... Mas depois vem a criação dos filhos e uma pessoa descuida-se...

Andrezinho pegou-me, enquanto arranjavam o café, e disparou-me uma chuva de perguntas:

- Mas responde precisamente. Deves ter muitos dados, vens de uma ilha característica, com o teor de vida que lhe dá fisionomia não direi diferenciada, mas própria…

E rapidamente me fez um inquérito. Condições agrícolas. Os salários. Quanto deixava, em dólares, a emigração. Contribuições, etc. Eu estava meio submerso no mar de perguntas que Andrezinho me dirigia. Com cerca de dois anos mais do que eu, parecia ser muito mais velho. Contudo, o seu corpo era todo vivacidade, os gestos sublinhando cada frase.

Mas eu estava era sentindo o olhar de Nuninha a espiar-me. Talvez o meu fato estivesse mal feito. Verifiquei se as calças caíam bem, se não me ficavam a meia - canela. O cabelo devia estar acamado, com reflexos azuis de asa de corvo.

Não cheguei a apurar bem que idade Tia Alzira devia ter aproximadamente. Não podia responder com precisão se ela me parecia nova ou velha. Fiquei sendo seu sobrinho, como Nené, Nuninha e Andrezinho.

Não tinha vontade de tomar café. Café no mar enjoa. E eu via tudo rodando. Parecia-me estar ainda a bordo do palhabote que me trouxe de S. Nicolau. Aquela tarde, para mim, continuava ainda a minha primeira sortida marítima. Como gostaria de ser Chico Zepa, para não enjoar, e assim sentir o mar abandonando-se debaixo da quilha fremente dos navios!

Andrezinho, esquecido da sua promessa de me mostrar a cidade, pediu-me licença e saiu. Eu estava sentindo uma vontade desesperada de ficar só. Nuninha espiando-me, sempre que achava jazigo. Mas eu queria era ver-me sozinho, sem ninguém que me espiasse.

Mamãe e Mamãe - Velha, onde ficaram vocês? Dondê Tói Mulato, que não me vem buscar para irmos passear? Dondê todo o mundo que ficou atrás de mim? Eu agora queria era ouvir nha Rosa Calita contar uma história só para Chiquinho ir dormir sonhando com a filha de rei que o está a esperar.

Quando Andrezinho me veio chamar à porta para o jantar, eu estava chorando um choro baixinho de menino orgulhoso que apanhou.[22]

COMPREENSÃO

1. Identifica o assunto do texto.
2. Caracteriza a personagem do Andrezinho.
3. Define o estado de espírito de Chiquinho.
  3.1. Justifica a resposta dada com alguns excertos do texto.
4. "Esta terra não está capaz…".
  4.1. Explica o sentido desta frase.
5. Identifica as figuras de estilo presentes nas seguintes frases.
  5.1. "E rapidamente me fez um inquérito. Condições agrícolas. Os salários. Quanto deixava, em dólares, a emigração. Contribuições, etc. Eu estava meio submerso no mar de perguntas que Andrezinho me dirigia".
  5.2. "O cabelo devia estar acamado, com reflexos azuis de asa de corvo."
  5.3. "Mamãe e Mamãe - Velha, onde ficaram vocês? Dondê Tói Mulato, que não me vem buscar para irmos passear? Dondê todo o mundo que ficou atrás de mim?"
  5.4. Refere o seu valor expressivo.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

- "Quando Andrezinho me veio chamar à porta para o jantar, eu estava chorando um choro baixinho de menino orgulhoso."

1. Estás perante uma frase constituída por quantas orações?
  1.1. Classifica-as.
  1.2. Analisa sintacticamente cada uma delas.
2. Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas na frase.

TRABALHO DE GRUPO

1. Cada grupo deverá pesquisar sobre Cabo-Verde, elaborar cartazes e apresentá-los aos colegas.

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

1. " Andrezinho pegou-me, enquanto arranjavam o café, e disparou-me uma chuva de perguntas:

- Mas responde precisamente. Deves ter muitos dados, vens de uma ilha característica, com o teor de vida que lhe dá fisionomia não direi diferenciada, mas própria…

[22] LOPES, Baltasar, *Chiquinho*. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes, 2008, pp. 109-112

E rapidamente me fez um inquérito. Condições agrícolas. Os salários. Quanto deixava, em dólares, a emigração. Contribuições, etc."

1.1. Agora que já possuis mais alguns conhecimentos sobre Cabo-Verde, imagina o diálogo (perguntas e respostas) entre Andrezinho e Chiquinho.

4

Eu estava mas era gostando de Nuninha. Ela era outra, diferente das labregas que eu tinha cobiçado no Caleijão. Calê Nina Zepa! Faltavam-lhe os modos estilados de Nuninha, os seus sapatos - sandálias, tão elegantes, os seus olhos morridos, que me faziam sonhar com cenas que não se fixavam bem na minha imaginação. Nina Zepa, Pimpinha, guardando vacas e pondo feixes de lenha à cabeça para irem vender na Vila. A hora das refeições era sempre esperada ansiosamente por mim. Nha Cidália e Andrezinho sentavam-se às duas cabeças da mesa. Dos lados, Nuninha e Nené, eu e Tia Alzira. Nuninha defronte de mim. E eu me esmerava em maneiras civilizadas. Punha em evidência o comer à inglesa. De quando em quando surpreendia Nuninha espiando-me. Mas logo ela baixava os olhos para o prato. O meu sólido bom apetite sacrificava-se à sereia de olhos negros que se sentava em frente de mim. Nha Cidália apoquentava-me :

- Come, Chiquinho, não faças cerimónia... Olha que esta garoupa tem muito paladar…

Qual garoupa! Eu via era Nuninha à minha frente.

- Chiquinho é muito fidalgo no comer – dizia Tia Alzira.

Fidalgo. Este velho adjectivo de S. Nicolau agradava-me. Ele afuselava as minhas linhas físicas e morais.

Nené comia com grande espalhafato, derramando comida sobre a toalha. A mãe perguntava-lhe se era para descarregador de cais que ele estava fazendo tirocínio. Mas o irmãozinho da minha mais-que-tudo não se importava. Ele não tinha nenhuma Nuninha inundando-o com olhares de noite líquida. Os sete anos de Nené não conheciam ainda a tortura deliciosa de estar querendo uma morena de cabelos anelados e olhos quebrados. Nuninha inclinava-se toda maternal para lhe afeiçoar o guardanapo no bibe e ajeitar-lhe a comida para a boca. O gesto punha-lhe em evidência os braços torneados. Sobre a sua blusa, no peito, pasciam furtivamente os meus olhos, esquecidos da cachupa guisada e da batanca. Eu não concebia o meu amor por Nuninha abundantemente nutrido às garfadas largas. Na minha cabeça cantavam as velhas canções sentimentais que celebravam heróis magros e pálidos, do tempo em que Mamãe -Velha era rapariguinha nova.

Algumas vezes Nonó jantava connosco. Eu tinha-lhe pegado simpatia especial. E, depois, sabia prender-nos com as mornas que ele mesmo compunha e cantava na sua bela voz, velada e quente, acompanhando-se ao violão. As mornas revezavam com os sambas novos que os discos popularizavam e espalhavam pelos bailes e serenatas de todo o arquipélago.

Eu sentia-me deliciosamente quebrado no ambiente meio lírico, meio sensual, que a melodia criava. Espiava os efeitos que a música produzia em Nuninha.

Dançávamos uma ou outra peça. Ela abandonava-se, toda langue, nos meus ombros. A voz de Nonó tecia subtilmente o fio que ia envolvendo os nossos destinos.

Andrezinho não era para esses enternecimentos. Tinha sempre o ar de quem esperava com impaciência o final da música. Ele queria era falar de coisas sérias, o programa do Grémio, o jornal que tínhamos de publicar, os factores que condicionavam o *nosso caso*. Eu queria lá saber de nada disso! A única coisa séria que para mim contava era Nuninha. Andrezinho não parecia ter vinte anos. [23]

COMPREENSÃO

1. Identifica o assunto do texto.

2. Faz a caracterização de Nuninha.

3. "Chiquinho é muito fidalgo no comer – dizia Tia Alzira."

3.1. Explica o que é que a Tia Alzira pretende dizer com "fidalgo no comer".

4. Descreve o estado de espírito de Chiquinho.

4.1. De que forma o seu estado de espírito influencia o seu discurso? Justifica.

5. Identifica a figura de estilo presente nas seguintes frases.

5.1. "Fidalgo. Este velho adjectivo de S. Nicolau agradava-me. Ele afuselava as minhas linhas físicas e morais."

[23] LOPES, Baltasar, *Chiquinho*. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes, 2008, pp. 117-119

5.2. "Ele não tinha nenhuma Nuninha inundando-o com olhares de noite líquida."
5.3. "Os sete anos de Nené não conheciam ainda a tortura deliciosa de estar querendo uma morena de cabelos anelados e olhos quebrados."
5.4. Refere o seu valor expressivo.

6. No excerto, existe uma referência à cultura de Cabo Verde.
6.1. Indica-a.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Atenta no primeiro parágrafo e coloca-o no tempo presente.

2. "Nha Cidália apoquentava-me:
- Come, Chiquinho, não faças cerimónia… Olha que esta garoupa tem muito paladar…"
2.1. Passa para o discurso indirecto.

3. Identifica e classifica as orações presentes nas seguintes frases.
3.1. "Faltavam-lhe os modos estilados de Nuninha, os seus sapatos - sandálias, tão elegantes, os seus olhos morridos, que me faziam sonhar com cenas que não se fixavam bem na minha imaginação."
3.2. "Nené comia com grande espalhafato, derramando comida sobre a toalha."
3.3. "A mãe perguntava-lhe se era para descarregador de cais que ele estava fazendo tirocínio."
3.4. "Ele não tinha nenhuma Nuninha inundando-o com olhares de noite líquida."

4. Classifica os verbos presentes nas frases anteriores quanto à sua subclasse (transitivos ou intransitivos)

5. Transforma os seguintes períodos curtos em períodos mais longos, procedendo às devidas alterações.
5.1. "A hora das refeições era sempre esperada ansiosamente por mim. Nha Cidália e Andrezinho sentavam-se às duas cabeças da mesa. Dos lados, Nuninha e Nené, eu e Tia Alzira. Nuninha defronte de mim. E eu me esmerava em maneiras civilizadas. Punha em evidência o comer à inglesa. De quando em quando surpreendia Nuninha espiando-me. Mas logo ela baixava os olhos para o prato."

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

1. Retrata uma história de amor sob a forma de uma carta. (Não te esqueças da estrutura da carta informal)

Só para te inspirares…

TODAS AS CARTAS DE AMOR SÃO RIDÍCULAS

Todas as cartas de amor são
Ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem
Ridículas.

Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
Como as outras,
Ridículas.

As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser
Ridículas.

Mas afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são
Ridículas.

Quem me dera no tempo em que escrevia
Sem dar por isso
Cartas de amor
Ridículas

Álvaro de Campos, *Poesias*

- ***CHIQUINHO* – ANÁLISE DA OBRA: "AS-ÁGUAS"**

Na parte de «As-águas», frisam-se os seguintes capítulos e aspectos de conteúdo: no cap. 1 , Chiquinho dá-se conta de que já se afastou culturalmente da terra da infância: no capítulo 8, o tio Joca tenta demover Chiquinho de seguir a carreira do professorado; dispersão do Grémio, no capítulo 11; sobretudo no capítulo 13, primordial, o acontecer da grande seca, com a miséria, desolação e a morte dos alunos; como consequência da fome, acontece, no capítulo 17, o levante de S. João, conduzido por Chico Zepa; no capítulo 18, morte de Chic'Ana, devido à fome. e seu enterro; proposta de Chiquinho ao Grémio para a emigração em

massa, antevisão dos seus estudos na universidade norte-americana e desterro de Chico Zepa para a ilha do Sal, no penúltimo capítulo; emigração de Chiquinho, a fechar.

Pires Laranjeira, *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, Lisboa, Universidade Aberta, 1995, p. 207

AS ÁGUAS

13

Era seca, nua, devastadora como nas crises mais terríveis de que rezava a crónica da minha ilha. Desaparecidas todas as esperanças, enganadas as promessas de chuva. De todas as ribeiras a notícia que vinha era a mesma. Não se colheria um grão de milho, e dos feijoeiros nem falar, que a lestada de Novembro crestara tudo.

No meu degredo do Morro Braz eu ia tomando o pulso à crise pela diminuição progressiva da frequência do posto. O meu decurião Emílio foi o primeiro a desertar. Vinha de muito longe, de um lugar perto da Jalunga. Os condiscípulos informaram-me de que a família de Emílio batera, fugindo à seca, em direitura da Preguiça. Soube tempos depois que ele não pôde aguentar a jornada e ficou numa moita de purgueira no Canal de Carambola. Lá fui com os meus alunos plantar uma cruz no lugar onde Emílio morreu.

Todas as manhãs era com a apreensão de chefe de patrulha de regresso do combate que eu fazia a chamada. E raro era o dia em que não faltava um dos meus soldados.

- Manuel João!
- Não está...
- Cândido Almeida!
- Não veio…
- José Joaquim!
- Está muito mal, professor...

Constantemente passava pela minha porta gente que fugia dos povoados de Norte-a-Baixo, em direcção à Vila. Era um cortejo lamentável de homens, mulheres, crianças. Os animais domésticos faziam também parte do êxodo para outras regiões mais habitadas. Nelas, ao menos, havia a consolança de um olhar de cristão no meio do drama lancinante. Os meninos, com as barrigas inchadas sobre as pernas magras. E vinha tudo, o pote de barro, a cama de finca-pé, as esteiras. A vaquinha magra e as cabras do pé-de-porta não abandonavam os donos em tal provação. Os cachorros de língua de fora, farejando restos de osso para enganarem a fome. Muitas vezes, os animais miúdos eram transportados no ceirão dos burros ou em balaios, à cabeça das mulheres. Homens e bichos não conheciam distâncias naquela irmanação perante o destino comum. Como representante da autoridade administrativa, cargo que acumulava com as minhas funções de professor de posto-de-ensino, não tive comunicação nenhuma de desrespeito da propriedade do próximo. Era de uma rigidez de pedra a concepção da honra daqueles homens que batiam para a Estância, acossados pela fome. Ao longo dos caminhos, as canhotas ficavam pairando, à espera de momento oportuno para se abaterem sobre a carcaça dos animais que caíam, desistindo da viagem.

Com a morte de Emílio, tratei de eleger um novo decurião. Apresentaram-se vários na classe. Tive de castigar um aluno do 2° grau, das Casinhas, que esteve subornando os condiscípulos, com talisca de mandioca, para o elegerem. Foi escolhido um mocinho dos Castelhanos. Respeitei dentro de mim a capacidade de sacrifício desse menino de doze anos, que tinha de andar dez quilómetros todos os dias, e levantar-se de madrugadinha, para ser o primeiro a chegar à escola, e às 8 horas, quando eu entrasse, ter tudo arrumado para o regular funcionamento da aula. O posto não aguentava o luxo de ter uma servente. Professor e alunos, tínhamos de nos devotar na tarefa comum, sem contarmos com estranhos à nossa pequena cidade.

(…)

De cada vez que ia ao Caleijão, era como se fosse uma terra estranha que eu visitava. A seca tinha modificado tudo. Desaparecidas, as reuniões na Água-do-Canal, mortas, as conversas alegres no desamparo do crepúsculo. Só nhô Roberto Tomásia não faltava nunca, mas tinha fugido, acossado por todos os ventos da desgraça, o riso largo que lhe descascava os dentes plantados em gengivas vermelhas como goiaba madura. E

o crepúsculo se desdobrava num manto tenuíssimo que envolvia tudo, homens e coisas, no mesmo abraço sereno de paz. A natureza desconhecia os dramas que remordiam o coração da criatura. Lela Bento morto no caminho da Caldeira, quando ia à procura de batata conteira para enganar a fome dos meninos. Uma doida, que tinha um filho, deu do sangue do seu peito, em que o leite estancou, ao mocinho morto. Depois atirou-o do alto da Combota, sobre o empedrado da fonte, e ali ficou por noites com a sua cantiga aziaga, ninando o sono do filho. As hortas, vermelhas, sem vestígio de planta. Foi com uma melancolia de general vencido que visitei o meu pedacinho em frente da casa, que Papai me distribuíra, tamanhinho, para adquirir experiência agrícola à custa do meu braço. Só o mané-gatinho se obstinava a viver naquele deserto preparado pelas chuvas escassas dos anos anteriores. Nhô Chic'Ana esteve alguns dias doente. Mamãe-Velha, sentindo a sua falta, mandou-lhe caldo de tapioca.

Eu nunca tinha visto aquilo. Era novo para mim esse espectáculo da vida que foge imperceptivelmente dos homens e das coisas. Os lunaristas explicavam a fatalidade cíclica da seca. De vinte em vinte anos era aquela falsia completa da chuva, desamparando as ilhas para outras paragens no meio do mar. Eu estava habituado à face serena da vida rotineira da minha ilha. Até agora, tudo me parecia impregnado de imobilidade. Veria até ao fim da vida as mesmas caras, a mesma mediania, a mesma resignação perante o Destino que Deus governou lá do alto. A insuficiência de outros anos não me tinha preparado para aquela batalha cruel e total. Por muito tempo que eu vivesse, Mamãe-Velha havia de acompanhar Chiquinho com as suas descomposturas e a sua solicitude grulhenta.

(…)

Organizou-se na Vila um serviço de alimentação aos famintos das ribeiras distantes. Na Irmandade um grande caldeirão cozinhava cachupa perto do pé de tamarindo. Tio Joca veio da Praia Branca prestar o seu concurso. Preocupava-o principalmente a sorte dos meninos e dos doentes, que precisavam de alimento mais adequado do que a cachupa bruta de água e sal. E não descansou enquanto não conseguiu organizar uma dieta de tapioca, que uma comissão de senhoras se encarregou de fazer chegar às casas dos necessitados. Titio subiu na minha consideração com esse seu dinamismo encharcado de piedade humana.

Das ilhas chegavam notícias alarmantes. Por toda a parte, a seca estendera as suas garras insaciáveis. Em S. Tiago, a Praia enchera-se literalmente de gente fugida do interior. E por onde se andasse eram famintos dormindo ao relento, no Monte Tagarro, na Praça dos Governadores, na ponte da Alfândega. [24]

(…)

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ORAL E ESCRITA

1. Sublinha as ideias mais importantes do texto.

2. Identifica os principais tópicos abordados através dessas ideias.

3. Com base nesses tópicos, elabora o resumo do texto, primeiro oralmente e depois por escrito (cerca de 300 palavras).

19

O mar também era o meu caminho. Papai, com as notícias que lhe iam chegando, perguntou-me se eu queria ir para América. Tio Joca apoiou imediatamente. Mamãe lamentou o destino que me obrigava a largar a minha terra. Mas também, ela não queria que eu ficasse pasmado pelo Caleijão, como gente sem eira nem beira.

Tio Joca convenceu-me:

- Não hás-de querer acabar a tua vida entre estas rochas, vendendo açúcar e petróleo numa tasquinha…

Escrevi para S. Vicente uma carta a Andrezinho propondo que o grupo emigrasse em massa. O Erudito foi sóbrio na sua resposta. «Vai tu, se queres. Eu fico. Tenho cá muito que fazer». E acabou pedindo-me que da América lhe mandasse documentação, sobre a maneira de viver dos nossos emigrantes.

Estudasse principalmente a actividade associativa dos cabo-verdianos. O grupo ficava à espera de um romance sobre o cabo-verdiano emigrado. Os meus contos românticos da Fonte de Cónego faziam de mim o novelista oficial do Grémio.

[24] LOPES, Baltasar, *Chiquinho*. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes, 2008, pp. 238-245

Nonó mandou-me da Boa Vista a letra da morna que fez à minha partida. No disfarce poético, era Nuninha que se adivinhava na «sereia de olhos cor da noite» que me acompanharia na minha peregrinação por esse mundo mais distante que grito em noite de temporal. S. Vicente, em que ela vivia, era a terra pequenina, filha do Céu e do Oceano.

Titio Joca e José Lima foram os grandes animadores que nessa ocasião me ampararam. A América foi ficando para mim uma Terra da Promissão em que eu poderia realizar todas as minhas virtualidades. E uma grande esperança me invadiu. Retomei contacto com os meus livros.

O Sr. Euclides Varanda abraçou-me, cheio de inveja nos olhos claros:

- Meu jovem amigo, meu feliz amigo!

E o velho confiou-me o testamento espiritual que preparava para o seu filho malogrado com Gaída.

- Espírito, Chiquinho! Cultiva e eleva o teu espírito nesse grande país que os fados não me permitiram conhecer... Não te deixes avassalar pela Matéria. Acredita na palavra de um velho: acima de nós todos tem uma vida que só raros podem enxergar, com os olhos enevoados. Tu és dos bons. E, depois, sabes, não somos nada quando só nos vemos a nós mesmos, mas que beleza, se a gente tem a coragem de alongar os olhos mais para diante!

O Sr. Euclides ofereceu-me o número do Almanaque Luso-Brasileiro em que veio publicada a sua primeira poesia:

- Separação triste, mas separação jubilosa ao mesmo tempo… Conserva este livro… Não tardo a reunir-me à Inteligência Universal, mas parto contente por te ter encontrado no meu caminho…

Tive de esperar alguns meses pelos papéis necessários à minha entrada na América. Nhô João Joana fez-me também a sua reportagem. E a Costa americana aparecia vestida de maravilhas na narração do velho. A América, para nhô João, era o mar em que ele curtiu temporais, fome e sede, e viu prodígios que Nossenhor semeou à flor das águas.

- Naquela noite eu estava de leme, Chiquinho. Fazia um luar tão claro que parecia que a Lua estava dando uma serenata a Nossa Senhora. De repente, ouvi uma cantiga…

Era Sirena. A moça - do -mar tinha meio corpo acima da água. Depois ela calou a cantiga e disse a nhô João:

- Eu sou a moça do mar…

Nhô João disse-lhe:

- Você é bem bonita… Você anda cantando para Nossa Senhora se divertir?

- Não. Ando a cantar só para você ouvir...

- Muito obrigado, Sirena. Quando eu passar novamente por este lugar, trago um raminho de manjerona para você enfeitar os seus cabelos.

- O que é que você quer, marinheiro? Diga, que eu tudo lhe darei…

- Quero uma casa grande e muito bonita para eu morar…

- Dar-te-ei uma casa como nunca viste. Bonita, bonita de endoidecer…

- Quero uma noiva mais bonita do que Brancaflor…

- Tua noiva será mais bonita do que Brancaflor…

- Bonita como Brancaflor não quero porque ela se enfadaria de mim por eu não ser tão bonito como Passo - Amor…

-Virarás bonito como Passo - Amor…

- Quero hortas boas para eu trabalhar…

- Dou-te hortas em que crescerão plantas como nunca viste…

- Chuvas para molhar minhas hortas…

- Quando quiseres que chova, faz uma serenata à Lua, a Lua chorará, e as suas lágrimas molharão tuas hortas…

E no primeiro porto em que tocou, nhô João mandou tatuar uma Sirena no braço direito.[25]

COMPREENSÃO

- Depois de leres atentamente o texto, realiza os seguintes exercícios.

[25] LOPES, Baltasar, *Chiquinho*. Lisboa: Biblioteca Editores Independentes, 2008, pp. 261-267

1. Com os nomes dados, completa as definições:

Grémio — Morna — Peregrinação — Malogrado — Virtualidades — Avassalar — Jubiloso – Enfadar

a) Canção popular de Cabo Verde _____
b) Corporação; associação _____
c) Infeliz; que morreu prematuramente _____
d) Viagem a um lugar santo _____
e) Dominar; subjugar _____
f) Possibilidades (de realização) _____
g) Muito alegre e contente _____
h) Aborrecer _____

2. Indica o tema e o assunto do texto.
3. Resume a acção do texto.
  3.1. A acção do texto pode ser dividida em acção principal e acção secundária.
    3.1.1. A partir do texto, identifica as acções principal e secundária.
  3.2. Refere o modo de articulação das sequências narrativas, justificando a tua resposta (encadeamento, encaixe ou alternância).
4. Caracteriza a atitude do narrador perante a sugestão do pai em emigrar para a América.
  4.1. Como é que o narrador encara a América?
    4.1.1. Transcreve uma frase/expressão que justifica a tua resposta.
  4.2. Explica a expressão *na minha peregrinação*.
  4.3. Outras personagens também reagiram perante a sugestão e posterior decisão do narrador em emigrar para a América.
    4.3.1. Enumera-as (as personagens) e refere as suas reacções.
  4.4. Explica o significado da expressão *sem eira nem beira*.
    4.1.1. Refere a importância de expressões idiomáticas como esta nas línguas.
5. Indica a origem das ilhas de Cabo-Verde, mais em concreto da ilha de S. Vicente.
  5.1. Identifica a figura de estilo utilizada para o efeito.
6. O Sr. Euclides ocupa uma posição de destaque no texto.
  6.1. Caracteriza-o.
  6.2. Resume o conselho que ele dá ao narrador.
    6.2.1. Por que razão o Sr. Euclides aconselha o narrador?
    6.2.2. Identifica as figuras de estilo presentes nas seguintes expressões:
      a) … eleva o teu espírito nesse grande país que os fados não me permitiram conhecer...
      b) Não tardo a reunir-me à Inteligência Universal…
    6.2.3. Refere o significado da expressão separação triste, mas separação jubilosa ao mesmo tempo.
7. Sirena está intimamente ligada ao imaginário cabo-verdiano.
  7.1. Explica a afirmação.
8. Classifica o narrador quanto à sua presença e ciência.
9. Caracteriza o espaço em termos físicos, sociais e psicológicos.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Atenta no primeiro parágrafo do texto.
  1.1. Identifica e classifica os verbos, dizendo se são transitivos directos e/ou indirectos ou intransitivos**.**

Só para te inspirares…

1. Ouve o poema cantado por Kalú Mendes.

O Emigrante

O emigrante não dorme
O emigrante só descansa;
Só deixa de viver
Quem pára de sonhar
Parte daqui ou dacolá
Buscando futuro melhor
No peito saudade e dor
Da terra que o viu nascer
Foge injustiça e guerra
Catástrofes e miséria
A estranhos entrega
As migalhas da esperança.
Arrisca a própria vida
A caminho do eldorado
Com a fé bem viva
De alcançar o desejado
São trabalhos rejeitados
Duros e mal pagos
Trabalha meses e meses
Sem salários muitas vezes
Com diploma de lado

Sempre discriminado
É bode expiatório
Do imenso purgatório:
Vai renovando o visto
E chega à residência
Vai para bairros sociais
De difícil coexistência.
Vive sem excessos,
E sonha com o regresso.
Remete para a terra de origem

A economia da coragem
Com vivendas construídas
Na terra nunca esquecida
Uns regressam outros não
E os filhos lá ficarão.
Seja ela feia ou linda
Esta singular história,
Por trás fica uma vida
Mal vivida e sem glória.

Felício Mendes

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

1. Escreve uma página de diário sobre a importância da música na tua vida.

- ***CHIQUINHO: EM SÍNTESE***

O Romance *Chiquinho* é um romance de fantasmas, mas são os sonhos que vagueiam nas almas das personagens o seu principal motor, combustível que torna esta obra num marco na literatura cabo-verdiana de Língua Portuguesa.

Em Cabo Verde, decorria o ano de 1930 e as condições do povo não eram as melhores, as secas destruíam colheitas, a fome estendia as suas garras sobre uma população indefesa e o povo desesperava. Mas no meio da fome e da pobreza do povo cabo-verdiano, durante o período ao qual o romance nos remete, há uma esperança, um sonho recalcado em todas as personagens: Titio Joca, Euclides Varanda, Toi Mulato, todos poderiam ser outras pessoas que não são, se aos menos a terra os deixasse.

É aqui que entra o mar, rampa de sonhos e de fuga, a miragem da América, o futuro prometido para lá da fome, das secas e do sofrimento.

Nuno Vieira (adaptado)

UNIDADE DE ENSINO - APRENDIZAGEM 12: TEXTOS LÍRICOS

- **FIGURAS DE ESTILO**

- **Aliteração –** Repetição de sons consonânticos.

Exemplo: *"**F**ogem **f**luindo à **f**ina-**f**lor dos **f**enos." (Eugénio de Castro)*

*"Na m**esse**, que enlour**ece**, estrem**ece** a querm**esse**." (Eugénio de Castro)*

- Assonância – Repetição de sons vocálicos.

Exemplo: *"Sino de Belém, pelos que inda vêm!*

Sino de Belém bate bem-bem-bem.

Sino da Paixão, pelos que lá vão!

Sino da Paixão bate bão-bão-bão."

(Manuel Bandeira, Poesia Completa e Prosa)

- **Onomatopeia –** Conjunto de sons que reproduzem ruídos do mundo físico. Este conjunto de sons pode formar palavras com sentido (palavras onomatopaicas).

Exemplo: *"**Bramindo** o negro mar de longe **brada**." (Camões)*

- **Anáfora –** Repetição de uma ou mais palavras no início de verso ou de período.

Exemplo: *"**Toda a manhã**/fui a flor/impaciente/por abrir. /**Toda a manhã**/fui ardor/do sol/no teu telhado." (Eugénio de Andrade)*

*"É **brando** o dia, **brando** o vento.*

*É **brando** o Sol e **brando** o céu." (Fernando Pessoa)*

- **Assíndeto –** Supressão das partículas de ligação (vírgula, virgula,)

Exemplo: *"Quero perder-me neste Pisão**,** nesta Pereira**,** neste Desterro." (Vitorino Nemésio)*

*"Eu hoje estou cruel**,** frenético**,** exigente." (Cesário Verde)*

- **Polissíndeto –** Repetição dos elementos de ligação entre palavras.

Exemplo*: "Aqui **e** no pátio **e** na rua **e** no vapor **e** no comboio **e** no jardim **e** onde quer que nos encontremos." (Sebastião da Gama)*

*"**E** crescer **e** saber **e** ser **e** haver*

***E** perder **e** sofrer **e** ter terror." (Vinicius de Morais)*

- **Anástrofe –** Inversão da ordem directa das palavras.

Exemplo: *"Tirar Inês ao mundo determina." (Camões)*

- **Hipérbato –** Inversão violenta da ordem dos elementos na frase.

Exemplo: *"Casos/Duros que Adamastor contou futuros." (Camões)*

"Estas sentenças tais o velho honrado Vociferando estava." (Camões)

- **Paralelismo ou simetria –** Repetição do esquema ou construção da frase ou do verso.

Exemplo: *"**Meu** amor! **Meu** amante! **Meu** amigo!" (Florbela Espanca)*

*"**E agora** José? A festa acabou/a apagou/o povo sumiu/a noite esfriou/**e agora** José? **E agora** Joaquim? /Está sem mulher/está sem discurso/está sem caminho…" (Carlos Drummond de Andrade)*

"Ondas do mar de Vigo,

Se vistes o meu amigo,

E ai Deus se virá cedo!

Ondas do mar levado,

Se vistes meu amado,

Ai Deus se virá cedo!" (Martim Codax)

- **Pleonasmo –** Repetição de uma ideia já expressa.

Exemplo: *"**Vi**, claramente **visto**, o lume vivo." (Camões)*

"Ó mar salgado, quanto do teu sal

São lágrimas de Portugal!" (Fernando Pessoa)

- **Quiasmo –** Estrutura cruzada de quatro elementos, agrupados dois a dois. Assim, o segundo grupo apresenta os mesmos elementos do primeiro, mas invertendo a ordem (J.M. Castro Pinto).

Exemplo: *"Joana flores **colhia**/Joana **colhia** cuidado." (Bernardim Ribeiro)*

*"**Mais dura**, mais cruel, **mais rigorosa**,*

(…)

***Mais rigoroso**, mais cruel, **mais duro**." (Jerónimo Baía)*

- Antítese – Apresentação de um contraste entre duas ideias ou coisas. Repare-se nesta sequência de antíteses:

Exemplo: *"**Ganhe** um momento o que **perderam** anos/Saiba **morrer** o que **viver** não soube!" (Bocage)*

*"Ali, àquela luz ténue e esbatida, ele exalava a sua **paixão crescente** e escondia o seu **fato decadente**." (Eça de Queirós)*

*"O mito é o **nada** que é **tudo**." (Fernando Pessoa)*

- **Paradoxo –** Um mesmo elemento produz efeitos opostos.

Exemplo: *"Que puderam tornar o **fogo frio**."*

*Que saudade, **gosto amargo**."*

- **Apóstrofe ou Invocação –** Interpelação a alguém ou a alguma coisa personificada.

Exemplo: *"**Ó glória de mandar**, **ó vá cobiça**/Desta vaidade a quem chamamos fama. " (Camões)*

*"Bem puderas, **ó Sol**, da vista destes…" (Camões)*

***Ó mar salgado**, quanto do teu sal*

São lágrimas de Portugal!" (Fernando Pessoa)

- **Comparação –** Consiste na relação de semelhança entre duas ideias ou coisas, através de uma palavra ou expressão comparativa ou de verbos a ela equivalentes (parecer, lembrar, assemelhar-se, sugerir).

Exemplo: *"O génio é **humilde como a natureza**." (M. Torga)*

*"A rua […] **parece um formigueiro agitado**." (Érico Veríssimo)*

*"Eu toco a **solidão como uma pedra**." (Sophia de Mello Breyner Andresen)*

- **Eufemismo –** Dizer de uma forma suave uma ideia ou realidade desagradável.

Exemplo: *"…Só porque lá os velhos **apanham de quando em quando uma folha de couve pelas hortas**, fazem de nós uns Zés do Telhado!" (Aquilino Ribeiro)*

"Tirar Inês ao mundo determina." (Camões)

- **Disfemismo –** Dizer de forma violenta aquilo que poderia ser apresentada de uma forma mais suave.

Exemplo: *"Esticar o pernil."*

*" – Foi. Enfurecendo-se, **estourou**. É dos livros…*

– Se não se tivesse zangado hoje…

*– **Estourava** amanhã. Estava nas últimas… Deixa em paz a criatura. Está começando a esta hora a **apodrecer**, não a perturbemos." (Eça de Queirós)*

- **Enumeração –** Apresentação sucessiva de vários elementos.

Exemplo: *"Deu sinal a trombeta castelhana/**Horrendo**, **fero**, **ingente** e **temeroso**." (Camões)*

- **Gradação –** Disposição dos termos por ordem progressiva no seio de uma enumeração. Pode ser crescente ou decrescente.

Exemplo: *"Duro, seco, estéril monte…" (Camões)*

*"O Chico Avelar é bom moço; mas o pai é **tacanho**, um **bana bóia**…! **Tem medo de tudo**; é um **capacho** debaixo dos pés de certos senhores da cidade. Quanto á fortuna de dona Carolina Amélia, […] bem sabes como aquilo estava: **capitais espalhados**, **rendas em atraso**, **casas a cair**…" (Vitorino Nemésio)*

- Hipálage – Atribuição a um ser ou coisa de uma qualidade ou acção logicamente pertencente a outro ser.

Exemplo: *"As tias faziam meias **sonolentas**." (Eça de Queirós)*

*"Dá-me cá esses **ossos honrados**." (Eça de Queirós)*

- **Personificação –** Atribuição de qualidades ou comportamentos humanos a seres que o não são.

Exemplo: *"Ó mar salgado, quanto do teu sal*

São lágrimas de Portugal." (Fernando Pessoa)

*"Havia na minha rua/Uma árvore **triste**." (Saúl Dias)*

*"Também, **choram** [as ondas] todo o dia, /Também se estão a **queixar**. /Também, á luz das estrelas, / toda a noite a **suspirar**!" (Antero de Quental)*

- **Hipérbole –** Ênfase resultante do exagero.

Exemplo: *"Se aquele **mar foi criado num só dia**, eu era capaz de **o escoar numa só hora."** (Agustina Bessa - Luís)*

*"Ela só viu as **lágrimas** em fio/que duns e doutros olhos derivadas/**se acrescentaram em grande e largo rio**." (Camões)*

- **Ironia –** Figura que sugere o contrário do que se quer dizer.

Exemplo: *"**Senhora de raro aviso e muito apontada em amanho da casa** e ignorante mais que o necessário para ter juízo." (Camilo Castelo Branco)*

*"A Câmara Municipal do Porto, com uma **nobre solicitude** pelo peixe, para quem parece ser uma **extremosa mãe**, e **receando com um carinho assustado**, **que o peixe se constipasse** […] construiu-lhe uma praça fechada." (Eça de Queirós)*

- **Metáfora – Comparação de dois termos, seguida de uma identificação.**

Exemplo: *"A menina Vilaça, A loura, vestida de branco, simples, fresca, com o seu ar de gravura colorida." (Eça de Queirós)*

- **Sinédoque –** Variante de metonímia, pela qual se exprime o todo pela parte ou vice-versa.

Exemplo: *"…a Ocidental **praia** Lusitana." (Camões)*

*"…novo temor da Moura **lança**." (Camões)*

- **Sinestesia –** Fusão de percepções relativas a dados sensoriais de sentidos diferentes.

Exemplo: *"Da luz, do bem, **doce clarão** irreal." (Camilo Pessanha)*

*"…**delicioso aroma** selvagem." (Almeida Garrett)*

*"Tinha um **sorriso amargo**." (Eça de Queirós)*

- **Elipse –** Omissão de uma palavra (um adjectivo, um verbo, etc.) que subentende.

Exemplo: *"**Quero perder-me** neste Pisão, nesta Pereira, neste Desterro." (Vitorino Nemésio)*

*Equivalente a: **Quero perder-me** neste Pisão, [**quero perder-me**] nesta Pereira, [**quero perder-me**] neste Desterro.*

- **Alegoria –** Coisificação de um conceito abstracto: «o polvo» (= a hipocrisia e traição), no Sermão de Santo António (Pe. António Vieira), é uma alegoria.

Exemplo: *"…tão grande sandice é […] desprezar o estado das **virtudes**, e escolher o estado dos **pecados**, como seria se algum quisesse passar algum rio perigoso e tormentoso e achasse **duas barcas**: uma forte e segura e mui bem aparelhada, e em que raramente algum se perde, […] e outra velha, fraca, podre, rota em que todos se perdem, e alguns poucos se salvam". (D.Duarte)*

- **Animismo –** Atribuição de vida a seres inanimados.

Exemplo: *"Plácida, a planície **adormece**, lavrada ainda de restos de calor." (Virgílio Ferreira)*

- **Imagem –** Recurso a aspectos sensoriais para, a partir daí, provocar uma forte evocação afectiva (José M. de Castro Pinto).

Exemplo: *"Para os vales poderosamente cavados, **desciam bandos de arvoredos**, tão copados e redondos, **de um verde tão moço, que eram como um musgo macio onde apetecia cair e rolar**." (Eça de Queirós)*

*"Um **polvo de pânico desdobra-se pelos fios**." (José Gomes Ferreira)*

- **Interrogação –** Questão retórica, isto é, não visa uma resposta, antes procura dar ênfase e criar expectativa.

Exemplo: *"Sou por ele [retrato] possuído? /Ou ele me possui?" (Raul de Carvalho)*

- **Metonímia –** Emprego de um vocábulo por outro, com o qual estabelece uma relação de contiguidade (o continente pelo conteúdo; o lugar pelo produto, o autor pela sua obra, etc.).

Exemplo: ***Tomar um copo** (= um copo de vinho). Beber um **Porto** (= um cálice de vinho do Porto).*

*Ando a **ler Eugénio de Andrade** (= a obra de…)*

*[Os madeireiros] "trabalham nesta praça contra a **clorofila**." (Carlos de Oliveira)*

*"O excomungado não tem queda para as **letras**." (=estudo) (Aquilino Ribeiro)*

- **Perífrase –** Figura que consiste em dizer por muitas palavras o que poderia ser dito em algumas ou alguma.

Exemplo: *"Tenho estado doente. Primeiramente, estômago – e depois, um incómodo, um abcesso **naquele sítio em que se levam os pontapés**…" (Eça de Queirós)*

▪ LITERATURA AFRICANA EM LÍNGUA PORTUGUESA

➢ Origens

A literatura africana de expressão portuguesa nasce da aventura histórica dos Descobrimentos empreendida pelos portugueses no século XV. Dos nomes mais importantes desta **literatura dos Descobrimentos** contam-se os de Gomes Eanes de Zurara, João de Barros, Fernão Mendes Pinto, Camões, etc.

Esta literatura nada tem a ver, porém, com a literatura africana de língua portuguesa, servindo apenas para contextualizar no passado os factos relacionados com o quadro cultural e político que, séculos depois, havia de surgir.

- **Literatura Colonial**

Está associada ao aparecimento de uma actividade cultural regular em África, a partir dos anos 40 do século XIX, motivada pelos seguintes factores: criação e desenvolvimento do ensino oficial; alargamento do ensino particular ou oficializado; liberdade de expressão; instalação do prelo.

Era, no entanto, escassa a literatura produzida nessa época — a população negra das colónias portuguesas quase não lia jornais e muito menos literatura. O primeiro livro impresso em África dá-se apenas quatro anos após a instalação do prelo em Angola: trata-se de *Espontaneidades da minha alma* (1849), da autoria do angolano José Maia Ferreira. Anterior a esta obra, conhece-se o poemeto da cabo-verdiana Antónia Gertrudes Pusich, *Elegia à memória das infelizes victimas assassinadas por Francisco Mattos Lobo, na noite de 25 de Junho de 1844*, publicado em Lisboa no mesmo ano.

Esta literatura era publicada na sua maioria esmagadora por portugueses e os temas ligavam-se à colonização e à sua visão do mundo — o foco narrativo e as personagens principais eram de brancos, colonos ou viajantes, e, quando, integrava os negros, estes eram avaliados superficialmente e como inferiores.

É na década de 20 e 30 do século XX que se encontra o ponto maior desta literatura. Há um naipe de escritores incapazes de apreender o homem africano no seu contexto real e na sua complexidade[26], dos quais se destaca, no entanto, pela sua qualidade de escrita e esforço de análise e intenção humanística, João de Lemos, na obra *Almas Negras* (1937).

- **Literatura Africana de Expressão Portuguesa**

Esta fase, de meados da década de 40 até às independências (meados da década de 70), deriva do colonialismo, em relação ao qual se opõe.

Corresponde à época do despertar da consciência revolucionária. A literatura, na perspectiva dos seus autores, é sempre política, ou remete sempre para esta, ainda que não explicitamente. Tem como características o regionalismo, afirma o combate no terreno da pátria a construir-se, o texto bi ou trilingue, procurando dificultar a leitura dos não-africanos. Contam-se, entre os melhores textos produzidos neste contexto, os de Mutimati Barnabé João, Corsino Fortes, João Maria Vilanova, Luandino Vieira, Agostinho Neto, etc. Destes dois últimos, são, respectivamente, as obras *A Vida Verdadeira de Domingos Xavier e Sagrada Esperança*, textos onde estão presentes marcas visíveis da revolta política.

- **Desenvolvimento da Poesia Africana**

No seu conjunto, a evolução da moderna poesia africana de escrita portuguesa e crioula comporta três fases essenciais:

1ª fase – *Negritude* – movimento de afirmação da identidade e da defesa do património cultural, valores e
espírito de civilização negro-africanos. Aparece pela primeira vez escrito por Aimé Césaire no livro de poemas *Cahiers d'un retour au pays natal* (1938).

É o são-tomense Francisco José Tenreiro quem, com a obra *A Ilha de Nome Santo*, marca o ponto de partida da negritude em língua portuguesa. O poeta procura ligar, primordialmente, a sua condição de homem insular ao mundo dos oprimidos e revaloriza o património cultural negro-africano.

2ª fase – *particularização* – suscitada pelo alargamento e ultrapassagem da negritude. Nesta fase, os poemas precisam os contornos nacionais e incidem mais profundamente no real social. A criação literária vai ajudando a desenvolver a consciência nacional, quando dá conta das mudanças no interior da sociedade colonizada, esboçando a estrutura dos movimentos políticos.

[26] Muitas dessas obras, com efeito, versavam temas superficiais. O *exotismo* era um deles, que consistia na exaltação da paisagem, da mulher tropical de seios desnudados, etc.

3ª fase – *via armada* – quando os povos de Angola, da Guiné e de Moçambique retomam a iniciativa histórica que modela o devir nacional.

- **O Movimento da Negritude**

A Negritude tem a sua origem nos movimentos culturais protagonizados por negros, brancos e mestiços que, desde as décadas de 10, 20 e 30 vinham lutando por um Renascimento Negro (busca e revalorização das raízes culturais africanas, crioulas e populares) principalmente em três países das Américas: Haiti, Cuba e Estados Unidos da América, mas também um pouco por todo o lado.

A ideia de Renascimento, Indigenismo e Negrismo surge como consequência das Luzes e do Romantismo que levaram à abolição da escravatura e finalmente à possibilidade de, após a Revolução Francesa, os povos supostamente poderem assumir a Liberdade e a Igualdade.

Os três conceitos e tipos de movimento político, cultural e literário (Renascimento, Indigenismo e Negrismo) implicam uma ideia comum de reconhecimento e revalorização do passado próprio de cada povo. De fora fica o branco por ser considerado exactamente o causador da repressão também cultural que se abate sobre os outros dois (negros e mestiços) sem excluir a participação daqueles brancos que assumem como suas, mais nuns casos do que outros, por mais ou menos tempo, as culturas deles.

O termo «Negritude» aparece pela primeira vez escrito por Aimé Césaire em 1938 no seu livro de poemas *Cahiers d'un Retour au pays Natal*. O termo «Negritude» está intimamente associado ao trabalho reivindicativo do grupo de estudantes africanos, organizados em Paris, nos princípios da década de 30, de que se destacam como principais responsáveis e dinamizadores os mais que citados, e então jovens de entre 19 e os 23 anos de idade, Léopold Sédar Senghor (1906), senegalês, Aimé Césaire (1913), martinicano, e Léon Damas (1912), ganês. Estes autores da Negritude legaram-nos uma obra literária da máxima importância, mas foi Senghor que, com a presidência do seu país (Senegal) e uma larga aceitação ocidental (política, literária e académica) contribuiu decisivamente para a divulgação da Negritude.

É a Senghor que são atribuídas as primeiras tentativas de definição do conceito «Negritude»: «O património cultural, os valores e sobretudo o espírito de civilização negro-africana» ou, como variante: «O conjunto dos valores culturais do mundo negro».

Social e ideologicamente, a Negritude constitui-se como o processo de busca de identidade, de conduta desalienatória e de defesa do património e do humanismo dos povos negros. Recusou a assimilação a modelos externos à história negro-africana, embora consciente dos contributos aculturativos, sobretudo nas cidades. A Negritude pretendia a criação de um estilo próprio, no desejo de se demarcar dos modelos e motivos históricos das literaturas ocidentais.

Nega-se, dessa forma, não o valor das culturas europeias (ou quaisquer outros), mas a sua dominação sobre as culturas africanas, pelo poder imperial e colonial.

- **Temas presentes nos textos da Negritude**

A África, o negro (a raça, a cor negra) e a Mãe-Negra (Mãe-África ou Mãe-Terra) ocupam nos textos um lugar de destaque. É uma representação humanística e humana de povos até então destituídos de história, cultura e mesmo sentimentos (na literatura colonial). Valorizam-se os **modos de vida ancestrais, como o culto dos antepassados, o animismo, as relações sociais e familiares no mundo rural e natural,** etc. E aclamam-se os **triunfadores e mestres negros da diáspora, bem como do continente africano**: Louis Armstrong (músico de jazz norte-americano), Chaka (chefe guerreiro zulu), Toussaint Louverture (revolucionário haitiano oitocentista), etc.

- **O surgimento da Negritude no espaço africano de língua**

Só surge a afirmação poética do "ser negro" na língua portuguesa pela publicação, em 1942, de *Ilha de Nome Santo*, por Francisco José Tenreiro.

Em 1950, nasce em Luanda o Movimento dos Novos Intelectuais de Angola, que no ano seguinte publica a revista *Mensagem* (da qual se publicaram dois números).

Depois, 1953 é a data de publicação e, Lisboa do *Primeiro Caderno de Poesia Negra de Expansão Portuguesa*, organizado por Francisco José Tenreiro e Mário de Andrade – que no ano anterior haviam fundado, com Agostinho Neto e Amílcar Cabral, o Centro de Estudos Africanos.

COMPREENSÃO e ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

1. Depois de teres lido atentamente o texto sobre a Literatura Africana:
- sublinha as ideias principais do texto;
- elabora um esquema síntese;
- faz um resumo sobre o mesmo texto.

- **COMENTÁRIO DE TEXTO**

- Como fazer uma análise/comentário de texto?

	A análise
1. DETERMINAÇÃO DO TEMA **Leitura**	**1.1.** Leitura lúdica, de contacto com o texto, destinada a fornecer uma impressão geral. **1.2.** Releitura para a compreensão do texto (tantas vezes quanto for necessário). **1.3.** Consulta de um bom dicionário, para o esclarecimento de vocabulário. **1.4.** Determinação do assunto (resumo das ideias principais do texto). **1.5.** Determinação do tema (o tema encontra-se, libertando o assunto de todos os pormenores, reduzindo ao mínimo os seus elementos).
2. DESENVOLVIMENTO DO TEMA **Estrutura do texto**	**2.1.** Explicitação das partes do texto (o texto é um todo constituído por várias partes, como o corpo humano, por exemplo). **2.2.** Explicitação da forma como o tema é tratado em cada uma das partes. **2.3.** Explicitação da articulação entre cada uma das partes (ex. relação de oposição, de consequência, de causa, etc.).
3. REALIZAÇÃO DO TEMA **Recursos expressivos e seu significado**	**3.1.** A nível fónico: metro, rima, ritmo, sonoridades dominantes, onomatopeias, etc. **3.2.** A nível morfossintáctico: classe de palavras, tipos de frase, articulação entre frases, figuras de estilo (anáfora, hipérbato, etc.). **3.3.** A nível semântico: conotações, figuras de estilo (ex. antítese, ironia, hipérbole, eufemismo, apóstrofe, personificação, gradação, comparação, metáfora, etc.)
	A síntese
4. REDACÇÃO DO COMENTÁRIO	A síntese é a parte principal do trabalho. Consiste na redacção de um texto onde se apresentará a interpretação pessoal e todos os elementos identificados na fase da análise.

Conselhos Práticos
• Na análise textual, o texto deve estar sempre presente como base de trabalho, como ponto de partida e como exemplificação. • As citações devem estar devidamente articuladas e correctamente assinaladas por aspas ou por um tipo de letra diferente. De nada vale citar só por citar. • Evitar cair no erro frequente da paráfrase do texto, que pouco mais é do que a cópia do mesmo. • Interpretar quaisquer levantamentos com base nas perguntas "como?" e "porquê?" e estabelecer as suas relações com o tema. • Evitar trazer para a análise dados extrínsecos ao texto, como, por exemplo, dados biográficos, bibliográficos, históricos, culturais. Naturalmente, devemos informarmo-nos acerca do autor, da corrente literária em que se filia, da sua obra, do momento histórico e cultural em que viveu. Todavia, estes dados, que podem ajudar à compreensão do texto, não devem entrar directamente no trabalho de análise, poderão ser apresentados no final, sempre que venham a propósito, mas como hipóteses que abram perspectivas para a melhor compreensão do texto. • Organizar as ideias segundo uma ordem lógica, para que todas as partes do trabalho estejam bem articuladas. • Redigir com clareza e precisão, evitando ambiguidades, esgotando cada aspecto antes de passar ao seguinte. • Conferir um cunho pessoal ao estilo de redacção.

- **SÃO TOMÉ - FRANCISCO JOSÉ TENREIRO, CAETANO COSTA ALEGRE, ALDA ESPÍRITO SANTO E MARCELO DA VEIGA**

Francisco José Tenreiro

Nota biográfica – Poeta são-tomense, Francisco José Tenreiro nasceu em 1921, em São Tomé e Príncipe, e faleceu em 1963, numa altura em que se intensificava a Guerra Colonial. Geógrafo por formação, usou a poesia para exprimir a nova África, já não a dos postais ilustrados e dos povos, plantas e animais exóticos, mas a de um novo tempo, marcado pela fusão de culturas nativas. Veio para Lisboa ainda bastante novo, numa altura em que nos Estados Unidos e na França se ouviam as novas vozes dos intelectuais negros a reclamarem os direitos e a proclamarem a identidade dos povos africanos.

Coração em África

Caminhos trilhados na Europa
de coração em África.
Saudades longas de palmeiras vermelhas verdes amarelas
tons fortes da paleta cubista
que o sol sensual pintou na paisagem;
saudade sentida de coração em África

ao atravessar estes campos do trigo sem bocas
das ruas sem alegria com casas cariadas
pela metralha míope da Europa e da América
da Europa trilhada por mim negro de coração em África.
De coração em África na simples leitura dominical
dos períodos cantando na voz ainda escaldante da tinta
e com as dedadas de miséria dos ardinas das cities boulevards e baixa da Europa
trilhada por mim Negro e por ti ardina
cantando dizia eu em sua voz de letras as melancolias do orçamento que não equilibra
do Benfica venceu Sporting ou não
ou antes ou talvez seja que desta vez vai haver guerra

para que nasçam flores roxas de paz
com fitas de veludo e caixões de pinho;
oh as longas páginas do jornal do mundo
são folhas enegrecidas de macabro blue
com mourarias de facas e guernicas de toureiros.
Em três linhas (sentidas saudades de África) –
Mac Gee cidadão da América e da democracia
Mac Gee cidadão Negro e da negritude
Mac Gee cidadão Negro da América e do Mundo Negro
Mac Gee fulminado pelo coração endurecido feito cadeira eléctrica
(do cadáver queimado de Mac Gee do seu coração em África e sempre vivo
floriram flores vermelhas flores vermelhas flores vermelhas
e também azuis e também verdes e também amarelas
na gama policroma da verdade do Negro
na inocência de Mac Gee) – ;
três linhas no jornal como falso cartão de pêsames.
Caminhos trilhados na Europa
de coração em África.
De coração em África com o grito seiva bruta dos poemas de Guillén
de coração em África com a impetuosidade viril de I too am America
de coração em África com as árvores renascidas em todas estações nos belos poemas de Diop
de coração em África nos rios antigos que o Negro conheceu e no mistério do Chaka-Senghor
de coração em África contigo amigo Joaquim quando em versos incendiários
cantaste a África distante do Congo da minha saudade do Congo de coração em África
de Coração em África ao meio-dia do dia de coração em África
com o Sol sentado nas delícias do zénite
reduzindo a pontos as sombras dos Negros.
Amodorrando no próprio calor da reverberação os mosquitos da nocturna picadela.
De coração em África em noites de vigília escutando o olho mágico do rádio
e a rouquidão sentimento das inarmonias de Armstrong.
De coração em África em todas as poesias gregárias ou escolares que zombam
e zumbem sob as folhas de couve da indiferença
mas que têm a beleza das rodas de crianças com papagaios garridos
e jogos de galinha branca vai até França
que cantam as volutas dos seios e das coxas das negras e mulatas
de olhos rubros como carvões verdes acesos.
De coração em África trilho estas ruas nevoentas da cidade
de África no coração e um ritmo de be bop be nos lábios
enquanto que à minha volta sussurra olha o preto (que bom) olha um negro (óptimo) olha um mulato
(tanto faz) olha um moreno (ridículo)
e procuro no horizonte cerrado da beira-mar
cheiro de maresias distantes e areias distantes
com silhuetas de coqueiros conversando baixinho à brisa da tarde
De coração em África na mão deste Negro enrodilhado e sujo de beira-cais
vendendo cautelas com a incisão do caminho da cubata perdida na carapinha alvinitente;
de coração em África com as mãos e os pés trambolhos disformes
e deformados como os quadros de Portinari dos estivadores do mar
e dos meninos ranhosos viciados pelas olheiras fundas das fomes de Pomar
vou cogitando na pretidão do mundo que ultrapassa a própria cor da pele
dos homens brancos amarelos negros ou às riscas
e o coração entristece à beira-mar da Europa

da Europa por mim trilhada de coração em África;
e chora fino na arritmia de um relógio cuja corda vai estalar
soluça a indignação que fez os homens escravos dos homens
mulheres escravas de homens crianças escravas de homens negros escravos dos homens
e também aqueles que ninguém fala e eu Negro não esqueço
como os pueblos e os xavantes os esquimós os ainus eu sei lá
que são tantos e todos escravos entre si.
Chora coração meu estala coração meu enternece-te meu coração
de uma só vez (oh órgão feminino do homem)
de uma só vez para que possa pensar contigo em África
na esperança de que para o ano vem a monção torrencial
que alagará os campos ressequidos pela amargura da
metralha e adubados pela cal dos ossos de Taszlitzki
na esperança de que o Sol há-de prenhar as espigas de Trigo para os meninos viciados
e levará milho às cabanas destelhadas do último rincão da Terra
distribuíra o pão o vinho e o azeite pelos alísios;
na esperança de que às entranhas hiantes de um menino antípoda
haja sempre uma túlipa de leite ou uma vaca de queijo que lhe mitigue a sede da existência.
Deixa-me coração louco
Deixa-me acreditar no grito de esperança lançado pela paleta viva de Rivera
E pelos oceanos de ciclones frescos das odes de Neruda;
deixa-me acreditar que do desespero másculo de Picasso sairão pombas
que como nuvens voarão os céus do mundo de coração em África.

Francisco José Tenreiro

COMPREENSÃO

1. Explica, por palavras tuas, o título do texto. Justifica a tua resposta com base no texto.
2. Identifica o tema do texto.
3. Caracteriza o estado de espírito do sujeito poético.
4. Identifica o motivo pelo qual o sujeito poético sente necessidade de evocar a sua terra natal.
5. O sujeito poético sente saudades de quê? Justifica a tua resposta.
6. Neste texto há uma voz colectiva.
  6.1. Explica a afirmação, justificando a tua resposta com exemplos do texto.
7. Explica o discurso de 1ª pessoa no texto.
8. Qual a simbologia da pomba? Justifica a tua resposta.
9. Este poema insere-se na primeira fase da poesia africana? Justifica a tua resposta.
10. Explica, por palavras tuas, os versos 1 e 2, relacionando-os com o título do poema.
11. Explica o uso da maiúscula em Negro (v. 14).
12. Explica a repetição de "flores vermelhas".
13. A partir do v. 70, o poeta medita sobre um tema comum a muitos homens e mulheres ao longo da História da Humanidade.
  13.1. Indica-o.
14. Em que consiste o desabafo e apelo do sujeito poético a partir do v. 76?

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Faz a análise sintáctica da seguinte frase: «O meu coração está em África».
  1.1. Classifica morfologicamente as palavras sublinhadas.
2. Retira do texto uma anáfora e explica a sua utilização.
3. «Todo o nada que és é teu»
  3.1. Redige uma frase em que o vocábulo « nada» pertença a uma classe gramatical diferente.
  3.2. Que nome dás ao processo de formação de palavras que consiste na mudança de classe da palavra com a consequente alteração do seu valor semântico?
  3.3. Integra em novas frases as palavras sublinhadas a seguir, alterando-lhes a sua classe gramatical: «E sentes só o que sentes»; «Vejo a criança a brincar na praia»; «Eu sinto-me bem».

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

1. Tendo por base a simbologia da pomba. Elabora um poema em «P».
2. Comenta a seguinte frase: « A poesia da Negritude distingue-se da restante literatura africana de Língua Portuguesa pelo obsessivo tratamento da raça e da cor negras.»
3. A Negritude é considerada como sendo o «Renascimento Negro». Concordas com esta afirmação? Justifica a tua resposta.

Ilha de Nome Santo

Terra!
das plantações de cacau e copra de
café de coco a perderem-se de vista
que vão morrer numa quebra ritmada
num mar azul como o céu mais gostoso
de todo o mundo!

Onde o sol bem amarelo bem redondo incendeia as
[costas
dos homens das mulheres agitando-lhes os nervos
num cadenciar mágico mas humano:
capinar sonhar plantar!

Onde as mulheres que têm os braços
mais grossos e mais tortos que ocá
são negras como o café que colhem depois de
[torrado
trabalham ao lado de seu homem numa
ajuda toda de músculos!
onde os moleques vêem seus pais no ritmo diário
deixando correr gostosamente pelo queixo quente
o sabor e a seiva húmida do safú maduro!

Onde as noites estreladas
e uma lua redonda como um fruto
os negros as sangués os moleques os caçô
- mesmo o branco e a sua mulata –
vêm no socopé de uma sinhá
ouvir um malandro tocando no violão
cantando ao violão!
E o som fica ecoando pelo mar...

Onde apesar da pólvora que o branco
trouxe num navio escuro
onde apesar da espada e duma bandeira multicolor
dizerem poder dizerem força dizerem império de
[branco
é terra de branco
é terra de homens cantando vida que os brancos
jamais souberam
é terra do safu do socopé da mulata
- ui! Fetiche di branco! –
é terra do negro leal forte e valente que nenhum
[outro!

Francisco José Tenreiro

COMPREENSÃO

1. Indica o tema e o assunto do texto.
2. Explica, por palavras tuas, o título do texto.
3. Apresenta a caracterização das mulheres mencionadas no texto.
4. Identifica todas as «riquezas» presentes no texto.
5. Explica o sentido da segunda estrofe.
6. Em que fase da Poesia Africana inseres este texto? Justifica a tua resposta.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Faz a análise sintáctica da frase: «**O <u>som</u> <u>fica</u> ecoando <u>pelo</u> mar**».
1.1. Classifica, morfologicamente, as palavras sublinhadas.

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

1. Num texto expositivo-argumentativo, comenta a seguinte frase**: «A Negritude é o conjunto dos valores culturais do mundo negro».**

Nestas noites de vendaval

Nestas noites de vendaval na Europa
Count Basie toca para mim
E ritmos negros da América
encharcam meu coração;

- ah! ritmos negros da América
Encharcam meu coração!

E se ainda fico triste
Langston Hughes e Countee Cullen
Vêm até mim
Cantando o poema do novo dia
-ai! os negros não morrem
nem nunca morrerão!

… logo com eles quero cantar
logo com eles quero lutar
-ai os negros não morrem
nem nunca morrerão!....

Francisco José Tenreiro

COMPREENSÃO

- Depois de teres lido o texto, responde às questões que se seguem:

1. Justifica o título do poema.
2. Caracteriza o estado de espírito do sujeito poético.
3. Explica o sentido do verbo «cantar» no poema.
4. Identifica a importância da noite e do dia ao longo do poema.
5. Classifica morfologicamente «ai, ah».
5.1. Explica o seu valor.
6. Identifica a figura de estilo presente em « logo com eles» « logo com eles».
6.1. Explicita o seu valor expressivo.

Negro

Negro
para quem as horas são sol e febre
que colhes
nesse ritmo de guindaste.

Negro
para quem os dias são iguais
que respeitas teu patrão e senhor
como água que mexe o engenho.

Negro!
Levanta os olhos prao sol rijo
e ama tua mulher
na terra húmida e quente!

Francisco José Tenreiro

COMPREENSÃO

Lê atentamente o texto e responde ao questionário que se segue:

1. Este poema é dirigido a alguém em particular?
1.1. Justifica a tua resposta.
1.2. Poderemos falar num sujeito colectivo? Explicita o teu ponto de vista.
1.3. Caracteriza-o.
2. Qual é o conselho que é dado ao Negro?
2.1. Justifica-o.
3. Faz o levantamento dos recursos expressivos presentes no texto.
4. Identifica o tempo verbal dominante no poema.
4.1. Com que sentido é utilizado?

Caetano Costa Alegre

Nota biográfica - Poeta nascido em 1864, em São Tomé, e falecido em 1890, em Alcobaça. A sua poesia tornou-se conhecida ao ser publicada no *Almanach de Lembranças Luso-Brasileiro* (1893) e na *História Ethnographica da Ilha de S. Tomé*. O seu único livro, *Versos* (1916), foi publicado após a sua morte. Nele são reunidos uma centena de poemas e um texto em prosa.

A NEGRA

Negra gentil, carvão mimoso e lindo
Donde o diamante sai,
Filha do sol, estrela requeimada,
Pelo calor do Pai,

Encosta o rosto, cândido e formoso,
Aqui no peito meu,
Dorme, donzela, rola abandonada,
Porque te velo eu.

Não chores mais, criança, enxuga o pranto,
Sorri-te para mim,
Deixa-me ver as pérolas brilhantes,
Os dentes de marfim.

No teu divino seio existe oculta
Mal sabes quanta luz,
Que absorve a tua escurecida pele,
Que tanto me seduz.

Eu gosto de te ver a negra e meiga
E acetinada cor,
Porque me lembro, ó Pomba, que és queimada
Pelas chamas do amor;

Que outrora foste neve e amaste um lírio,
Pálida flor do vale,
Fugiu-te o lírio: um triste amor queimou-te
O seio virginal.

Não chores mais, criança, a quem eu amo,
Ó lindo querubim,
O amor é como a rosa, porque vive
No campo, ou no jardim.

Tu tens o meu amor ardente, e basta
Para seres feliz;
Ama a violeta que a violeta adora-te
Esquece a flor-de-lis.

Caetano Costa Alegre

COMPREENSÃO

- Depois de teres lido o texto, responde correctamente às seguintes questões:

1. Elabora a caracterização física da «Negra».
2. Identifica os sentimentos que o sujeito poético nutre por esta mulher.
3. Retira do texto as «ordens» dadas pelo sujeito poético.
4. Quais são as recordações que esta mulher traz ao sujeito poético?
4.1. Com que objectivo? Justifica a tua resposta.
5. Identifica no texto uma comparação, uma metáfora, uma apóstrofe e uma personificação.

CANTARES SANTOMENSES
(A meu tio Jerônimo José da Costa)

Branca a espuma e negra a rocha,
Qual mais constante há-de ser,
A espuma indo e voltando,
A rocha sem se mexer?

Não creias que em teu jazigo
Alguém parta o coração,
No mundo quem morre, morre,
Quem cá fica come pão.

Não me dizem quanto tempo
Tenho ainda que viver,
Ficava ao menos sabendo
Quando finda o meu sofrer.

Se eu me casasse contigo,
Fazia um voto de ferro,
De deixar-te unicamente
No dia do meu enterro.

Todos me dizem: "esquece
Essa paixão, que te abrasa".
Que serve fechar a porta
Ao fogo que tenho em casa?

Não havia tanta cara
De asno, de tolo e pedante,
Se falasse, quem censura,
Com um espelho adiante.

Brotam espinhos da rosa,
O incêndio brota do lume.
A traição brota das juras,
Brota do amor o ciúme.

Numa loja conhecida
O que é cem custa duzentos,
Levam dinheiro em fazendas
E o tempo nos cumprimentos.

Macaco, chamaste tolo
Ao meu pequeno sagüi.
Também queria que ouvisses
O que ele disse de ti.

Por teu desdém não me mato,
Não faço tamanha asneira,
Se o meu amor tu não queres,
Há muita gente que o queira.

Quem pode num campo vasto
O joio apartar dos trigos?
Quem conhece dentre os falsos
Os verdadeiros amigos?

Caetano Costa Alegre

COMPREENSÃO

1. Elabora o comentário deste poema, tendo em conta os seguintes aspectos:
- tema;

- assunto;
- estado de espírito do sujeito poético;
- recursos estilísticos;
- a importância do Amor.

Alda Espírito Santo

Nota biográfica: Alda Espírito Santo, também conhecida por Alda Graça, nasceu em São Tomé em 1926 e teve a sua educação em Portugal. Ainda frequentou a Universidade, mas teve que abandonar, em parte devido às suas actividades políticas, mas também por motivos económicos. Sendo uma das mais conhecidas poetisas africanas de língua portuguesa, ocupou alguns cargos de relevo nos governos de São Tomé e Príncipe, nomeadamente foi Ministra da Educação e Cultura, Ministra da Informação e Cultura e Deputada.

Onde estão os homens caçados neste vento de loucura

O sangue caindo em gotas na terra
homens morrendo no mato
e o sangue caindo, caindo...
Fernão Dias para sempre na história
da Ilha Verde, rubra de sangue,
dos homens tombados
na arena imensa do cais.
Ai o cais, o sangue, os homens,
os grilhões, os golpes das pancadas
a soarem, a soarem, a soarem
caindo no silêncio das vidas tombadas
dos gritos, dos uivos de dor
dos homens que não são homens,
na mão dos verdugos sem nome.
Zé Mulato, na história do cais
baleando homens no silêncio
do tombar dos corpos.
Ai, Zé Mulato, Zé Mulato.
As vítimas clamam vingança
O mar, o mar de Fernão Dias
engolindo vidas humanas
está rubro de sangue.
- Nós estamos de pé -
nossos olhos se viram para ti.
Nossas vidas enterradas
nos campos da morte,
os homens do cinco de Fevereiro
os homens caídos na estufa da morte
clamando piedade
gritando pela vida,
mortos sem ar e sem água
levantam-se todos
da vala comum
e de pé no coro de justiça
clamam vingança...
... Os corpos tombados no mato,
as casas, as casas dos homens
destruídas na voragem
do fogo incendiário,
as vias queimadas,
erguem o coro insólito de justiça
clamando vingança.
E vós todos carrascos
e vós todos algozes
sentados nos bancos dos réus:
- Que fizeste do meu povo?...
- Que respondeis?
- Onde está o meu povo?
...E eu respondo no silêncio
das vozes erguidas
clamando justiça...
Um a um, todos em fila...
Para vós, carrascos,
o perdão não tem nome.
A justiça vai soar,
E o sangue das vidas caídas
nos matos da morte
ensopando a terra
num silêncio de arrepios
vai fecundar a terra,
clamando justiça.
É a chamada da humanidade
cantando a esperança
num mundo sem peias
onde a liberdade
é a pátria dos homens...

Alda Espírito Santo

COMPREENSÃO

1. Justifica o título do texto.
2. Identifica o espaço físico descrito no poema.
  2.1. Descreve-o.
  2.2. Relaciona-o com uma época histórica.
3. Neste poema o mar aparece como sendo um monstro? Justifica a tua resposta.
4. Justifica as questões retóricas presentes no texto.
  4.1. Quais as respostas às mesmas.
5. Que valores são defendidos ao longo do poema?
  5.1. Com que objectivo?

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

« O Homem é um ser livre, mas em toda a parte se encontra algemado com algemas de ar»
1. Num texto bem estruturado, dá a tua opinião sobre a importância da Liberdade (artigo de opinião).

Requiem para Amílcar Cabral

Chora terra bem amada
O teu filho bem amado
Morto fisicamente
Por balas assassinas
Guevara de África
Te baptizaram
Dias antes
Da cilada trágica
Na história da terra africana
Teu nome ímpar
Apontará aos filhos
do país natal
a dignidade da tua vida
Cimentada com teu sangue
Cimentando com
o sacrifício da existência inteira
a esperança do futuro
Duma terra sem madrasta
As páginas do porvir
Contarão ao mundo
a força da tua personalidade dinâmica
ao serviço da tua inteligência
Canalizada
Para os arrozais
da parcela
do golfo enquistado
onde mãe Iva
A terra de África inteira
De pé
A teu lado
Saúda a figura gigante
do Grande Líder
Da África Ocidental
Terra bem amada
O sangue do herói
Será transfusão
Nos anais da tua história

Alda Espírito Santo

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

1. Procede à leitura do texto.
2. Faz o levantamento, nos poemas:
  2.1. dos temas;
  2.2. do vocabulário recorrente;
  2.3. das referências culturais;
  2.4. das alusões espaciais;
  2.5. dos recursos expressivos;
  2.6. do ritmo.
3. Elabora o comentário do mesmo texto.

Marcelo da Veiga

Nota biográfica – Marcelo da Veiga (1892-1976), natural da Ilha do Príncipe, teve uma vida longa, durante a qual pôde modificar as suas perspectivas em conformidade com as transformações de ordem sociopolítica que testemunhou. Ao longo dos anos, Veiga, proprietário na Ilha do Príncipe, perspectiva cada vez mais os agravos económicos e sociais perpetuados pelo sistema colonial. A originalidade dos seus poemas surge da procura de uma linguagem adequada para expressar os sentimentos de cólera e protesto.

África é nossa

África não é terra de ninguém,
De qualquer que nem sabe de onde vem;
Terra refúgio e abrigo
Da Virgem e o Menino
Na hora dura do p'rigo.
Não é este é outro o seu destino,
Destino esplendor do sol que brilha
Não este de despromoção que humilha…
Qualquer parcela de África tem povo,
Tem o seu povo, qualquer outro novo
Não é para mandar, falar co'entono,
Mas p'ra a ajudar, agenciando a vida;
Porque o seu povo é que é o seu dono!
Esta África que os bandos lusos deram
Um dia à Europa; jóia que trouxeram
D'essa vagabundagem inaudita
Que uma alta lira p'lo Orbe espalha e grita;
Esta África-Ófir de todo o arg'nauta;
Febre do que anseia uma mesa lauta
E, mal acosta e a praia lhe alcança,
Vida lhe muda em luto e desesp'rança
Em vez de em doce bênção que remoça,
Esta África é nossa! é nossa! é nossa!
Temo-la em nós esp'rança, sonho, ânsia,
A chamar como um clarim à distância;
A murmurar-nos em voz meiga e sã:
«- Filhos! a pé! A pé! que é já manhã!»
Esta África em que quem quer dá co'o pé,
Esta negra África escarumba, olé!
Não a q'remos mais sob jugo de alguém,
Ela é nossa mãe!

Marcelo da Veiga

O Batuque

I

Nestas noites assim de tanto frio,
Noites de nostalgia,
Noites de medo e azar
Em que o vento p'la serra uiva sombrio,
A minha alma repleta de agonia
Voa aflita p'ra o meu distante lar
Noites da minha terra!...
Ébrias de encanto e de perfume que erra...
Noites faulhando lume qual se os astros
Descessem e na terra então, de rastros,
Reluzissem!
……

V

O ululo e a grita desta forte dansa,
A tribo toda empunhando a lança,
O ouvido afiado e atento a hora aguardava

P'ra, como a água que rola duma serra
Rebramindo, cair em som de guerra
Sobre a vizinha tribo forte e brava,
No firmamento estrelas aos milhões,
As pálpebras de fogo cintilando
Alinham-se em cerrados batalhões…
Véspera de luta! Que o astro os céus roxando
Dia em púrpura anuncia e logo em vulcões,
As lanças faiscando luz guerreiros
Membrudos de cor negra dos limoeiros,
P'los vales rolarão brutais, cantando.
A floresta reboa! Apavoradas
Fogem das lapas feras despertadas.
O fogo, em estalidos sobe a medra
E ao fechar da noite é só cinza e pedra
A tribo inimiga. Eis então ruge
O batuque e, em delírio e febre estruge
Como a água em negro e torvo sorvedouro,
A aclamação ao chefe vencedor.
Ai noites da minha terra,
Ébrias de encanto e de perfume que erra!

Marcelo da Veiga

COMPREENSÃO

1. Analisa o seguinte texto, tendo em conta:
- **i.** O tema e o assunto;
- **ii.** O estado psicológico do sujeito poético;
- **iii.** O contexto histórico e social;
- **iv.** A riqueza da linguagem e os recursos estilísticos utilizados, justificando com expressões retiradas do texto.

- **ANGOLA– AGOSTINHO NETO E LUANDINO VIEIRA**

Agostinho Neto

Nota biográfica - Nasceu em Catete, Angola, em 1922, faleceu em 1979. Estudos primários e secundários em Angola, licenciado em Medicina pela Universidade de Lisboa. Em Portugal, sempre esteve ligado à actividade política, onde com Lúcio Lara e Orlando de Albuquerque fundou a revista Momento, em 1950. Como aconteceu a outros escritores africanos foi preso e desterrado para Cabo Verde, tendo mais tarde conseguido a fuga para o continente. Presidente do MPLA, foi o primeiro presidente de Angola.

Voz do sangue

Palpitam-me
os sons do batuque
e os ritmos melancólicos do blue

Ó negro esfarrapado do Harlem
ó dançarino de Chicago
ó negro servidor do South

Ó negro de África

negros de todo o mundo

eu junto ao vosso canto
a minha pobre voz
os meus humildes ritmos.

Eu vos acompanho
pelas emaranhadas áfricas
do nosso Rumo

Eu vos sinto
negros de todo o mundo
eu vivo a vossa Dor
meus irmãos.

Agostinho Neto

COMPREENSÃO

- Responde às seguintes questões de forma clara e correcta.

1. Indica o tema e o assunto do poema.
2. Explica a (aparente) contradição nos vv 2 e 3.
3. A quem se dirige o sujeito poético?
  3.1. Justifica com um verso do poema.
  3.2. Refere o motivo do uso das interjeições nas estrofes 2 e 3.
4. Explica a segunda estrofe.
5. Indica o contributo dado pelo sujeito poético.
  5.1. Explica a sua importância.
6. Relaciona o conteúdo do poema com o movimento da Negritude.
7. Analisa o poema em termos formais.

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Escolhe o sinónimo mais adequado, de acordo com o contexto.
  1.1. palpitar (v. 1)
a) pressentir; **b)** percorrer; **c)** comover-se.
  1.2. melancólico (v. 3)
a) desiludido; **b)** abatido; **c)** indignado.
  1.3. esfarrapado (v. 4)
a) esfarfalhado; **b)** desordenado; **c)** maltrapilho.
  1.4. servidor (v. 6)
a) criado; **b)** bajulador; **c)** empregado.
  1.5. dor (v. 17)
a) mágoa; **b)** indolência; **c)** tristeza.

2. Escolhe o antónimo mais adequado, de acordo com o contexto.
  2.1. juntar (v. 9)
a) aproximar; **b)** afastar; **c)** ausentar.
  2.2. humildes (v.11)
a) pretensiosos; **b)** vaidosos; **c)** simples.
  2.3. emaranhados (v. 13)
a) complicadas; **b)** verdadeiras; **c)** simples.
  2.4. sentir (v. 15)
a) lamentar;
b) reconhecer;
c) ignorar.

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

1. Põe à prova a tua imaginação e criatividade e elabora um texto poético onde as palavras que se seguem estejam presentes: África; Negro; Mar; Lua; Céu; Sol; Verde; Amarelo; vermelho.

Quitandeira

A quitanda.
Muito sol
e a quitandeira à sombra
da mulemba.

- Laranja, minha senhora,
laranjinha boa!

A luz brinca na cidade
o seu quente jogo
de claros e escuros
e a vida brinca
em corações aflitos
o jogo da cabra-cega.

A quitandeira
que vende fruta
vende-se.

- Minha senhora
laranja, laranjinha boa!

Compra laranja doces
compra-me também o amargo
desta tortura
da vida sem vida.

Compra-me a infância do espírito
este botão de rosa
que não abriu
princípio impelido ainda para um início.

Laranja, minha senhora!

Esgotaram-se os sorrisos
com que chorava
eu já não choro.

E aí vão as minhas esperanças
como foi o sangue dos meus filhos
amassado no pó das estradas
enterrado nas roças
e o meu suor
embebido nos fios de algodão
que me cobrem.

Como o esforço foi oferecido
à segurança das máquinas
à beleza das ruas asfaltadas
de prédios de vários andares
à comodidade de senhores ricos
à alegria dispersa por cidades
e eu
me fui confundindo
com os próprios problemas da existência.

Aí vão as laranjas
como eu me ofereci ao álcool
para me anestesiar
e me entreguei às religiões
para me insensibilizar
e me atordoei para viver.

Tudo tenho dado.

Até mesmo a minha dor
e a poesia dos meus seios nus
entreguei-as aos poetas.

Agora vendo-me eu própria.
- Compra laranjas
minha senhora!
Leva-me para as quitandas da Vida
o meu preço é único:
- sangue.

Talvez vendendo-me
eu me possua.

- Compra laranjas!

Agostinho Neto

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ORAL

1. E que tal experimentares uma dramatização expressiva do poema "Quitandeira"? Veste o papel desta mulher e apregoa as laranjas.

Campos Verdes

Os campos verdes, longas serram, ternos lagos
estendem-se harmoniosos na terra tranquila
onde os olhos adormecem temores vagos
acesos mormente sob a dura argila.

Seca, como outrora minguou a doce esperança
quente, imperecível como sempre o amor
sacrificada, sangrada lembrança
do esforço bestial de látego opressor.

Em campos verdes, longas serras, ternos lagos
refulgem ígneas chamas, rubros rugem os mares
cintilando de ódio, com sorrisos em mil afagos

São as vozes em coro na impaciência
buscando a paz, a vida em cansaços seculares
nos lábios soprando uma palavra: independência!

Agostinho Neto

COMPREENSÃO

1. Este texto é mais musical que todos os outros que tens vindo a analisar.

1.1. Retira do texto elementos que comprovem o seu ritmo, a sua sonoridade e a sua musicalidade.

PROPOSTA MUSICAL

"A poesia andou desde sempre associada à música"

1. E que tal experimentares cantar/dançar/ declamar este poema?

Luandino Vieira

Nota Biográfica - Luandino Vieira, pseudónimo literário de José Vieira Mateus da Graça. Nasceu em Vila Nova de Ourém, Portugal, em 4 de Maio de 1935. Veio para Angola aos três anos de idade na companhia de seus pais que eram colonos portugueses. Foi preso em 1959. Voltou a ser preso em 1961 e condenado a 14 anos de reclusão. Solto em 1972, fixou residência em Lisboa, onde trabalhou numa editora. Regressou a Luanda em 1975. Cargos directivos no MPLA. Presidente da Radiotelevisão Popular de Angola. Obra de ficção muito premiada. As suas poesias estão dispersas por publicações periódicas e representadas em várias antologias, das quais uma - No Reino de Caliban - reúne toda a sua obra poética.

Canção para Luanda

A pergunta no ar
no mar
na boca de todos nos:
- Luanda onde está?

Silêncio nas ruas
Silêncio nas bocas
Silêncio nos olhos

- Xê
mana Rosa peixeira
responde?

- Mano
Não pode responder
tem de vender
correr a cidade
se quer comer!

"Ola almoço, ola almoçoéé
matona calapau
ji ferrera ji ferreréé"

- E você
mana Maria quitandeira
vendendo maboque
os seios-maboque
gritando
saltando
os pés percorrendo
caminhos vermelhos
de todos os dias?
"maboque, m'boquinha boa
dóce dócinha"

- Mano

não pode responder
o tempo é pequeno
para vender!

Zefa mulata
o corpo vendido
batom nos lábios
os brincos de lata
sorri
abrindo o seu corpo
- seu corpo-cubata!
Seu corpo vendido
viajado
de noite e de dia.
- Luanda onde está?

Mana Zefa mulata
o corpo-cubata
os brincos de lata
vai-se deitar
com quem lhe pagar
- precisa comer!

- Mano dos jornais
Luanda onde está?
As casa antigas
o barro vermelho
as nossas cantigas
trator derrubou?

Meninos das ruas
caçambulas
quigosas
brincadeiras minhas e tuas
asfalto matou?

- Manos
Rosa peixeira
quitandeira Maria
você também
Zefa mulata
dos brincos de lata
- Luanda onde está?

Sorrindo
as quindas no chão
laranjas e peixe
maboque docinho
a esperança nos olhos
a certeza nas mãos
mana Rosa peixeira
quitandeira Maria
Zefa mulata
- os panos pintados
garridos
caídos
mostraram o coração:
- Luanda está aqui!

Luandino Vieira

PROPOSTA MUSICAL

1. A partir do título do poema compõe uma canção para São Tomé, onde percorras as ruas da cidade apregoando os teus sonhos.

Estrada

Luanda Dondo vão,
cento e tal quilômetros
mangas e cajus
marcos brancos
meninos nus

Branco algodão
crescendo
corpos negros
na cacimba

O Lucala corre
confiante
indiferente à ponte que ignora

Verdes matas
Sangram vermelhas acácias
imbondeiros festejam
o minuto da flor anual

Na estrada
o rebanho alinha
pelo verde
verde capim

Adivinhados
caqui lacraus
de capacete giz
trazem a morte

Meninos
se embalam
em mães velhas
de varizes:

Rios azuis
da longa estrada

E é fevereiro
sardões as sol
Cassoalala

Eia Mucoso
tão cheio agora
Adivinhados
permanecem
lacraus caqui
capacetes giz

Não param as colheitas

Que razão seriam
fevereiro
acácias sangrando vermelho
verdes sisais
cantando o parto
da única flor?

Não param as colheitas!

Luandino Vieira

COMPREENSÃO

1. Em grupo, elabora o questionário de compreensão do texto, não te esquecendo do funcionamento da língua e da expressão escrita.

- **CABO VERDE - JORGE BARBOSA**

Jorge Barbosa

Nota biográfica: O escritor Jorge Vera Cruz Barbosa nasceu em 1902, na Praia (Ilha de Santiago, Cabo Verde), e faleceu em 1971, na Cova da Piedade. Figura das mais prestigiadas da moderna poesia cabo-verdiana, o autor é, historicamente, o anunciador, com a publicação do livro *Arquipélago* (S. Vicente, 1935), da viragem para os "problemas da terra" assumida pelo movimento literário *Claridade*, cujo surgimento, no ano seguinte, acompanhou. De facto, a busca e a caracterização da identidade do povo do seu arquipélago natal são elementos constantes na escrita de Jorge Barbosa.

POEMA DO MAR

O drama do Mar,
O desassossego do mar,
sempre
sempre
dentro de nós!

O Mar!
cercando
prendendo as nossa Ilhas!
Deixando o esmalte do seu salitre nas faces
[dos pescadores,
Roncando nas areias das nossas praias,
Batendo a sua voz de encontro aos montes,
baloiçando os barquinhos de pau que vão
Por estas costas...

O Mar!
pondo rezas nos lábios,
deixando nos olhos dos que ficaram
a nostalgia resignada de países distantes
que chegam até nós nas estampas das
[ilustrações
nas fitas de cinema
e nesse ar de outros climas que trazem os
[passageiros
quando desembarcam para ver a pobreza da
[terra!

O Mar!
a esperança na carta de longe
que talvez não chegue mais!...

O Mar!
Saudades dos velhos marinheiros contando
histórias de tempos passados,
Histórias da baleia que uma vez virou
[canoa...
de bebedeiras, de rixas, de mulheres,
nos portos estrangeiros...

O Mar!
dentro de nós todos,
no canto da Morna,*
no corpo das raparigas morenas,
nas coxas ágeis das pretas,
no desejo da viagem que fica em sonhos de
[muita gente!

Este convite de toda a hora
que o Mar nos faz para a evasão!
Este desespero de querer partir
e ter que ficar!

Jorge Barbosa, Poesias *I*

COMPREENSÃO

- Depois de teres lido atentamente o poema *Poema do Mar* de Jorge Barbosa, responde às seguintes questões.

1. Indica o tema e o assunto do poema.
2. Interpreta o uso da maiúscula em Mar.
3. Identifica as figuras de estilo presentes em, referindo o seu valor expressivo:
3.1. *O Mar! /cercando / prendendo as nossa Ilhas!*
3.2. *de bebedeiras, de rixas, de mulheres,*
4. Menciona, resumidamente, a acção do Mar descrita ao longo do poema.
5. Ao longo do poema, é possível verificar a presença de vários particípios presentes.
5.1. Justifica o seu uso.
6. Explica a por que razão a maior parte das estrofes inicia com *O Mar*.
7. Refere a conclusão a que o sujeito poético chega.

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

1. Escolhe um dos temas seguintes e faz uma composição em prosa ou em verso:
a) MAR: atracção e/ou abismo?
b) Junto ao mar: habitar e/ou fazer férias?
c) Os desportos náuticos: moda e/ou prazer?

IRMÃO

Cruzaste Mares
na aventura da pesca da baleia,
nessas viagens para a América
de onde às vezes os navios não voltam mais.

Tens as mãos calosas de puxar
as enxárcias dos barquinhos no mar alto;
viveste horas de expectativas cruéis
na luta com as tempestades;
aborreceu-te esse tédio marítimo
das longas calmarias intermináveis.

Sob o calor infernal das fornalhas
alimentaste de carvão as caldeiras dos vapores,
em tempo de paz
em tempo de guerra.

E amaste com o ímpeto sensual da nossa gente
as mulheres nos países estrangeiros!

Em terra
nestas pobres Ilhas nossas
és o homem da enxada
abrindo levadas à água das ribeiras férteis,
cavando a terra seca
nas regiões ingratas
onde às vezes a chuva mal chega
onde às vezes a estiagem é uma aflição
e um cenário trágico de fome!

Levas aos teus bailes
a tua
melancolia no fundo da tua alegria,
quando acompanhas as Mornas com as posturas
graves do violão
ou apertas ao som da música crioula
as mulheres amoráveis contra o peito...

A Morna...
parece que é o eco em tua alma
da voz do Mar
e da nostalgia das terras mais ao longe
que o Mar te convida,
o eco
da voz da chuva desejada,
o eco
da voz interior de nós todos,
da voz da nossa tragédia sem eco!
A Morna...
tem de ti e das coisas que nos rodeiam
a expressão da nossa humildade,
a expressão passiva do nosso drama,
da nossa revolta,
da nossa silenciosa revolta melancólica!

A América...
a América acabou-se para ti...
Fechou as portas à tua expansão!

Essas Aventuras pelos Oceanos
já não existem...
Existem apenas
nas histórias que contas do passado,
com o canhoto atravessado na boca
e risos alegres
que não chegam a esconder
a tua
melancolia...
O teu destino...
O teu destino
sei lá!

Viver sempre vergado sobre a terra,
a nossa terra,
pobre
ingrata
querida!

Ser levado talvez um dia
na onda alta de alguma estiagem!
como um desses barquinhos nossos
que andam pelas Ilhas
e o Oceano acaba também por levar um dia!

Ou outro fim qualquer humilde
anónimo...

Ó Cabo-Verdiano humilde
anónimo
— meu irmão!

Jorge Barbosa

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

1. Relaciona o conteúdo deste poema com a obra *Chiquinho* de Baltasar Lopes. Apresenta as tuas conclusões sob a forma de um texto de opinião.

- **GUINÉ-BISSAU - VASCO CABRAL E AMÍLCAR CABRAL**

Vasco Cabral

Nota biográfica: Poeta e activista político guineense nascido em 1926, em Farim, e falecido a 24 de Agosto de 2005, em Bissau. Cursou Ciências Económicas e Financeiras em Portugal e, em virtude da sua actividade política, esteve preso entre 1953 e 1959. De parceria com Agostinho Neto, iniciou em 1961 uma intensa actividade política ligada ao PAIGC. Publicou *A Luta é a Minha primavera* (1981), poemas escritos entre 1951 e 1974.

O Último Adeus Dum Combatente

Naquela tarde em que eu parti e tu ficaste
sentimos, fundo, os dois a mágoa da saudade.
Por ver-te as lágrimas sangrarem de verdade
sofri na alma um amargor quando choraste.

Ao despedir-me eu trouxe a dor que tu levaste!
Nem só o teu amor me traz a felicidade.
Quando parti foi por amar a Humanidade
Sim! foi por isso que eu parti e tu ficaste!

Mas se pensares que eu não parti e a mim te deste
será a dor e a tristeza de perder-me
unicamente um pesadelo que tiveste.

Mas se jamais do teu amor posso esquecer-me
e se fui eu aquele a quem tu mais quiseste
que eu conserve em ti a esperança de rever-me!

Vasco Cabral, *A Luta é a Minha Primavera*

COMPREENSÃO

- Lê, atentamente, o poema «O *último adeus de um combatente*» e responde às seguintes questões:

1. Identifica o tema do texto.
  1.1. Explicita o assunto do texto.
2. Explica, por palavras tuas, o título do texto.
3. Caracteriza o estado de espírito do sujeito poético.
  3.1. Identifica o motivo por ele se encontrar assim.
4. Qual foi o motivo da partida?
  4.1. Tu também farias o mesmo? Justifica a tua resposta

FUNCIONAMENTO DA LÍNGUA

1. Analisa, sintacticamente, a frase: «Eu parti com saudades tuas»
2. Classifica, morfologicamente, as palavras: «mas»; «fui»; «dor».
3. Identifica a figura de estilo presente na frase e explica a sua expressividade:
«…as lágrimas sangrarem de verdade…»

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

«O amor é o mais extraordinário elo de ligação entre os seres humanos. Amamos os pais, os familiares, o próximo ou uma pessoa muito especial. Este precioso sentimento é vivido de modo mais ou menos saudável, de acordo com o indivíduo que o experimenta: amor egoísta, ciumento, louco ou ainda um amor solidário e altruísta.»

1. Num texto cuidado, reflecte sobre o amor.
2. Se preferires, conta uma experiência que recordes com ternura e/ou nostalgia.

Amílcar Cabral

Nota biográfica: Amílcar Cabral nasceu na Guiné-Bissau em 1924 e foi assassinado em Conacri em 1973. Foi o líder do Movimento de Libertação de Cabo Verde e da Guiné-Bissau e fundou o PAIGC. É considerado um ícone da história africana.

Rosa Negra

Rosa.
Chamam-te Rosa, minha preta formosa,
E na tua negrura
Teus dentes se mostram sorrindo.
Teu corpo baloiça, caminhas dançando,
Minha preta formosa, lasciva e ridente
Vais cheia de vida, vais cheia de esperança
Em teu corpo correndo a seiva da vida
Tuas carnes gritando
E teus lábios sorrindo...
Mas temo a tua sorte na vida que vives,
Na vida que temos..
Amanhã terás filhos, minha preta formosa
E varizes nas pernas e dores no corpo;
Minha preta formosa já não serás Rosa,
Serás uma negra sem vida e sofrente,
Serás uma negra
E eu temo a sua sorte.
Minha preta formosa não temo a tua sorte,
Que a vida que vives não tarda a findar...
Minha preta formosa, amanhã terás filhos
Mas também amanhã...
... amanhã terás vida!

Amílcar Cabral

COMPREENSÃO

1. Caracteriza física e psicologicamente a Rosa.
1.1. Justifica a tua resposta com expressões retiradas do texto.
2. Há duas oposições temporais no tempo.
2.1. Identifica-as.
2.2. Caracteriza o tempo futuro.

ALARGAMENTO VOCABULAR SOBRE A PALAVRA VIDA

PROVÉRBIOS:

- Vida regrada, vida prolongada;
- A vida é bela; é preciso saber vivê-la;
- A vida é bela; os homens é que dão cabo dela;
- Só se vive uma vez;
- Vive e deixa viver;
- A vida para uns é mãe; para outros é madrasta;
- Ninguém está bem com a vida que tem;
- A vida dá muitas voltas;
- Cuida da vida que a morte é certa;
- A vida é um « ballet»: só se dança uma vez;
- A morte não marca entrevista;
- Uma boa morte, honra toda uma vida;
- Basta estar vivo, para morrer;
- Uma boa morte, é a melhor sorte;
- Vamos à vida, que a morte está certa, embora em data incerta;
- Tudo na vida quer tempo e medida;
- Quem sabe sorrir sabe viver.

POEMA

Quem é que não se lembra
Daquele grito que parecia trovão?!
– É que ontem
Soltei meu grito de revolta.
Meu grito de revolta ecoou pelos vales mais
[longínquos da Terra,
Atravessou os mares e os oceanos,
Transpôs os Himalaias de todo o Mundo,
Não respeitou fronteiras
E fez vibrar meu peito...

Meu grito de revolta fez vibrar os peitos de todos
[os Homens,
Confraternizou todos os Homens
E transformou a Vida...

... Ah! O meu grito de revolta que percorreu
[o Mundo,
Que não transpôs o Mundo,
O Mundo que sou eu!

Ah! O meu grito de revolta que feneceu lá longe,
Muito longe,
Na minha garganta!

Na garganta de todos os Homens

Amílcar Cabral

COMPREENSÃO

1. Descreve o estado de espírito do sujeito poético.
1.1. Por que motivo estará assim?
2. Identifica a figura de estilo presente em "Meu grito de revolta ecoou pelos vales mais longínquos da Terra,/Atravessou os mares e os oceanos,/ Transpôs os Himalaias de todo o Mundo,/Não respeitou fronteiras …"
2.1. Refere o seu valor expressivo.

- **MOÇAMBIQUE – NOÉMIA DE SOUSA**

Noémia de Sousa

Nota biográfica - Escritora moçambicana, Carolina Noémia Abranches de Sousa Soares nasceu a 20 de Setembro de 1926, em Lourenço Marques (hoje Maputo), Moçambique, e faleceu a 4 de Dezembro de 2002, em Cascais, Portugal. A sua poesia, desde logo, se mostrou "cheia" da "certeza radiosa" de uma esperança, a esperança dos humilhados, que é sempre a da sua libertação. Toda a sua produção é marcada pela presença constante das raízes profundamente africanas, abrindo os caminhos da exaltação da Mãe-África, da glorificação dos valores africanos, do protesto e da denúncia.

Se me quiseres conhecer

Se me quiseres conhecer,
Estuda com olhos de bem ver
Esse pedaço de pau preto
Que um desconhecido irmão maconde
De mãos inspiradas
Talhou e trabalhou em terras distantes lá do norte.

Ah! Essa sou eu:
órbitas vazias no desespero de possuir a vida
boca rasgada em ferida de angustia,
mãos enorme, espalmadas,
erguendo-se em jeito de quem implora e ameaça,
corpo tatuado feridas visíveis e invisíveis
pelos duros chicotes da escravatura...
torturada e magnífica
altiva e mística,
África da cabeça aos pés,
– Ah, essa sou eu!

Se quiseres compreender-me
Vem debruçar-te sobre a minha alma de África,
Nos gemidos dos negros no cais
Nos batuques frenéticos do muchopes
Na rebeldia dos machanganas
Na estranha melodia se evolando
Duma canção nativa noite dentro

E nada mais me perguntes,
Se é que me queres conhecer...
Que não sou mais que um búzio de carne
Onde a revolta de África congelou
Seu grito inchado de esperança.

Noémia de Sousa

COMPREENSÃO

- Depois de leres atentamente o texto, realiza os seguintes exercícios.

1. Identifica o tema e o assunto do texto.
2. Caracteriza o sujeito poético do texto.
2.1. Justifica com expressões do texto.
3. Depois de teres lido o texto, comprova a ideia de que a estrutura deste texto é repetitiva.
3.1. Justifica a tua resposta com passagens do texto.
4. "Que não sou mais que um búzio de carne/Onde a revolta de África congelou/Seu grito inchado de esperança."
4.1. Explica o sentido desta frase.
5. Este poema assemelha-se a um texto de carácter autobiográfico.
5.1. Retira elementos que comprovem esta afirmação.

ACTIVIDADE DE EXPRESSÃO ESCRITA

"Há palavras que fazem bater mais depressa o coração. Todas as palavras, umas mais que outras, qualquer mais que todas. Conforme os lugares e as posições das palavras, segundo o lado do sol, ou o lado onde não dá o sol. Cada palavra é um pedaço que falta ao universo".

Almada Negreiros

Todos sabemos que a escrita é não só um instrumento de comunicação, mas também uma forma de expressar a criatividade.

Muitos são aqueles que usufruem do prazer da escrita, criando textos das mais diversas tipologias.

Entrar no mundo da imaginação é o que se pretende com a escrita criativa.

Aquilo que devemos fazer é deixar-nos levar pelas palavras e sermos felizes!

1. Imagina que és um cozinheiro de palavras, cria uma receita de palavras utilizando ingredientes disparatados.
2. Depois de leres a receita que se segue, sublinha todos os verbos que encontrares.
Reescreve a receita sem repetir nenhum verbo.
Posteriormente procura sinónimos para esses mesmos verbos.

Doce de café

Demolhe as folhas de gelatina em água fria e forre uma forma rectangular com película aderente. Ferva o leite. Junte a maizena com metade do açúcar, as gemas e o café. Mexa bem, junte o leite e a gelatina escorrida e leve a lume brando, em banho-maria, para engrossar. Bata as natas, junte o restante açúcar e a baunilha e junte ao preparado anterior. Verta na forma, leve ao congelador durante duas horas, até ficar bem firme. Desenforme, sirva com o molho de baunilha, decore com grãos de chocolate e polvilhe com chocolate em pó.

4. « Aquilo que devemos fazer é deixar-nos levar pelas palavras e sermos felizes.»
4.1. Elabora um texto de opinião sobre a felicidade.
5. Redige um texto expressivo, partindo destes versos « o nosso mundo é este… / mas há-de ser outro.

BIBLIOGRAFIA

OBSERVAÇÃO:
A presente compilação foi elaborada com base em textos e exercícios de autoria própria, em livros, manuais escolares da 10ª e 11ª classes, bem como em *sites.*

Os livros e manuais utilizados foram os seguintes:

- AAVV. (2006), *Das Palavras aos Actos – Português 11º ano*, Porto: Asa Editores
- AAVV (2007), *Expressões – Português 10º ano*, Porto: Porto Editora
- AAVV (2007), *Novo Ser em Português 10,* Lisboa: Areal Editores
- ALVES, F., MOURA, G.(2003), *Página Seguinte – Português 10º ano,* Lisboa: Texto Editora
- ALVES, F. E MOURA, G. (2004), *Página Seguinte – Português 11º ano*, Lisboa: Texto Editores
- COSTA, F., MAGALHÃES, O. (2007), *Entre Margens – Português 10º ano,* Porto: Porto Editora
- COSTA, F., MAGALHÃES, O. (2010), *Entre Margens – Português 10º ano,* Porto: Porto Editora
- COSTA, F., MAGALHÃES, O. (2009), *Entre Margens – Português 11º ano*, Porto: Porto Editora
- FUNDAÇÃO CALOUSTE GULBENKIAN (s/d), *Caderno de Apoio – Ensino pré-universitário 11ª classe*
- LANÇA, G. e JACINTO, C. (2004), *Comunicar – Português 11º ano,* Porto: Porto Editora
- MATA, Inocência (2010), *Polifonias Insulares – Cultura e Literatura de São Tomé e Príncipe*, Lisboa: Edições Colibri
- PIRES, L. (1995), *Literaturas Africanas de Expressão Portuguesa*, Lisboa: Universidade Aberta
- SANTO, Alda E. (2006), *O Coral das Ilhas*, São Tomé: UNEAS

Os *sites* utilizados foram os seguintes:

- http://caminhosdamemoria.wordpress.com/2010/03/11/alda-espirito-santo-1926-2010
- http://lusofonia.com.sapo.pt/
- http://muse.jhu.edu/login?uri=/journals/research_in_african_literatures/v038/38.1hamilton03.html
- http://www.revista.agulha.nom.br/ceciliameireles01.html
- http://www.tvcultura.com.br/aloescola/literatura/ceciliameireles/index.html